

A detailed oil painting of an elderly man, Shinran, with a shaved head and a white beard. He is wearing a dark, textured robe with a white scarf draped around his neck. The background is a muted, dark greenish-grey. The text is overlaid on the image.

SUA VIDA
E PENSAMENTO

SHINRAN

NORIHICO KIKUMURA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SHINRAN

Sua Vida e Pensamento

NORIIHIKO KIKUMURA

Tradução de Ricardo Sasaki & José Carlos Reis

Edições Nalanda, 2014

Copyright © 1972 Norihiko Kikumura.

Copyright da edição em língua portuguesa © 2014 Ricardo Sasaki

Direitos de publicação desta edição em língua portuguesa cedidos a Edições Nalanda.

Direitos de publicação desta edição em língua portuguesa cedidos a Edições Nalanda.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou traduzida sob qualquer forma ou meio sem a permissão escrita dos detentores do copyright.

Uma publicação do:

Centro de Estudos Buddhistas Nalanda

r. Albita 194/701 - Cruzeiro - Belo Horizonte - MG

30310-160 - Brasil - tel: (031) 9651.6369

<http://nalanda.org.br/> | email: nalanda@nalanda.org.br

OUTRAS OBRAS DE EDIÇÕES NALANDA

Jóias Raras do Ensino Budista

Passo a Passo: Meditações sobre a Sabedoria e a Compaixão

Pensando o Budismo

A Causa do Sofrimento na perspectiva budista

O Centro Dentro de Nós

Céu Azul Verde Mar: Noções sobre o Budismo Coreano

Revista Sati: volume 1 (Integrando Estudo e Prática)

Amando e Morrendo: Uma visão budista sobre a morte

O Esqueleto de uma Filosofia da Religião

Shinran: Sua Vida e Pensamento

Índice

SHINRAN

Índice

INTRODUÇÃO

Os Ensinamentos da Terra Pura e Shinran

1. O vilarejo de Hino
2. Vivendo em Kyōto
3. Monte Hiei
4. O Templo Rokakku
5. Yoshimizu - a religião da seleção
6. O Dia da Condenação
7. Echigo
8. A Aldeia de Sanuki na Província de Kōzuke
9. Escrevendo o Kyōgyōshinshō
10. O Mundo do Tannishō
11. Nascer na Terra Pura

Agradecimentos do Autor

Nota do Tradutor

Edições Nalanda

Outros Títulos de Edições Nalanda

INTRODUÇÃO

Shinran Shōnin é considerado o fundador do Jōdo Shinshu, do qual o grande erudito D. T. Suzuki escreveu:

De todos os desenvolvimentos que o Budhismo Mahāyāna conquistou no Extremo Oriente, o mais extraordinário é o ensinamento Shin da escola da Terra Pura.

Shinran Shōnin é o nome completo e o título pelo qual o fundador do Jōdo Shinshu é reverenciado, porém, frequentemente, ele é designado somente como Shinran. Shōnin significa pessoa humilde e pura, e é um honorífico dado a Shinran pelos seus discípulos; Shinran nunca o usou para se referir a si mesmo.

Shinran usou cinco nomes durante sua vida. Isso era uma prática comum durante aquele período quando nomes eram trocados por ocasião de importantes eventos. A tradição diz que lhe foi dado o nome Matsuwakamaru ao nascer. Por ter recebido o hábito de monge aos 8 anos, foi lhe concedido o nome de Hannen. Foi-lhe dado o nome Zenshinshō Shakku na idade de 28 anos, quando o mestre Hōnen o admitiu como discípulo. Quando foi exilado pelo governo, aos 34 anos, ele foi forçado a assumir o nome secular de Fujii Yoshizane.

O nome Shinran foi escolhido depois de muitos anos. Em nenhum lugar Shinran falou sobre a razão de ter escolhido este nome, porém, estudiosos creem que ele tenha se identificado doutrinalmente com duas importantes figuras budhistas: Tenjin (*Tenshin*) Bosatsu e Donran Daishi.

Tenjin Bosatsu foi um sábio monge budhista que é mais conhecido fora do Japão pelo seu nome indiano de Vasubandhu. Tenjin foi o nome dado para Vasubandhu quando suas primeiras obras foram traduzidas para o chinês. Mais tarde, um erudito atribuiu caracteres chineses para Vasubandhu que, em japonês, é lido Sesshin, e esse é o modo pelo qual ele é frequentemente designado no Japão pelas outras denominações budhistas. Como Shinran usou textos onde Vasubandhu é chamado de Tenjin, entretanto, é desse modo que ele é conhecido no Shinshu. Tenjin Bosatsu nasceu aproximadamente em 320 da era moderna e morreu por volta do ano 400. Ele enfatizou a fé sincera no Voto Causal do Buddha Amida. O seu trabalho mais conhecido é o *Jōdoron* (Discursos sobre a Terra Pura) em um volume.

T'an-luan foi um sábio monge chinês e, no Japão, é conhecido como Donran Daishi. Ele viveu entre 476 e 542 d.C. Donran ensinou que a iluminação por meio de *jiriki* (esforço por si próprio) é um caminho difícil que só poucos podem conseguir, enquanto a iluminação por meio de *tariki* (o poder centrado no Buddha) era um caminho que poderia ser seguido por pessoas comuns. Sua obra mais conhecida é o *Ōjōronchu* (*Comentário sobre o Jōdoron de Tenjin*).

Shinran selecionou sete notáveis monges-sábios budhistas como seus antepassados espirituais e celebrou-os em seu *Shōshinge* (*Hinos sobre a Verdadeira Fé*). Dos sete, Tenjin Bosatsu foi o segundo antepassado espiritual e Donran Daishi, o terceiro.

Quando Shinran anunciou seu nome, ele foi seguido pelo seu próprio título de *gutoku*, que significa “ignorante de cabelo curto”. São muitos os comentários que tentam explicar o significado desse título, porém, são todos especulativos; Shinran nunca explicou porque ele o escolheu. De todos os escritos de Shinran em seus últimos anos ele usou o nome e título de *Gutoku Shinran*.

Seiscentos anos após sua morte, o imperador Meiji conferiu o nome e o título de Kenshin Daishi para Shinran. Esse nome significa “Grande Mestre, Profeta da Verdade”.

A escola do Buddhadharma [1] atribuída a Shinran é chamada *Jōdo Shinshu*. *Jōdo* significa Terra Pura, que é um lugar criado pelo Buddha Amida, onde as condições são ideais para obter a iluminação. Mas o termo também se refere à escola budhista que ensina que nascer na Terra Pura é o caminho ideal para atingir a iluminação. O *shin* de Shinshu significa “verdadeiro”, e é um caracter diferente daquele que aparece no nome de Shinran. *Shu* é frequentemente traduzido como denominação ou escola, mas também tem o sentido de “ensinamento”. Assim, *Shinshu* é usualmente aceito como significando “verdadeiro ensinamento”. O significado completo de *Jōdo Shinshu*, portanto, é alguma coisa semelhante a “O verdadeiro ensinamento da Escola da Terra Pura”.

[1] *Há uma crescente consciência entre os seguidores do ensinamento do Buddha de que os termos usados para expressar sua tradição em inglês foram formulados por aqueles que não eram seguidores desta tradição. Vários dos antigos livros escritos sobre a tradição budhista foram escritos por missionários cristãos em países budhistas, os quais, consciente ou inconscientemente, foram treinados para mostrar que esta doutrina era inferior à deles próprios. O nome ‘Buddhismo’ foi inventado por essas pessoas, e agora se compreende ter uma conotação menos que desejável (ismo: um sufixo formador de substantivo, geralmente pejorativo). A palavra em japonês é Bukkyo ou Butsu-Kyo (Butsu, Buddha; kyo, ensinamento), desta forma, Buddhadharma tem sido sugerido com o mais apropriado nome em inglês. Dharma é uma palavra sânscrita que significa lei ou ensinamento.*

A Sangha budhista dos Estados Unidos, um grupo composto predominantemente de descendentes de japoneses organizados para preservar o ensinamento de Shinran nos Estados Unidos, tem se esforçado por usar a palavra Buddhadharma com referência ao seu ensinamento, como também usar a palavra sânscrita sangha (Comunidade) em seu nome.

Devido aos volumosos e extensos escritos de D.T. Suzuki, a maioria dos não japoneses tem no mínimo escutado sobre a escola Zen do Buddhadharma, que no Japão é conhecida por *Zenshu*. A maneira equivalente para designar o ensinamento de Shinran em japonês é *Shinshu*, e uma forma simples é chamar os dois ensinamentos de *Zen* e *Shin*.

D.T. Suzuki escreveu diversas obras em inglês dedicadas ao Shin e traduziu os quatro primeiros capítulos da principal obra literária de Shinran, o *Kyōgyōshinshō* (*Ensinamento, Prática, Fé e Realização*) para o inglês. Em seus últimos anos, Suzuki lamentou que, embora quisesse apresentar os ensinamentos do Shinshu mais completamente para o mundo cristão, isto não seria possível devido aos poucos anos que lhe restavam. Ele também se sentia infeliz pelo seu emprego do termo “misticismo” em relação ao Shinshu.

Aparentemente, há alguma semelhança entre o Shinshu e o Cristianismo, mas como Suzuki claramente observa, eles são fundamentalmente diferentes. O Shin, assim como o Zen, tem em Suzuki um eloquente porta-voz.

Brevemente, os ensinamentos do Shinshu podem ser resumidos do seguinte modo: Aqueles que experimentaram o Voto Causal do Buddha Amida (*hongan*, também chamado de Voto Original) e recitam Seu nome (*Namuamidabutsu*) atingirão o estágio de *shōjōjufutai* (o grau de garantia de nascimento na Terra Pura, do qual não há retrocesso). Este estágio assemelha-se à “entrada na corrente” na tradição Theravāda do Buddhadharma. Alcançar este estágio resulta em *anjin*, que literalmente significa “paz da mente”.

Experenciar o Voto Causal do Buddha Amida é frequentemente expresso como o ato de ter “fé” nele. A palavra em japonês é *shin* ou *shinjin*, a qual contém vários dos significados da palavra fé; contudo, essa fé não é a mesma da concepção cristã tradicional de fé. O uso dessa palavra é, portanto, enganador, embora uma mais adequada não tenha sido encontrada em inglês. Buddhadharma não é um esforço

intelectual; ele é baseado na experiência e, assim, a palavra “experiência” parece ser muito mais próxima para descrever nosso relacionamento com o Voto Causal do Buddha Amida.

O estágio de *shōjōjufutai*, no qual é assegurado o não retrocesso, não é o equivalente moral de tornar-se um santo. Ao contrário, ele é um estado de consciência, e não é impossível que você cometa um crime depois de ter alcançado este estágio, embora a probabilidade seja muito pequena. Contudo, isso não é problema de ninguém, importando somente a você se atingiu *shōjōjufutai* ou não. Talvez, uma afirmação que pode ser feita sobre *shōjōjufutai* é que se você diz que o alcançou, você não o alcançou. Por outro lado, aqueles que falam que *não* o alcançaram, provavelmente também não o alcançaram.

A visão tradicional da Terra Pura é que ela é um lugar onde as condições são ideais para praticar os exercícios espirituais que são exigidos para atingir o nirvāna. Por causa do mundo em que vivemos exigir que trabalhem para nos manter, que cuidemos de nossos pais e filhos, não sobra tempo para a solidão necessária para aqueles que desejam continuar a vida espiritual. Por isso, o Buddha Amida criou a Terra Pura, onde todas as preocupações mundanas são colocadas de lado e podemos concentrar nossos esforços na obtenção da iluminação do nirvāna. Mesmo na Terra Pura, a lei básica de causa e efeito (karma) não pode ser deixada de lado. Somente se você disciplinar a si mesmo nas práticas religiosas que conduzem à iluminação é que você se iluminará.

A contribuição de Shinran para a doutrina da Terra Pura foi o de igualar o nascimento na Terra Pura com a própria iluminação. Aparentemente, isso parece negar o karma, o qual requer que trabalhem por nossa própria iluminação, mas este não é o caso. O Buddha Amida criou sua Terra Pura depois de praticar austeridades por cinco éons. Desta forma, a iluminação da Terra Pura é o benefício conferido a nós, onde o karma infinito do Buddha Amida envolve nosso pequeno karma. Essa foi a verdadeira intenção do Buddha Amida na criação da Terra Pura.

Associado com a mudança de concepção da Terra Pura no Shinshu, está a mudança de significado da palavra *Nembutsu*. *Nembutsu* literalmente significa “pensar no Buddha” (*nen*: pensar, *butsu*: Buddha). Originariamente, *Nembutsu* se referia à prática da concentração no corpo do Buddha, que era uma disciplina ascética usada para se empenhar em direção à iluminação. Essa prática foi posteriormente modificada para incluir a recitação do nome do Buddha Amida em um esforço para obter os benefícios de dirigir sua atenção ao Buddha. Com a consciência de que a verdadeira intenção do Buddha Amida em criar a Terra Pura era a iluminação de todos, e que *shinjin* era a única coisa importante, o *Nembutsu* passou a significar a recitação do nome do Buddha Amida (*Namuamidabutsu*) em agradecimento. Enquanto que o *Nembutsu* era usado como uma prática a ser seguida como um esforço em atingir a iluminação, no Shinshu ela é considerada como sendo um modo de expressar gratidão ao Buddha Amida pelo estabelecimento de condições para nossa completa iluminação.

Embora seja inevitável que se faça comparações entre o Buddha Amida e Deus, existem muitas diferenças entre eles. De forma alguma o Buddha Amida criou o mundo ou o homem, nem é ele o autor da lei moral.

Entretanto, os ensinamentos do Shinshu não são o aspecto importante. Como em todas as escolas budistas, a doutrina deve ser transcendida para a esfera da experiência. Aquilo que manteve o Shinshu por 700 anos é a experiência viva de multidões de japoneses.

O nome usualmente dado para aqueles que experimentaram o modo de viver do Shinshu é *myōkōnin* (pessoa maravilhosa e pura). Em seu *Mysticism: Christian and Buddhist*, D. T. Suzuki tenta descrever a

sabedoria Shinshu pela tradução de cerca de 150 poemas escritos por um *myōkōnin* chamado Saichi. Porém, Saichi é único à medida que expressou seus sentimentos em poema. A maioria dos *myōkōnin* do passado era analfabeta e nossos únicos registros sobre eles são histórias de incidentes em suas vidas que nos chegaram até nós. Com a grande diminuição do analfabetismo no Japão, isso já não é mais problema. Há muitos *myōkōnin* atualmente que provavelmente serão famosos depois de suas mortes. Muitos *issei* (japoneses da primeira-geração) pioneiros nos Estados Unidos serão também lembrados.

O Shinshu tem aproximadamente 20 milhões de devotos e é a maior escola no Japão. Ele é dividido em dez importantes ramificações das quais duas são individualmente bem maiores que as oito combinadas. Estas duas importantes ramificações são a Hompa Honganji e a Ōtani Honganji, geralmente referidas como Nishi Honganji e Higashi Honganji, respectivamente. *Honganji* quer dizer “Templo do Voto Causal”. *Nishi* significa oeste e *higashi*, leste; isto é devido ao fato dos principais templos das duas ramificações estarem localizados a poucos blocos um do outro na cidade de Kyoto, e o complexo de edifícios do Nishi Honganji estar a oeste do complexo do Higashi Honganji.

Há muitas razões históricas interessantes para a divisão do Shinshu nas dez ramificações existentes. No momento, pode ser de interesse notar que a divisão do Nishi e Higashi Honganji ocorreu no final do século 16, durante o período conhecido como *Sengokujidai* (Período das Províncias Guerreiras). O abade do Honganji naquele tempo era o 11º Patriarca, Kennyō, e a sede principal de ensino era em Ishiyama, a atual Ōsaka. A despeito do estado de quase anarquia no resto do Japão, o templo de Ishiyama manteve-se solidamente como um lugar de refúgio espiritual para todos que o procuravam.

De um ponto de vista militar, o Templo de Ishiyama estava localizado em uma posição muito estratégica, e muitos senhores feudais estavam ansiosos por dominar o território em que ele se achava. Um senhor que particularmente desejava este território foi Oda Nobunaga. Quando Kennyō recusou a exigência de Nobunaga para entregar o Templo de Ishiyama, Nobunaga o cercou. Porém, os defensores do Honganji por todo o Japão reuniram-se para defender o templo e foram capazes de deter as tropas de Nobunaga por dez anos. Finalmente, as tropas de Nobunaga tornaram-se fortes demais para serem detidas e, para evitar um desnecessário derramamento de sangue, Kennyō decidiu retirar-se para um novo lugar chamado Saginomori, próximo à moderna cidade de Wakayama.

O filho mais velho de Kennyō, Kyōnyō, que deveria suceder seu pai como o líder espiritual do Honganji, recusou seguir a direção de seu pai. Em vez disso, Kyōnyō preferiu ficar e defender o Templo de Ishiyama e muitos permaneceram com ele. O grupo do Honganji que seguiu Kennyō, o qual foi sucedido por seu segundo filho Junnyō, tornou-se o que é atualmente o Nishi Honganji, e o grupo que ficou com Kyōnyō tornou-se o que é atualmente o Higashi Honganji. O mundialmente famoso Castelo de Ōsaka situa-se no local onde ficava o antigo Templo de Ishiyama.

A maior parte dos templos Shinshu nos Estados Unidos são associados com o ramo Nishi Honganji, embora não existam diferenças doutrinárias importantes entre ele e o ramo Higashi Honganji.

Os líderes espirituais dos dois maiores ramos do Shinshu são sempre descendentes de Shinran. Atualmente, o *Monshu* do Nishi Honganji é Kōshō Ōtani, 23º descendente de Shinran, e o *Hosshu* do Higashi Honganji é Kōchō Ōtani, 24º descendente.

Pode ser apropriado neste momento completar as explicações de uma nota de rodapé anterior e dizer que a terminologia usada na discussão do Buddhadharma em inglês pode ser um problema, porque alguns

puristas opõem-se a misturar termos budistas de diferentes línguas num mesmo trabalho. Os termos usados dependem, em grande extensão, de em qual país se deu o desenvolvimento do Buddhadharma que você deseja examinar.

Seria justo usar somente termos japoneses quando descrevendo um aspecto particular do desenvolvimento japonês do Buddhadharma, como neste livro. Contudo, embora termos tais como *nirvāna* e *karma* serem palavras sânscritas, elas são agora parte da língua inglesa. Até dicionários de bolso as explicam. A palavra japonesa para *nirvāna* é *nehan*, que é somente uma transliteração daquela palavra. Isso não poderia ser mais uma confusão, isto é, usar *nehan* e explicar o que ela significa, quando a palavra *nirvāna* já é bem mais conhecida? A palavra japonesa para *karma* é *gō*. Será que essa palavra, estranha à língua inglesa, deveria ser usada no lugar de *karma*? E, a seguir, vem o problema de como chamar o Buddha. Em japonês, Ele é designado como *Hotoke* ou *Butsu*, quando combinado para formar uma palavra composta.

Associado com o problema de qual terminologia usar é a questão dos nomes. Como um exemplo, um filósofo budista seminal, que teve tremenda influência sobre o pensamento budista em vários países, é Ryūju Bosatsu, que é o nome pelo qual é conhecido no Japão. Na China, contudo, ele é conhecido como Lung-shu, e na Índia é conhecido pelo nome que usou para si próprio, Nāgārjuna. A resposta para esse problema poderia ser chamar um indiano pelo seu nome indiano, um chinês pelo seu nome chinês e um japonês pelo seu nome japonês. Contudo, isso não é muito simples, particularmente no desenvolvimento japonês do Buddhadharma onde há uma imensa literatura que usa somente a transcrição japonesa de nomes chineses e indianos.

Provavelmente, a única solução razoável é o uso que é corrente na língua inglesa atualmente. Isso é uma questão de julgamento e algo que somente o gosto do autor pode decidir. Nesta biografia de Shinran o uso de termos budistas especializados é mantido ao mínimo; quando eles são necessários, contudo, os termos japoneses serão frequentemente usados, mas nem sempre.

Uma convenção que é usada neste livro é aberta à crítica: sempre que uma obra literária japonesa for mencionada no texto e seu título traduzido para o inglês, somente obras modernas são mencionadas por seu equivalente em inglês; as obras tradicionais continuam sendo designadas pelos seus títulos japoneses.

Associado com a convenção acima está o modo em que os nomes são mencionados. O modo tradicional de escrever nomes japoneses é o sobrenome seguido pelo primeiro nome. Esse sistema foi seguido para os personagens históricos. Quando nomes japoneses modernos são mencionados, no entanto, eles são apresentados no modo ocidental: primeiro nome seguido pelo sobrenome. Essa forma provavelmente não satisfará a todos, mesmo a ninguém, mas se referir ao ditador militar do século XVI como Nobunaga Oda simplesmente não parece correto.

Aqueles que criticam a mistura desses dois sistemas desejarão perguntar como será decidido quem é personagem histórico e quem é personagem contemporâneo. Uma resposta exata não pode ser dada. Esse é o “paladar” do autor que irá decidir.

Outra convenção usada neste livro se refere à maneira de expressar as eras. No Japão, as pessoas são consideradas como tendo um ano quando nascem, e sua idade é automaticamente aumentada em um ano no dia do Ano Novo. Uma criança nascida em 31 de Dezembro é considerada como tendo dois anos um dia depois de nascer. Por essa razão, quando um escritor japonês menciona idades e datas conjuntamente, as duas nem sempre parecerão concordar para um não japonês. Quando um escritor japonês é citado sobre tal assunto neste livro, então, a idade será trocada para corresponder com o modo ocidental de contar a

idade, embora puristas possam argumentar que a tradução, deste modo, torna-se inexata.

Para concluir esta introdução um tanto errática, por ser este livro escrito com um leitor ocidental em mente, muitos honoríficos associados aos nomes, como é tradicional no Japão, foram eliminados. Isto não significa, contudo, que eu não sinta respeito pelos indivíduos mencionados; portanto, neste ponto, eu gostaria de prestar homenagem, primeiro para Shinran Shōnin, depois para os Sete Patriarcas do Jōdo Shinshu e, finalmente, para todas as pessoas mencionadas em minha narração.

Os Ensinamentos da Terra Pura e Shinran

por Daiei Kaneko, professor emérito, Universidade Otani

A essência dos ensinamentos da Terra Pura pode ser resumida com a declaração: Se você confiar no Voto Causal do Buddha Amida (*hongan*) e recitar seu nome *Namuamidabutsu*, você obterá o nascimento na Terra Pura.

Esse é o ensinamento que Shinran recebeu de seu mestre Hōnen, cujo principal trabalho literário foi o *Senjaku Hongan Nembutsu Shū* (*Uma Coleção de Passagens Seleccionadas Sobre o Voto Causal*). A palavra *senjaku*, no título do trabalho de Hōnen, significa “selecionar” ou “seleccionado”.

No século sete, o erudito monge chinês Dōshaku (Tao-ch’o em chinês) formulou dois termos que ele disse representar os caminhos de obtenção da iluminação no Buddhadharma: *Shōdomon* (A Senda dos Sábios) e *Jōdomon* (A Senda da Terra Pura). A Senda dos Sábios é o termo usado para indicar o caminho para se transformar num Buddha; ele é o caminho que se esforça por tornar este mundo o mundo do Buddha. Esse sentimento é o espírito que inspirou o ensinamento original do Buddhadharma.

A “seleção” que Hōnen efetuou no trabalho mencionado acima, foi descartar a Senda dos Sábios e eleger a Senda da Terra Pura. Hōnen ensinou que a iluminação não pode ser atingida neste mundo, e que nada há a fazer exceto confiar no Voto do Buddha Amida como a causa de nosso nascimento em sua Terra Pura, onde atingiremos a iluminação.

Hōnen afirmou claramente que as escolas da Senda dos Sábios que ele rejeitava eram a Kegon, Tendai, Shingon e Zen de sua época, e que a Senda da Terra Pura era algo completamente diferente. Seu ensinamento atraiu as massas daquela época, provavelmente porque ele havia transcendido o ódio natural para com a pessoa que matou seu pai, e essa atitude iluminada foi a base de seu ensinamento.

Sem dúvida, Shinran desejava também um lugar onde pudesse encontrar com seus pais, dos quais havia se separado em idade precoce, pela morte deles. Esse não foi um problema unicamente para Hōnen e Shinran, mas foi um problema confrontado por todas as pessoas daquela época, porque foi um período de constante guerra onde irmão lutava contra irmão e tio contra sobrinho.

Enquanto existir amor e ódio, a guerra nunca será erradicada. A guerra não sendo erradicada, o mundo nunca se tornará num lugar pacífico. Porém, pode o homem viver e agir sem amar e odiar? Parece que vivemos num mundo onde, embora todos desejem isso, somos, entretanto, quase que incapazes de produzir a paz. Mas, quando falamos: “Apesar de não ser capaz de fazer alguma coisa, eu não posso desistir de minha busca por um mundo perfeito”, nossa busca espiritual se inicia. Embora sabendo que um mundo ideal não exista, é ainda impossível abandonar o desejo por ele.

A Terra Pura é uma resposta a esse desejo. Ela tem sido expressa como sendo o lugar onde sentimentos de ódio dissipam-se, e aqueles que tenham sido forçados a se separar são capazes de se reunir novamente.

A Terra Pura não é um lugar que seja diferente de nosso mundo ordinário. É um mundo superior que cerca o mundo em que vivemos. Embora expressa como sendo o mundo por vir, ela não é um mundo que surgirá no tempo; ela é o mundo do futuro transcendente, como Shinran tornou claro.

Shinran se referiu à Terra Pura como “imutável” (ou estabelecido) mundo do nirvāna” (*muinehankai*) e

“mundo da luz iluminada” (*muryōkōmeidō*). Para aqueles que suplicam nascer na Terra Pura, raios de luz da Terra Pura cintilam sobre a ignorância deste mundo e este é envolvido pela virtude da Terra Pura. Mesmo a aflição do amor e do ódio é iluminada. Esse é um benefício imediato concedido àqueles que pedem a iluminação no mundo vindouro. Não é um benefício no presente baseado numa rejeição da iluminação no futuro. Ao contrário, é um benefício que é concedido unicamente para aqueles que desejam a iluminação na Terra Pura, e é um benefício imediato no verdadeiro sentido.

No *Tannishō* (*Notas Sobre a Lamentação das Diferenças*) ele diz:

No momento em que acreditamos que nasceremos na Terra Pura pela virtude inconcebível do Voto de Amida, e surge dentro de nós o desejo de recitar o *Nembutsu*, nós somos abençoados com o benefício de sermos abraçados e não abandonados.

Este benefício de “ser abraçado e não abandonado” significa se alimentar na luz do Buddha Amida.

A segunda coisa que Hōnen tirou fora em sua “seleção” foi o abandono das disciplinas religiosas que, para ele, significava todas as práticas muito árduas descritas nos sūtras budistas. De acordo com o ensinamento original do Buddhaharma, muitos preceitos budistas (*kairitsu*) devem ser seguidos de modo a atingir a iluminação. Mas Hōnen ousadamente declarou que, para se conseguir nascer na Terra Pura, nenhuma daquelas práticas eram necessárias. Em seu *Ichimai Kishomom* (*Afirmção de Uma Página*) ele escreve:

O que eu ensino não é a meditação sobre o Buddha como é recomendado pelos mestres da China e do Japão, nem os instruo a chamar pelo nome do Buddha Amida a partir de uma compreensão adquirida de estudos de seu significado. Ao contrário, eu os ensino a chamar pelo nome de Amida, *Namuamidabutsu*, sem duvidar de que atingirá o nascimento na Terra Pura. Nada além é necessário.

Em outras palavras, você não necessita de uma base teórica para recitar o nome do Buddha Amida, nem precisa acalmar sua mente e se preparar para recitá-lo. Tudo de que necessita é recitar o nome *Namuamidabutsu*; é o que *Senshu Nembutsu* (exclusiva prática do Nembutsu) significa.

Essa explicação do Nembutsu pode até parecer um exemplo exagerado. Depois de escutar essa afirmação desse modo é até compreensível que alguns concebam o Nembutsu como um encantamento ou uma mágica, igual a palavra *alakazam*. O grande mestre Zen Dōgen disse certa vez que o som do Nembutsu não é diferente do grasnar de uma rã.

Contudo, para aqueles que desejam sinceramente o nascimento na Terra Pura, o ensinamento de Hōnen penetrará até o âmago de seu ser, pois desejar sinceramente nascer na Terra Pura significa que a existência humana tornou-se um problema para você. Usamos termos como sabedoria e moralidade, porém são termos úteis somente quando *falamos* da condição humana; quando chegamos ao sentido da vida ou a vida *em si*, no entanto, esses termos não têm qualquer valor que seja. Então, sabedoria e moralidade tornam-se elas mesmas o problema.

Na Senda dos Sábios, a existência é também considerada como sendo o problema a ser resolvido; contudo, naquele caso, a resposta é procurada pela renúncia da vida mundana e separação de si mesmo em relação ao mundo de amor e de paixão. Mas pode o problema da existência realmente ser resolvido pelo abandono do mundo? Ambos, Hōnen e Shinran, estavam agudamente cientes da dificuldade em buscar a iluminação desse modo.

É possível dizer que a questão religiosa é uma procura por uma resposta ao problema da existência. *Namuamidabutsu*, expresso por nossas bocas, é a expressão daquela procura.

Recitar *Namuamidabutsu* em voz alta significa clamar pelo Buddha Amida, o Ilimitado. A busca religiosa é ilimitada; ela é uma procura pelo infinito. Embora uma resposta não esteja prestes a chegar, há significado para a pessoa que realiza a procura. E quando investigamos totalmente o significado de *Namuamidabutsu*, percebemos que a busca religiosa não é um desejo humano, senão, na realidade, o desejo do Buddha Amida.

Hōnen, em seu *Senjaku Hongan Nembutsu Shū*, afirma que nascer na Terra Pura é devido ao Voto Causal do Buddha Amida, e explicou o porquê do Nembutsu ser o modo pelo qual se chega ao nascimento na Terra Pura. A explicação dada é que o Buddha Amida é a essência da compaixão. Ao contrário da iluminação de uns poucos que possuem dotes inerentes ou tempo suficiente para se dedicar à vida religiosa, o Buddha Amida deseja a iluminação das massas que não têm nem o tempo para a prática de austeridades religiosas, nem a capacidade para sobreviverem a elas.

O Buddha Amida selecionou o Nembutsu como o caminho para ser seguido de fato, é a prática superior (*shōgyō*). O Nembutsu é a prática que todos podem empreender sem prévia instrução ou treinamento: de fato, ele é uma expressão da pura busca religiosa. Não é nem necessário desenvolver a mente de contemplação. Se você recita o nome *Namuamidabutsu* exatamente como você é, você conquistará o nascimento na Terra Pura exatamente como você é. *Namuamidabutsu* pode ser considerado como o pedido ao Buddha Amida para nascer na Terra Pura, porém, se existir o verdadeiro entendimento de Seu Voto Causal que garante seu nascimento lá, *Namuamidabutsu*, então, torna-se uma expressão de gratidão pela certeza desse nascimento.

Baseado no Nembutsu, nós nos tornamos cientes de nossa própria natureza limitada, e somos despertados para a grande compaixão do Buddha Amida. Isto pode ser expresso como termos sido despertados para nós mesmos pelo Buddha Amida.

Shinran recebeu de Hōnen o ensinamento de que “o Nembutsu é a causa-raiz” (*nembutsu ihon*) e expressou isso como “a mente de fé é a causa-raiz” (*shinjin ihon*). Esse entendimento concorda com o modo que Zendo da China (Shan-tao em chinês) explicou o *Namuamidabutsu*:

Namu é a mente que reverencia; é o meio pelo qual o desejo interior é revelado. *Amidabutsu* (Amida Buddha) é a ilimitada atividade que satisfaz essa mente e esse desejo. Dessa forma, não há dúvida de se ser capaz de penetrar no mundo religioso.

Shinran levou essa interpretação adiante e declarou o seguinte:

A mente que reverencia o Buddha (é a mente que) foi chamada por ele, e foi despertada pelo Buddha. O caminho (para nos tornarmos iluminados) já foi preparado. Esse caminho foi preparado devido o voto compassivo do Buddha; portanto, quando você segue esse caminho, não há perigo de ser desviado pela cegueira da ignorância.

Mesmo aqueles que estão embaraçados na impenetrável escuridão da morte, tendo fé no Voto Causal do Buddha Amida e recitando o Nembutsu, serão atraídos e direcionados para a luz e para o entendimento.

O Voto Causal pode ser considerado o voto de um Buddha especial chamado Amida. Alguns se opõem a essa ideia porque ela não é encontrada nos ensinamentos antigos do Buddha, porém não deveria haver objeção se considerarmos o Voto Causal do Buddha Amida como o mundo do ilimitado desejo. E, do mesmo modo que a frase no *Kammuryōjūkyō* (*Sūtra sobre a Meditação no Buddha Sem Limites*), “A Mente do Buddha é a Grande Compaixão”, pode ser invertida e considerada como significando “A Grande Compaixão é a Mente do Buddha”, o Voto Causal do Buddha Amida pode ser considerado como sendo uma expressão do sem limites.

Esta não limitação ou universalidade do Voto Causal de Amida pode ser considerada como sendo a

consciência fundamental do Buddha, e pode também ser interpretado que aqueles que fazem o Voto Causal uma parte de suas próprias consciências veem a si mesmos dentro dele. Aqui é a lógica da fé.

A frase de Shinran *shinjin ihon* é amplamente citada quando se discute seus ensinamentos. Conforme já mencionado, isto significa: “A mente de fé é a causa-raiz”. Baseados nesta sabedoria da mente de fé, todos os seres sencientes são capacitados a se iluminarem. Este é o motivo de Shinran ser citado no *Tannishō* como dizendo que o Voto Causal “é para mim, Shinran, somente”. Essa expressão pode ser considerada como vinda do ponto de vista de Shinran enquanto indivíduo, ou invertida, e a partir da realidade da iluminação de Shinran, pode ser interpretada como dizendo que todos os seres sencientes podem ser iluminados.

O Buddhadharma era considerado antigamente como sendo um caminho difícil para a iluminação que poderia ser seguido somente por aqueles dotados com habilidades especiais. Contudo, o grande trabalho de Shinran, *Kyōgyōshinshō* (*Ensino, Prática, Fé e Realização*) indicou a verdadeira e ilimitada natureza do Voto Causal. Esse trabalho de Shinran claramente mostra que a prática de recitar o Nembutsu, a fé que tem fé no Voto Causal, ir para a Terra Pura (*ōsō*), retornar da Terra Pura (*gensō*), o Verdadeiro Caminho, o Caminho Hábil, todos provêm do Voto Causal do Buddha Amida. Desta forma, o Voto Causal pode ser considerado como sendo aquele que clareia a escuridão deste mundo e ilumina a humanidade. Com essa clara percepção da verdadeira natureza do Voto Causal, Shinran tornou o ensinamento do Buddha compreensível e significativo para as massas, e é por isso que ele é reverenciado atualmente.

1. O vilarejo de Hino

O Nascimento de Shinran

Shinran nasceu no terceiro ano de Jōan, que equivale a 1173 da era moderna. Tradicionalmente é afirmado que ele nasceu no primeiro dia do quarto mês do calendário lunar. Em 1887, a ramificação Nishi Honganji traduziu esta data para 21 de maio do calendário solar e celebra seu nascimento naquele dia. A escola Higashi Honganji ainda usa a data do calendário lunar.

Os discípulos de Shinran celebraram seu aniversário pela primeira vez 500 anos após seu nascimento. Isso foi durante a era Genroku (1688-1703) quando o imperador Higashiyama era nominalmente o chefe do governo. Devido à demora na primeira celebração do nascimento de Shinran, poucos eruditos aceitam a data tradicional como sendo confiável.

Nas muitas obras literárias deixadas, Shinran quase não faz referência à sua vida pessoal. Isso, naturalmente, é devido a ele não ter sentido a necessidade de tratar de seu nascimento, pais ou ancestrais à medida que expressava sua compreensão religiosa. No *Tannishō (Notas Lamentando as Diferenças)* há uma citação de Shinran dizendo: “Eu nem uma vez recitei o Nembutsu por causa de meus pais...”.

Mas aqueles de nós que são desejosos de conhecer mais sobre Shinran, não podem ser impedidos meramente devido à escassez de documentos disponíveis. Devemos pesquisar em outras áreas.

De acordo com o *Honganji Shōnin Shinran Denne (Biografia Pictórica de Shinran Shōnin do Honganji)* - doravante chamado de *Denne*, que é a narrativa tradicional de sua vida -, Shinran morreu no dia 28 do décimo-primeiro mês do segundo ano do Kōchō (1262). Ele tinha 89 anos de idade. Contando de trás para frente temos que o ano de nascimento de Shinran é 1173.

Também de acordo com *Denne*:

Um ancestral de Shinran foi o Grande Conselheiro Fujiwara Kamatari, o vigésimo-primeiro descendente de Amatsukoyane-no-Mikoto... Se ele tivesse permanecido na corte imperial, Shinran poderia ter ascendido a uma alta posição e viveria no luxo...

Denne foi escrito por Kakunyo, bisneto de Shinran, o qual foi o terceiro líder espiritual da nascente organização Honganji. Foi devido à esplêndida habilidade organizacional de Kakunyo que a confraria Honganji se tornou tão forte como era em seus anos iniciais, porém a parte do *Denne* que ele escreveu e ilustrou também teve muito efeito em consolidar o grupo. A biografia de Shinran escrita por Kakunyo é plena em valor poético, rica em poder persuasivo, e expressa tudo o que é desejável na cultura japonesa. Mas, apesar disso, ele coloca um véu sobre muitos fatos da vida de Shinran, pois é uma imagem idealizada dele.

Denne foi completado em 1295, 33 anos depois da morte de Shinran. Desde aquele tempo até o período Meiji, que iniciou em 1868, ele foi considerado a autoridade final sobre a vida de Shinran dentro dos ensinamentos conhecidos como Jōdo Shinshu e nenhuma questão era levantada sobre a linhagem de

Shinran. Uma razão para isso foi o pensamento feudal durante aquele período que colocou grande ênfase sobre a autoridade e muito pouco no pensar por si próprio. Outra razão era a grande influência secular do Buddhadharma. O Buddhadharma foi feito obrigatório pelo governo durante o período Tokugawa (1600-1868), e como a única religião tolerada, seu poder secular era extremamente grande.

Durante esse período, quando a influência da religião era extremamente forte, era muito natural que o fundador de um grupo religioso fosse reverenciado até mesmo ao ponto de se criar mitos a seu respeito. Não existia tal coisa como um estudo histórico objetivo de um fundador religioso naqueles dias.

Durante a era Meiji (1868-1912), contudo, métodos da ciência histórica ocidental foram introduzidos no Japão e uma pesquisa objetiva sobre um líder religioso se tornou possível. Um dos líderes no estudo acadêmico da história no Japão foi o professor Yasutsugu Shigeno da universidade de Tokyo. Ele tem sido chamado de “Doutor do Extermínio”, pois negou a existência de muitas personalidades da história japonesa. Ele adotou a posição de que, havendo pouca ou nenhuma evidência histórica para provar que uma pessoa viveu, então era mais provável que essa pessoa nunca tivesse existido.

Professor Shigeno dizia que o *Taiheiki*, uma bem conhecida narrativa histórica japonesa, era imprecisa e que não poderia ser usada como uma fonte histórica. Em sua opinião, o *Taiheiki* era um trabalho de ficção, e não um registro histórico. Personalidades bem conhecidas na história japonesa, tal como Benkei e Kishima, são mencionadas no *Taiheiki*, mas o professor Shigeno negou que essas personalidades tenham existido. Igualmente, o *Denne* foi relegado ao mundo da ficção, e, dessa forma, Shinran foi também listado entre aqueles que nunca existiram.

Eu gostaria de examinar várias perspectivas a respeito do nascimento de Shinran: primeiro, a teoria de que Shinran nunca existiu; segundo, a prova de sua existência; terceiro, a interpretação marxista sobre Shinran que se desenvolveu depois da Segunda Grande Guerra; e, finalmente, gostaria de apresentar minha própria visão do nascimento de Shinran.

A Teoria de que Shinran Nunca Existiu

Já mencionei algo a respeito da posição tradicional relativa ao nascimento de Shinran. Agora vamos considerar a teoria de que Shinran nunca existiu. Em japonês, isso é designado como *massatsu setsu*. Se, de acordo como *massatsu setsu*, Shinran nunca existiu, é natural então que não saibamos quando ele nasceu.

Apesar de ser a pessoa que o maior grupo budhista no Japão clama como seu fundador, Shinran não aparece de maneira muito proeminente na história japonesa. Seu nome não é mencionado nos documentos confiáveis escritos enquanto ainda estava vivo. Por exemplo, o nome de Shinran não aparece nas primeiras edições do *Sompibummyaku* (*Registro de Família*) de Tōnoin Kimisada, o qual lista todos os monges conhecidos na época de Shinran. Nem o nome de Shinran aparece no trabalho monumental em 30 volumes de Kōkan, o *Genkōshakusho* (*Biografias de Monges Budhistas e História Budhista*), que foi publicado em 1322, 60 anos após a morte de Shinran. Na polêmica de Nichiren contra todos os ensinamentos religiosos exceto o seu próprio, *Risshōankokuron* (*Sobre o Estabelecimento da Paz em Nosso País*), o oponente que Nichiren atacou como mantendo a posição da Terra Pura não foi Shinran, mas Hōnen, o mestre de Shinran. Aqui, no entanto, provavelmente era muito cedo para que a influência de Shinran já pudesse ser sentida.

Há dois tipos de pessoas que são lembradas: aquelas cujas personalidades são estimadas pelo povo e em torno das quais se desenvolveram lendas, e aquelas que realizaram coisas. Na história japonesa, Yoshitsune e Benkei são personagens muito queridos e pertencem ao primeiro tipo. Muitas estórias se desenvolveram em torno dessas personalidades, a maioria das quais tem pouca base nos fatos. Eles foram a inspiração para inumeráveis quadros, obras literárias, dramas Nō, Kabuki, etc. Embora exista pouco material histórico que apoie os fatos da vida de Benkei, os japoneses o consideram como um importante personagem de sua história.

De modo idêntico, uma pessoa religiosa não pode ser sempre objetiva; o apaixonado coração do fiel sempre encobrirá as frias e penetrantes lentes do historiador. Como muitos dos eruditos que têm escrito sobre ele são seguidores devotos de seus ensinamentos, a vida de Shinran é olhada calorosa e favoravelmente através do coração, ao contrário da fria luz da razão. No mundo da fé, isso é suficiente.

Darei um exemplo de como Shinran era tratado por seus seguidores eruditos. O *Gozokushō (Breve Vida de Shinran)* é um resumo do *Denne*. No começo desse documento está o seguinte:

O nome leigo de Shinran era Fujiwara. Ele foi um descendente de Gonaoka-no-Joshouchimaro. O pai de Shinran se chamara Fujiwara Arinori o qual teve a posição de secretário da mãe do Imperador. Pode-se dizer que Shinran é a personificação de Buddha Amida e que ele é a reencarnação de Donran (sábio monge budhista que viveu de 476-542).

Esse texto não desmente que o pai de Shinran teve uma posição relativamente humilde de secretário, mas exagera grandemente sobre a vida anterior de Shinran. O texto desse trabalho é lido reverentemente todos os anos nos templos Jōdo Shinshu no dia do aniversário da morte de Shinran. Visto que esse trabalho foi publicado em 1477, ele evidentemente teve muita influência entre os seguidores de Shinran durante o período Tokugawa (1600-1868).

Contudo, o *Gozokushō* não é historicamente digno de confiança. Ele é uma indicação apontando o caminho para o mundo da fé e é confiável sob tal ponto de vista, mas como base histórica tem muitas faltas.

O primeiro estudo objetivo sobre Shinran foi feito em 1910. Naquele ano, o professor Kenkai Naganuma publicou *Shinran Shōnin No Kenkyu (Um Estudo Sobre Shinran)*. Com esse trabalho, a brilhante descrição de Shinran conforme divulgada no *Denne* foi extinta. Naganuma negou que Shinran fosse um descendente do clã Fujiwara. Além disso, ele disse que foi Kakunyo, o autor do *Denne*, o verdadeiro autor da principal obra literária de Shinran, *Kyōgyōshinshō (Ensino, Prática, Fé e Realização)*.

Foi Naganuma quem descobriu que a carta genealógica do Honganji incluída no *Sompibumyaku* não estava presente nas primeiras edições dessa obra. Naganuma acreditava que a carta genealógica foi incluída no 21^o ano de Temmon (1552).

Vamos ver um pouco mais sobre essa era chamada Temmon (1532-1554). Foi durante esta época que os seguidores de Shinran, os quais pertenciam principalmente à classe camponesa, uniram-se a fim de se protegerem da classe guerreira. Eles se intitularam *Ikkō-ikki* e durante esse período, com a guerra quase constante, nem o grande poder militar de Oda Nobunaga nem a inteligência de Tokugawa Iyeyasu foram capazes de vencê-los. O escritor medieval Rai Sanyo referiu-se ao forte em que os *Ikkō-ikki* tornaram refúgio como “*Namuamidabutsu*, a fortaleza difícil de capturar”. A resistência dos *Ikkō-ikki* atingiu o auge durante a era Temmon e, dessa forma, não é particularmente impressionante descobrir que a carta genealógica do Honganji foi adicionada ao *Sompibumyaku* durante esse período.

Tenho muito interesse na teoria de Naganuma que diz que Shinran nunca existiu. Talvez isso se deva ao fato de que o livro de história que usei no colégio foi escrito por ele. Citarei uma maliciosa passagem desse texto, embora não com a intenção de difamá-lo. No 16^o capítulo do *Shinsetu Nipponshi (Uma Nova Teoria da História Japonesa)* do professor Naganuma, ele escreve:

Durante o reinado do imperador Takakura, Hōnen, uma pessoa muito sábia de grande caráter moral, e que era tido em grande respeito por todos, difundiu os ensinamentos da Terra Pura. Seu discípulo Shinran fundou o Shinshu que é também conhecido como a denominação Ikkō e também como Jōdo Shinshu. O Honganji que desenvolveu naquele tempo continuou com os descendentes de Shinran.

O professor Naganuma, dessa forma, parece admitir a existência de Shinran nesse texto de um livro escolar.

Não seria apropriado recusar essa passagem dizendo que mesmo um grande erudito como Naganuma, professor da Universidade Imperial Kyushu, teve que aceitar escrever um livro somente para fazer sentido. O argumento de Naganuma de que Shinran nunca existiu foi publicado em 1910. Teria o professor Naganuma deixado de lado a sua teoria da não existência de Shinran por volta da segunda metade dos anos 20, quando esse livro-texto foi publicado? Acredito que há alguma evidência apontando nessa direção. Foi em 1921 que as cartas da esposa de Shinran foram publicadas, sustentando fortemente a posição de que ele foi um personagem histórico. Com a descoberta dessas cartas a quase invisível figura do Shinran tradicional repentinamente tornou-se um pouco mais clara.

A fim de descobrir qual foi a influência do trabalho literário de Naganuma, *Um estudo sobre Shinran*, fui à busca dos sacerdotes Shinshu que eram estudantes universitários na época que isso foi publicado. Eles pareciam ter ignorado a teoria de Naganuma. Os estudantes Shinshu daquele período sentiram que seja qual fosse a linhagem de Shinran, ou mesmo se Shinran nunca houvesse existido, seus ensinamentos não desapareceriam. Além disso, os estudantes daquele período sentiam que mesmo se Shinran não o tivesse escrito, eles estudariam o *Kyōgyōshinshō*, porque ele é o ensinamento central do Shinshu. Eu não ouvi, contudo, que esses estudantes tivessem se levantado publicamente contra a teoria de Naganuma...

Evidência para a Existência de Shinran

Foi Zennosuke Tsuji quem fragilizou o argumento de Naganuma sobre a não existência de Shinran. Em 1920, ele publicou um trabalho intitulado *Shinran Shōnin Hisseki no Kenkyu (Um Estudo da Caligrafia de Shinran)*.

O professor Tsuji minuciosamente analisou todos os manuscritos alegados como tendo sido escritos com a caligrafia e autenticação de Shinran. O livro fez uso de fotografias e chegou a essa conclusão através da coleta de evidências do mesmo modo que faz um detetive. A mais importante conclusão obtida pelo professor Tsuji foi a de que a cópia do *Kyōgyōshinshō* do Higashi Honganji foi escrita pela própria mão de Shinran. A sugestão do professor Naganuma de que teria sido Kakunyo quem escreveu o *Kyōgyōshinshō* não poderia, desse modo, ser considerada válida.

O professor Tsuji provou a existência de Shinran, mas foi o professor Kemmyo Nakazawa que removeu o véu produzido por *Denne* e chegou mais perto dos fatos sobre a vida de Shinran. Em 1922, o professor Nakazawa publicou *Shijō no Shinran (O Shinran Histórico)*. Nesse trabalho, Nakazawa se expressou

livremente.

Com respeito ao problema com que esse capítulo lida, o professor Nakazawa negou que o nome secular de Shinran houvesse sido Hino e também lançou dúvidas de que Shinran teria sido iniciado na ordem monástica por Jien, como tradicionalmente assegurava-se.

Nakazawa reuniu material sobre Shinran de várias fontes, e com um olhar tão imparcial quanto possível, esforçou-se por estabelecer os fatos da vida de Shinran. Seu *O Shinran Histórico* teve um papel crucial e fortemente enfraqueceu a autoridade do *Denne* de Kakunyo. Por causa dos desenvolvimentos na pesquisa histórica, nem todos os pontos estabelecidos por Nakazawa são hoje aceitos; contudo, não há dúvida de que se Nakazawa não tivesse publicado suas descobertas quando ele o fez, o novo acesso à pesquisa sobre a vida de Shinran teria sido muito mais retardado.

Depois da IIª Guerra Mundial, quando a proibição contra pesquisas dentro de certas áreas da história japonesa foi suspensa, os historiadores seguiram de maneira ávida a conduta de Nakazawa e tiraram Shinran do altar dourado onde tinha sido preservado por tantos séculos, e mostrando-o em toda sua humanidade.

O rebuliço que *O Shinran Histórico* causou, levou eruditos de outras denominações budistas a criticarem Shinran. Tive em mãos o *Shinran Shōnin Hihan (Críticas à Shinran Shōnin)*. Ele foi escrito por um erudito da denominação Jōdo, Tatsuo Imaoka.

O professor Imaoka ocupava uma cadeira na Universidade Taisho. Seus modos são muito gentis, mas sua atitude é a de um seguidor Jōdo. O professor negou que Shinran fosse um descendente da linhagem Hino, e também manteve que o ensinamento de Shinran era diferente daquele de seu mestre, Hōnen. O tratado do professor Imaoka foi publicado em 1930, mas é baseado inteiramente sobre o trabalho de Nakazawa. De particular interesse é um capítulo intitulado: “*Dúvidas sobre o Kyōgyōshinshō*”. Nesse capítulo há uma seção poeticamente intitulada: “*Salgueiros São Verdes, Flores São Vermelhas*”. Nele, Imaoka diz:

O ensinamento de Hōnen do *Nembutsu Ōjō* é a de que treinamos a nós mesmos de modo que a pronúncia do *Namuamidabutsu* surge naturalmente. (Por ser ela firmemente baseada numa prática de fundo), mesmo mais do que o salgueiro, o ensinamento de Hōnen pode ser parecido com o pinheiro que é sempre verde, (isto é, é constante). Comparado a isso, o ensinamento do *Kyōgyōshinshō* é efêmero em natureza e pode ser parecido com as flores da cerejeira (que são apreciadas, porém, um momento depois, caem).

O professor Imaoka identificou o ensinamento de Shinran com o ponto de vista esquerdista, e o ensinamento de Hōnen com o direitista ou conservador. Além disso, escreveu:

A ideia fundamental do *Kyōgyōshinshō* de Shinran em que ele encoraja o abandono da prática e a ideia principal do *Senjakushū (Coleção das Seleções)* de Hōnen, que encoraja a prática, são fundamentalmente diferentes. Assim, poderia Shinran, o qual clama ser um discípulo de Hōnen, realmente ter escrito o *Kyōgyōshinshō*?

Esse modo de criticismo supersimplificado é quase como uma piada e claramente revela uma má compreensão do ensinamento de Shinran.

Por volta dessa época, o Japão iniciou atividades que o levaram à IIª Guerra Mundial. As necessidades dos militares ganharam prioridade sobre tudo, e se isso foi bom ou mau, as discussões sobre Shinran quase cessaram.

A Teoria de que Shinran era um Líder dos Agricultores

Outra tendência nos documentos históricos sobre a vida de Shinran surgiu com a publicação, em 1948, da obra de Shisō Hattori, *Shinran Nōto (Notas sobre Shinran)*. Hattori, um marxista histórico, sempre desenvolveu seu argumento de uma concepção materialista da história. Em ambos, *Notas sobre Shinran e Rennyō* (um descendente de Shinran da oitava geração que grandemente consolidou a organização Shinshu), Hattori afastou Shinran da linhagem Hino.

Hattori afirmou que as doutrinas do Jōdo Shinshu são versões distorcidas do que Shinran ensinou e que as distorções começam com *Denne* de Kakunyo. Ele diz:

Kakunyo inventou a linhagem de Shinran com a intenção de dar respeitabilidade ao Jōdo Shinshu. Isso foi claramente demonstrado ser o argumento de Kemmyō Nakazawa durante a última parte do período Taishō (1912-1925) em seu trabalho *O Shinran Histórico*.

Hattori elogiou muito o trabalho de Nakazawa e citou muitas passagens dele.

Já que estou aqui, deixe-me citar Hattori sobre o nascimento da esposa de Shinran:

O fato de que ela residiu anteriormente com os fiéis em Echigo quando ele (Shinran) partiu para Kanto, e dali em diante viveu separada de seu marido, indica que ela não era descendente de uma família guerreira. Antes, ao contrário do que a tradição Honganji diz, que ela era um membro da Corte Imperial, esse gesto submisso indica que ela nasceu em uma classe muito inferior. Adicionado a isso, a simplicidade e sinceridade com que ela preenche suas cartas (em contraste com o estilo formal, artificial e afetado de escrever da nobreza) mostra, sem dúvida, que ela era um membro da classe de agricultores.

O que o marxista Hattori desejou apresentar era a figura de Shinran como um líder dos agricultores, e não um monge descendente da nobreza. Quis também identificar a esposa de Shinran com as massas. Sua narração é lúcida e cheia de vigor. Apresentando sua tese, Hattori livrou as ideias sobre Shinran do velho confinamento de séculos da tradição doutrinal. Aí não há dúvida de que a tese de Hattori era revolucionária.

Seguindo Hattori, outro livro sobre o pensamento de Shinran, também escrito de um ponto de vista marxista, foi publicado. Este foi *Shinran*, de Shigeo Hayashida. Hayashida escreve:

Não há razão para tentar provar que Shinran era descendente da nobreza ou que era uma criança abandonada de um músico peregrino.

Ele, então, diz que *Denne* é somente uma imagem embelezada do verdadeiro Shinran e se você quiser acreditar, esse é seu problema, mas, apesar disso, devido a seu sólido conhecimento marxista, ele ainda dá a impressão de querer identificar Shinran com as massas.

Hayashida também escreveu *Shinran Wo Kegasu Tannisho (O Tannisho que Desonra Shinran)*. Nele, Hayashida apresenta pontos de vista novos e singulares. Entre eles há o capítulo final: “Porque Duvidar da Existência de Shinran”. Nesse capítulo, Hayashida diz:

Kakunyo, o autor de *Denne*, é provavelmente responsável pela teoria de que Shinran nunca existiu. O motivo para isso é que a fim de apresentar uma história respeitável, Kakunyo inventou a linhagem de Shinran e as conexões familiares. Assim, quando os historiadores cuidadosamente investigaram a alegada linhagem usando técnicas modernas, eles tiveram mais dúvidas a respeito da existência de Shinran do que sua confirmação.

A Teoria de que Shinran era Descendente da Nobreza

Isso é quase tudo que citarei a respeito do nascimento de Shinran pelos meus predecessores.

Desde a era Meiji, muitos livros, suficientes para encher uma biblioteca, foram sido escritos sobre Shinran. Porém, além dos pontos de vistas já mencionados, nenhuma explicação publicada foi excitante o

suficiente para fazer com que alguém se sentasse e prestasse atenção.

Se Shinran não nasceu na família Hino, em qual família nasceu? Historiadores marxistas tentaram negar que Shinran foi um descendente da realeza e procuraram trazê-lo para mais perto dos agricultores, porém não há evidência concreta apontando nessa direção. Contudo, também não há prova absoluta tampouco de seu nascimento na realeza. Conforme se mencionou anteriormente, Shinran não deixou registro sobre esse assunto.

Isso é de se esperar, pois no Buddhadharmā não há nem nobre nem plebeu. É dito que o Buddha histórico Śakyamuni nasceu como filho de um rei, mas abandonou sua posição, sua esposa e seu filho quando iniciou sua busca pela iluminação. Em japonês, isso é chamado de *shukke*, escrito com as letras “casa” ou “lar” e “abandonar”, i.e., deixar seu lar para trás.

O ensinamento da Terra Pura que Shinran tomou para si é destinado às massas. Shinran proclamou-a: “A religião dos incapazes” (*gummo no shūkyō*). Ela não é para a elite que tem o tempo e a capacidade para se aperfeiçoar, mas sim para as massas que precisam ganhar duramente seu sustento e cuja capacidade não é grande, contudo, ainda assim, também aspiram atingir a iluminação. A luz da sabedoria de Buddha é distribuída imparcialmente para todos; para recebê-la não é necessária nenhuma prática especial por parte do receptor. Mas, por ser o ensinamento da Terra Pura imparcial, ela não exclui a elite também.

Vamos investigar o nascimento de Shinran sem relacionar com sua religião. Acredito que Shinran foi descendente da família Fujiwara.

Por quê? Primeiro vamos examinar *Denne*. Esse trabalho extremamente persuasivo foi escrito em 1295, 33 anos depois da morte de Shinran. Se essa obra tivesse sido escrita mais do que uma geração após Shinran um problema poderia surgir, mas 33 anos é um espaço de tempo bastante curto, suficiente para que pessoas que conheceram Shinran ainda estivessem vivas.

Acredita-se que Shinran retornou para Kyōto da região de Kanto por volta de 1234. Dessa época até sua morte em 1262, ele viveu em Kyōto. Durante esse período de quase 30 anos, ele deve ter entrado em contato com um grande número de pessoas. Provavelmente se encontrou com muitas pessoas de outras províncias (como é mencionado no *Tannishō*), mas a grande percentagem de pessoas com quem entrou em contato era possivelmente daquelas que viviam em Kyōto e seus arredores. Uma pessoa que tivesse 20 anos quando Shinran morreu teria somente 52 ou 53 quando o *Denne* foi completado. E é bastante possível que pessoas mais velhas que isso poderiam ter conhecido Shinran e, no entanto, ainda estarem vivas.

O *Denne* não foi escrito para ser mantido escondido. A palavra ‘propaganda’ pode ser muito forte, porém não há dúvida de que ele buscava ser um canal de comunicação. Aí estão incluídas histórias de sonhos e milagres, mas esses incidentes não estão relacionados com coisas que aconteceram realmente. São expressões do mundo da fé e podem ser toleradas até certo ponto, especialmente pela razão de que na época em que *Denne* foi escrito milagres eram aceitos como fato.

Mas não devemos nos esquecer de que durante aquele período, todos tinham que ser extremamente sensíveis com respeito a títulos e posição social. Teria sido difícil viver por um só dia sem estar consciente de sua hierarquia e posição. Se Shinran tivesse nascido filho de um agricultor, *Denne* teria tido o efeito oposto do que teve. Aqueles que haviam conhecido Shinran e ainda estavam vivos teriam feito disso um objeto de chacota.

Denne foi escrito em Kyōto, o centro da consciência cultural, e provavelmente lançado aí (os livros não

eram publicados naqueles dias; eram todos copiados à mão). Por isso não é provável que Kakunyo pudesse ter exagerado grandemente os fatos de sua linhagem e escapado às críticas.

Mas se o pai de Shinran foi um membro do clã Fujiwara, seu ancestral teria sido Kamatari, e traçando a linhagem ainda mais para trás, chegaríamos até Amatsukoyane-no-Mikoto. Assim, essa parte de *Denne* poderia não ser um exagero.

Porém, a passagem seguindo a afirmação da linhagem de Shinran levanta algumas dúvidas:

Arinori serviu no Palácio Imperial e foi um associado íntimo do Imperador. Ele também serviu ao pai do Imperador e assim pode ser notado que foi um homem de grande influência e poder.

Embora tenha servido ambos, o Imperador e seu pai (que era considerado uma pessoa ainda mais importante do que o imperador), há aí a questão de quão alto teria Arinori ascendido na corte. A fortuna do clã Hino parece ter atingido um ponto baixo nessa época. O avô de Shinran aparentemente levou uma vida um tanto escandalosa e suas chances de ter sucesso na corte não eram muito grandes. Além disso, havia muitos membros do clã Fujiwara, todos competindo entre si por poder e influência. Somente o mais talentoso dentre eles teria esperança em ser bem-sucedido.

Durante a última parte do período Heian (900-1185) a classe guerreira em geral, e em particular Taira Kiyomori, subiram ao poder. Com esse aumento no poder da classe guerreira veio um correspondente declínio na sorte da aristocracia Fujiwara. Contudo, curiosamente, o *nível social* dos nobres não mudou. Os vários títulos da corte foram mantidos quase os mesmos até o período Meiji (1868-1912); na realidade isso não mudou até o final da IIª Guerra Mundial.

Há um relato de um membro do clã Hino que subiu à posição de Chefe Conselheiro de Estado, uma posição que é geralmente reservada para os membros da segunda classe; contudo, ele era da linha direta dos Hino. O nível usualmente atribuído aos membros da família Hino era quarto ou quinto.

Em 1331, noventa anos depois da morte de Shinran, o enérgico Conselheiro de Estado que tentou levar à cabo o pedido do Imperador Godaigo e depor o Shogunato de Kamakura era um membro da família Hino chamado Toshimoto. Ele é bem conhecido por ter inspirado o que Helen Craig McCullough, em sua tradução, diz que é “uma das melhores passagens conhecidas no *Taiheiki...*”. Infelizmente, a rebelião fracassou e Toshimoto foi decapitado em 1332.

Fora Toshimoto, não houve na linhagem da família Hino alguém que fosse tão conhecido a ponto de ser lembrado na história. Até a era Meiji, a família Hino foi mencionada como sendo *meike*, uma linha familiar em que um membro poderia subir até a posição de Conselheiro Chefe de Estado. Depois da restauração Meiji, títulos europeus foram adotados, e ao chefe da família Hino foi dado o título de Conde; assim, não se pode dizer que a posição da família tenha sido por demais rebaixada.

Vamos retornar ao ano 1295 quando o *Denne* foi completado. O conhecido Conselheiro de Estado Hino Toshimoto, é claro, ainda não havia nascido, mas a família Hino existia, e eles teriam causado uma grande confusão caso sua árvore genealógica tivesse sido mudada.

Aqueles que dizem que Shinran não existiu afirmam que, como Kakunyo era da linhagem Hino, ele poderia ter inventado a história de que Shinran fosse um descendente Hino. Kakunyo era o filho de Kakushinni, filha de Shinran, a qual se casou com Hino Hirotsuna; assim, mesmo sem Shinran, Kakunyo e seus descendentes seriam considerados membros da linha familiar Hino, embora não a linha principal. Contudo, é extremamente difícil de acreditar que Kakunyo tivesse arbitrariamente adicionado alguém na carta genealógica de sua mãe. Isso era algo inconcebível naquele tempo.

Outro ponto a considerar é que Shinran foi exilado em 1207. A causa de seu exílio foi a proibição do ensinamento de Hōnen sobre o Nembutsu. Naquele tempo Hōnen tinha 74 anos de idade e Shinran apenas 34, uma diferença de 40 anos. Hōnen iniciou a propagação do ensinamento da Terra Pura em 1174 com a idade de 42; assim, Shinran era um menino de dois anos quando Hōnen começou suas atividades missionárias. E quando, em 1201, Shinran buscou as instruções de Hōnen, ele tinha apenas 28 anos de idade e estudou sob a sua direção por uns cinco ou seis anos. Não mencionei esses números sem razão. Acredito que esse é um ponto para ser levado em consideração como irei demonstrar.

Hōnen teve um bem conhecido patrono chamado Kujō Kanezane. Kanezane é considerado um patrono porque foi um daqueles altos funcionários da corte e poderia ser impróprio chamar-lhe um discípulo de Hōnen, o que na realidade ele foi. Kanezane foi promovido para o mais alto posto que se poderia conseguir no governo naquele tempo, Conselheiro Chefe do Imperador.

Entre os guerreiros que apoiavam Hōnen estavam Kumagi Naozone e Taiko Jitsushu. Entre os monges que foram discípulos de Hōnen estavam alguns nomes muito conhecidos. Tais monges, mais tarde, fundaram diferentes denominações da escola da Terra Pura e incluem pessoas ilustres tais como Hōnen, Kaikū, Shōkō, Jōkaku, Shōshin, Zenkei, Seikan e Kakumei. Outros discípulos de Hōnen foram o ladrão Awanosuke, e prostitutas e dançarinas, os quais Hōnen ensinou sem predileção.

Nenhum monge atraiu tanto a atenção das pessoas com tal variedade de experiências e posições sociais como fez Hōnen. Quando o jovem Shinran chegou em Yoshimizu, muitos antigos monges e eruditos ilustres estudavam sob a direção de Hōnen por muitos anos. Depois de estar sob a tutela de Hōnen por uns poucos anos, Shinran foi separado de seu mestre e mandado para o exílio. Todos os discípulos importantes foram mandados para lugares onde a comunicação com Hōnen fosse extremamente difícil. O próprio Hōnen foi exilado para a ilha de Shikoku.

É muito estranho que muitos dos monges antigos pudessem ser ignorados e não serem exilados, enquanto Shinran, um converso relativamente jovem e novo, fosse assim punido. A proibição relativa ao ensinamento de Hōnen é conhecida como a Perseguição Religiosa Jōgen (o nome da era, 1207) e resultou na resistência das escolas budistas já estabelecidas em relação aos ensinamentos da Terra Pura propagados por Hōnen. Somente Hōnen e os mais ilustres de seus discípulos foram, de fato, exilados. Oito dos mais antigos discípulos de Hōnen, começando com o mais eminente discípulo, Jōkaku, e incluindo Hōbon, Zenku e Zenkei, foram exilados com ele. Por que o jovem Shinran foi incluído nesse grupo ilustre?

A fé não é alguma coisa adquirida através do tempo. Inteligência, uma mente sagaz e uma boa memória, podem ser necessárias para um trabalho escolar, mas isso nada tem a ver com a fé. Porém, mesmo presumindo que o jovem Shinran fosse um abençoado com a capacidade intelectual para distinguir-se, não é justo acreditar que ele pudesse superar os monges mais antigos no breve período de cinco ou seis anos em que ele estudou sob a direção de Hōnen. Hōnen pode ter tido grande confiança em Shinran, mas é possível que Shinran pudesse ter sido considerado um perfeito seguidor dos ensinamentos da Terra Pura de Hōnen na prematura idade de 34 anos? Poderia Shinran, jovem como era, também ter sido tão ativo na propagação dos ensinamentos de Hōnen a ponto de atrair a atenção da corte imperial e das escolas budistas estabelecidas, e ser um dos únicos a ser mandado para fora a fim de ser um exemplo?

Shinran não escreveu nada durante esse período. Nem mesmo os princípios de seu maior trabalho, o *Kyōgyōshinshō*, tinha sido iniciado. Aparentemente não existia nenhuma razão para que Shinran tivesse

algum receio, pelo menos ao ponto de lhe mandarem para o exílio.

De acordo com uma teoria, Shinran já tinha uma esposa naquele tempo e foi exilado para mostrar aos outros monges o que poderia acontecer a um monge que publicamente admitisse uma esposa.

Não acredito que Shinran fosse casado na época de seu exílio. Acredito que se casou após ter chegado a seu lugar de exílio, Echigo, e darei minhas razões para essa posição mais tarde. Mas, para os fins da discussão, vamos considerar que ser casado fosse razão suficiente para ser exilado. Muitos monges na época de Shinran foram casados em segredo. Os preceitos que governavam a vida monástica claramente impedia ter uma esposa, porém muitos monges quebravam esses preceitos a seu modo. Ainda que um esforço fosse feito para esconder a esposa e alguma criança que nascesse, muitas pessoas sabiam sobre elas. O lamento de Shinran nessa situação foi: “As escolas budistas estabelecidas não são o que costumavam ser...”.

Se Shinran não tivesse uma posição, não parece provável que pudesse ser o único a merecer punição meramente porque tinha uma esposa. Ao contrário, seria muito mais lógico para os monges mundanos que causaram a perseguição política ao Nembutsu de Hōnen simpatizarem por Shinran ter tido uma esposa. Se Shinran podia ser punido por ter tido uma esposa, eles também o poderiam, e não haveria motivo para provocar um problema desnecessário.

Por conseguinte, sou muito mais levado a considerar a linhagem de Shinran como sendo o principal fator dele ter sido exilado. Não sabemos determinar a qual facção do clã Fujiwara a família Hino esteve afiliada, mas sinto que existia uma relação entre o exílio de Shinran e a violenta disputa interfamiliar então ocorrendo no clã Fujiwara. Durante o tempo em que Kujō Kanezane e seu filho, o príncipe regente Kujō Yoshitsune estavam no poder, nenhuma ameaça pairou sobre Hōnen e os seguidores do Nembutsu. É minha crença, porém, que quando as exigências do Templo Kōfuku, para punirem Hōnen, tornaram-se enérgicas, a facção Fujiwara oposta a Kujō Kanezane aliaram-se às exigências tornando as coisas difíceis para Kanezane e seu filho. E foi nessa importante época que o filho de Kanezane, Yoshitsune, morreu sob circunstâncias misteriosas e propiciou o ímpeto para a facção rival do clã Fujiwara tomar o poder. A Perseguição Religiosa Jōgen teve lugar um ano depois da troca de poder.

A Perseguição Religiosa Jōgen não pode ser entendida olhando superficialmente o que aconteceu. Se a luta interna política ocorrendo secretamente é examinada, a possibilidade da relação entre a troca de governo e a perseguição que causou o exílio de Hōnen torna-se aparente. Por exemplo, o irmão mais jovem de Kujō Kanezane, Jien, era o abade da denominação Tendai. Jien é o autor do *Gukanshō* (*Notas de um Observador Ignorante*). Ele também foi um poeta de valor; muitos de seus poemas estão contidos na clássica antologia *Shinkokinshū* (*Nova Antologia de Poemas Antigos e Modernos*). Foi esse mesmo Jien quem iniciou Shinran com 8 anos de idade dentro do monasticismo budista. Se Shinran não tivesse esse relacionamento próximo com Jien, poderia ele ter sido atraído para a controvérsia política que consequentemente resultou em seu exílio? Não posso entrar em todos os detalhes aqui, mas a ascensão de Kujō Kanezane no governo não foi sem relação à ascensão de seu jovem irmão na organização eclesiástica Tendai.

Tornando todas essas coisas em consideração, é aparente que o envolvimento de Shinran na Perseguição Religiosa Jōgen não foi sem relação com a luta política interna ocorrendo secretamente, pois ele viveu em uma época quando o mundo secular influenciava mesmo aqueles que o haviam renunciado em busca da vida espiritual. No *Heike Monogatari* (*Histórias do Clã Heike*) é narrada a triste estória do filho de Taira Koremori. Gozen tornou-se monge na idade de 20 anos e viveu em retiro até os 30 anos. Naquele

tempo, uma facção política rival tomou o controle do governo de Kamakura e o oficial Sukekane ordenou a captura de Gozen e o mandaram decapitá-lo com as seguintes palavras:

(Gozen é) um filho de Taira Koremori... ainda que tivesse raspado a cabeça (simbolizando a renúncia ao mundo secular), ele não raspou sua mente (e separou-se dos laços familiares)...

São muitas as teorias sobre Eshinni, a esposa de Shinran. Acredito que ela foi a filha de um chefe de um clã em Echigo chamado Miyoshi, e que Shinran casou-se com ela durante seu exílio. Se isso for verdade, então, não seria muito provável que Shinran pudesse casar com a filha de um dignitário local se o próprio Shinran não fosse alguém diferente do ordinário.

Shisō Hattori acredita que Eshinni foi a filha de um agricultor, mas as cartas de Eshinni descobertas em 1921 dão muitas evidências de que nasceu em uma família que tinha muito poder e influência. Por exemplo, em suas cartas ela se refere a Shinran como “senhor” (*tono*) e seus filhos como príncipes (*kindachi*). Essa não é a maneira de uma garota se expressar sendo descendente de agricultores. Além disso, pode ser notado que a qualidade do papel usado em suas cartas era muito boa quando comparado ao papel usado durante aquele período.

Outra indicação que reforça a teoria de que Shinran foi descendente da nobreza vem da análise de seu nome. É afirmado que o nome Shinran foi tirado da letra *shin* de Tenjin (Tenshin) Bosatsu (320-400) e da letra *ran* de Donran Daishi (476-542), duas figuras importantes no desenvolvimento da doutrina da Terra Pura. Embora Shinran seja citado no *Tannishō* como tendo dito que não tinha discípulos, isso foi uma afirmação de sua fé no poder do Voto Causal do Buddha Amida. Na verdade ele tinha muitos discípulos. Os nomes desses discípulos são conhecidos, mas nenhum adotou as letras *shin* ou *ran* do nome de Shinran. Já os discípulos de Nichiren ao contrário, quase sem exceção, adotaram ou a letra *nichi* ou *ren* de Nichiren. Todos os seis mais importantes discípulos de Nichiren usaram a letra *nichi* em seus nomes: *Nisshō*, *Nichirō*, *Nikkō*, *Nikkō* (o caracter *kō* sendo diferente do caracter *kō* do nome do discípulo anterior), *Nitchō* e *Nichiji*. Existem muitos templos que têm parte do nome de Nichiren.

No caso do Shinshu, não há um único templo com alguma parte do nome de Shinran. Dos aproximadamente mil seguidores listados no *Shinran Shōnin Monryō Kyōmyōchō* (*Lista dos Discípulos de Shinran*), não há um só que tenha usado as letras *shin* ou *ran* em seus nomes. Porém, a letra *shin* (que significa “fé” e não é a mesma letra usada no nome de Shinran) aparece muito frequentemente. Por exemplo, a esposa de Shinran adotou o nome *Eshinni*, seu filho *Jishin*, sua filha *Kakkushinni*, seu neto *Nyoshin*. Entre os discípulos antigos de Shinran foram *Shōshin*, *Junshin*, *Zesshin*, *Yuishin*, *Shingyō* e *Shingan*.

Uma pessoa usou a letra *ran* em seu nome. Foi o filho de Shinran que mais tarde ele teve que renegar, *Jishinbō Zenran*. A letra *shin* significando “fé” e o *ran* é a mesma usada por Shinran. Porém Zenran não pode ser considerado um típico seguidor de Shinran.

Não quero por ênfase excessiva no fato de que muitos seguidores de Nichiren adotaram uma parte de seu nome enquanto os seguidores de Shinran não o fizeram. De qualquer forma, não podemos desconsiderar a rígida estrutura social daquele período e dizer que desde que todos são iguais perante Buddha Amida, os seguidores de Shinran não sentiam a necessidade de se identificarem estritamente com ele pela adoção de uma parte de seu nome. Ainda que mesmo Shinran escreva: “Eu não tenho discípulos...” foram muitas as pessoas que foram ensinadas por ele e devem ter sido gratas.

Parece-me que a razão porque nenhum dos seguidores de Shinran adotou uma parte de seu nome é que os

guerreiros e agricultores simples da região de Kanto não conseguiam superar seu medo em relação a uma pessoa da capital. De modo que, se Shinran fosse nobre, muito mais medo eles teriam. Para eles, teria parecido um escândalo até mesmo aproximar-se de Shinran e considerá-lo um igual. Essa atitude é muito difícil para nós entendermos hoje, especialmente aqueles que vivem no ocidente, mas aí não há dúvida de que essa atitude foi extensamente preservada por aqueles que viviam nas províncias do Japão durante os séc. 12 e 13.

Em contraste com isso, Nichiren escreveu o seguinte no *Honzonmondoshō*: (*Perguntas e Respostas a Respeito do Objeto de Veneração*):

Entre as quinze províncias ao longo do mar na estrada Oriental (Tokaido), está a província de Awa-no-kuni. Eu sou o filho de um pescador em Nagasa distrito dessa província.

Novamente, no *Chūkōnyūdōshōsoku* (*Cartas para o Monge que Restaurou o Ensino*), ele escreveu:

Eu, Nichiren, não sou da Kyōto localizada nas províncias centrais. Nem sou descendente de família poderosa. Sou filho de um plebeu, e venho de uma província das margens do Japão.

Não se sabe ao certo se Nichiren foi filho de pescador, o que se conhece é que ele não nasceu em Kyōto e nem era um nobre. Pode ser por isso que seus discípulos sentiram-se próximos a Nichiren e expressaram esse sentimento pela adoção de uma parte de seu nome.

O idioma é outra área da qual podemos obter um *insight* quanto ao nascimento de Shinran. Mesmo nos dias de comunicação de massa através dos meios de rádio e televisão, existe uma marcante diferença entre os dialetos da região de Kanto (grande Tōkyō) e a região de Kansai (Ōsaka-Kyōto). Pessoas da parte nordeste do Japão e de Kyūshū (as quatro principais ilhas japonesas mais ao sul) são incapazes de se entenderem completamente até hoje.

Numa época sem comunicação de massa, era obviamente muito mais difícil para as pessoas de diferentes províncias do Japão entenderem umas as outras. Shinran viveu em Kyōto até a idade de 34 anos, assim, pode ter usado o belo e gentil dialeto de Kyōto. Para os rudes camponeses da região de Kanto, os quais eram da fronteira do Japão, o seu dialeto pode ter-lhes parecido uma brutal degeneração em comparação com o de Kyōto. Estou sendo arbitrário em sentir que é em regiões como essas que sugestões sobre o nascimento nobre de Shinran podem ser vislumbradas?

Uma análise dos nomes e da linguagem usados pode ser geralmente considerada como provendo somente uma evidência menor, mas, em certos casos, acredito que pode iluminar uma grande parte do quebra-cabeça. Durante a perseguição religiosa Jōgen, Shinran foi exilado para a província de Echigo. Ele menciona esse incidente no *Kyōgyōshinshō* do seguinte modo:

...diversos discípulos de Hōnen foram dispersos, receberam nomes leigos e foram exilados para lugares distantes. Eu fui um deles.

O nome leigo de Shinran durante seu exílio foi Fujii Yoshizane. Gostaria de chamar a atenção para a letra *fuji* usada para escrever Fujii. Essa letra é a mesma *fuji* do nome do aristocrático clã Fujiwara. Foi meramente um acaso Shinran ter escolhido Fujii como seu nome leigo, ou ele o fez por causa de suas ligações familiares?

De todos os discípulos que foram atraídos a Hōnen, Shinran estimava particularmente dois monges chamados Shōgaku e Ryūkan. Shōgaku escreveu um trabalho intitulado *Yūshinshō* (*Notas Sobre Fé Somente*) e Ryūkan escreveu um trabalho chamado *Ichinen Tanen Fumbetsuji* (*Sobre a Seleção de um Chamado e de Vários Chamados*). Shinran simplificou os textos desses dois trabalhos para que até mesmo os agricultores analfabetos pudessem entendê-los. Ele acrescentou a mesma afirmação no fim de ambas as obras: “Simplifiquei esse texto, repetindo as mesmas coisas de um extremo ao outro, para que todos pudessem entendê-lo”.

Shōgaku tinha o título eclesiástico de *hōin*, e Ryūkan o de *risshi*. Esses dois monges foram evidentemente proeminentes e muito eruditos, mas uma das razões para que Shinran se sentisse particularmente próximo a eles era que ambos foram da linhagem Fujiwara. Shōgaku era neto de Fujiwara Mitsunori e Ryūkan era o filho de Fujiwara Suketaka, ambos bem conhecidos nomes no aristocrático clã Fujiwara.

Como Shinran, esses dois monges estudaram e praticaram austeridades no Monte Hiei antes de escolherem Hōnen como seu mestre. Os dois trabalhos de Shōgaku e Ryūkan são os únicos que Shinran simplificou para os agricultores iletrados. Pode ser que Shinran tivesse em comum com esses dois monges o nascimento no mesmo clã Fujiwara?

Isso é tudo quanto eu desejaria dizer da linhagem de Shinran. Resumindo o que foi dito acima, o seguinte pode ser falado com um bom grau de certeza: Shinran nasceu em 1173 e seu pai foi um membro do clã Fujiwara, embora sua família possa não ter sido particularmente rica. Ele nasceu nos arredores de Kyōto.

Hino - Local de Nascimento de Shinran

Atualmente você pode descer na estação Yamashita, que é uma das entradas para a cidade de Kyōto, seguir direto ao longo de uma estrada que passa em frente do Templo Sambō até chegar numa rua lateral onde se ergue um monumento de pedra indicando a entrada para o Hino *Yakushi* (Buddha da Medicina). Se você for para o lado esquerdo nesse ponto, perceberá um pedaço do teto do templo Hōkai. O templo Hōkai é dedicado aos ensinamentos Shingon do Buddhadharma; a área nos arredores é a antiga vila de Hino. Esse é o terreno que se diz ter pertencido aos ancestrais de Shinran. Dentro do Templo Hōkai há um monumento de pedra com a inscrição: “O lugar do nascimento de Shinran”. Atrás, numa leve subida estão duas tumbas que se diz serem dos pais de Shinran.

Durante a era Meiji (1868-1912), a escola Nishi Honganji do Jōdo Shinshu ergueu um templo na colina próxima ao templo Hōkai. Ele é chamado “Templo Tanjo”, mas parece mais com um santuário Shinto do que com um templo. Dentro de sua simples composição, uma estátua em bronze de Shinran como uma criança emite raios de luz na direção do templo Hōkai. O poema que se diz que Shinran compôs naquele lugar aos oito anos de idade, e que convenceu o monge Jien a iniciá-lo na disciplina monástica imediatamente, ao invés de esperar o dia seguinte, está esculpido no pedestal:

Flores de cerejeira que sentimos que irão durar até amanhã,

Podem bem se acabar durante a noite.

A pequena vila de Hino pode ser vista nitidamente dentro da área do templo Tanjō. Um dia eu estive lá, uma leve brisa soprava no bosque próximo de bambu; tocando levemente minhas bochechas e seguindo agradavelmente adiante. Visitada na primavera, Hino é preenchida de um perfume de flores e é um lugar

muito refrescante. Realmente não faz diferença onde Shinran nasceu, mas subjetiva e emocionalmente, eu sinto essa área mais adequada.

Parece que Shinran nasceu em Kyōto e pode ser considerado um homem daquela capital cultural. Kyōto não mudou muito durante os seus mil anos de história. Podemos ter uma ideia do tipo de pessoa que foi Shinran observando as pessoas de Kyōto hoje. Seu notável desenvolvimento cultural e refinamento.

No Ocidente, aqueles que vivem em cidades são conhecidos por serem insensíveis para com a natureza porque vivem em um meio-ambiente artificial de sua própria composição. Vivendo na espécie de casas que fizeram, eles estão fora de contato com o ritmo natural das coisas. Contudo, esse sentimento nunca ocorreu para o japonês. Até recentemente, sua arquitetura forçou-lhes de preferência a viver com a natureza mais do que separados dela, mesmo em uma grande cidade. A primeira vantagem de viver em uma cidade não era o conforto material, mas o acesso à cultura japonesa. Respeito por sabedoria e cultura tem sempre sido muito forte no Japão e algo vigoroso em toda Kyōto.

Vivi em Kyōto por cinco anos. Mesmo agora sinto que há algo especial a respeito da chuva que lá cai. A chuva é semelhante à fina neblina. Não importa quão forte tenha chovido, nunca tive a impressão de que poderia causar danos.

A chuva caindo nas ruas de Kyōto descritas na pintura *sumi*, a chuva semelhante à neblina escurecendo as árvores de cedro de ōhara, a chuva molhando lápides marcando os túmulos daqueles sem ligações familiares, a chuva respingando nos telhados dos templos... em todas essas manifestações, a chuva em Kyōto dá a impressão de serenidade. Ainda assim, isso de alguma forma parece conter dentro de si mesmo um calor vivo e misterioso.

Pergunto a mim mesmo se seria impróprio associar a tranquila chuva de Kyōto, onde Shinran nasceu e cresceu, com o próprio homem....

2. Vivendo em Kyōto

Antes de sua Tonsura

É dito que Shinran renunciou ao mundo e entrou no monasticismo quando tinha oito anos de idade. Ou pode ser que tenha sido forçado a tornar-se um monge contra sua vontade. De acordo com a tradição, em 1181 Shinran foi levado pelo seu padrasto, Hino Moritsuna, ao templo Shōnen, onde o eminente monge Jien raspou seus cabelos, simbolizando o abandono do mundo.

Os irmãos mais novos de Shinran, Jin'u e Gyōken tornaram-se monges na mesma época. Os historiadores modernos acreditam haver alguma razão para esta entrada em massa no monasticismo dos filhos de Hino Arinori, mas, contudo, não determinaram ainda por qual razão isso ocorreu.

A situação da sociedade japonesa quando Shinran tornou-se um monge talvez explique a razão de porque os garotos tenham entrado para um mosteiro ou terem sido forçados a entrarem. Vejamos o que acontecia no Japão na época da tonsura de Shinran.

Shinran nasceu quando o poderio do clã Heike estava no seu auge. Mas quase na época de Shinran tornar-se um monge, já havia indícios de decadência deste clã. Em 1180, um ano antes de Shinran ter sua cabeça raspada, o chefe do clã rival, Minamoto Yoritomo, reuniu um exército em Isu. Isso tornou-se a causa para uma batalha que chegou até os arredores da cidade imperial de Kyōto. Se acreditarmos no *Heike Monogatari*, o comandante do clã Heike, Taira Kiyomori ficou tão seriamente doente e febril que seus médicos tiveram que colocá-lo em uma banheira cheia de água fria para fazer sua temperatura cair. Depois de quatro dias de intenso sofrimento, Taira Kiyomori ficou insano de dor e morreu. Sem direção, o clã Taira começa a perder o poder. No ano da morte de Taira Kiyomori, o clã Heike ostentava um exército de 100.000 guerreiros. Em apenas dois anos, esta poderosa força foi dizimada chegando a apenas 7.000 homens.

Alguns acadêmicos procuram um indício para a tonsura de Shinran na rivalidade entre os clãs Taira e Minamoto. O acadêmico Ryōsetsu Fujiwara diz que a mãe de Shinran era um membro do clã Minamoto e relaciona diretamente a tonsura de Shinran à rivalidade entre estes dois clãs. Poderia ter sido mais apropriado comentar sobre a mãe de Shinran no primeiro capítulo, porém, visto que seu passado é relevante para com a tonsura de Shinran, isso será examinado aqui.

A mãe de Shinran na tradição

Há uma tradição em que a mãe de Shinran, Kikkōnyo, foi uma neta de Minamoto Hachimantaro. Esta tradição é discutida extensamente pelo professor Murin Kusaka no *Shinshushi no Kenkyu (Estudos sobre a História Shinshu)*. Kusaka afirma que um trabalho intitulado *Shinran Hosan (Em Louvor a Shinran)* de Ryokan, escrito no final do século XVI, é a autoridade para esta tradição.

É um tanto evidente, de qualquer maneira, que a tradição de que a mãe de Shinran foi descendente de Minamoto Hachimantaro é falsa. Em primeiro lugar, isto não é mencionado no *Denne*, que foi escrito quando o poder do clã Minamoto era enorme. Se houvesse alguma base para clamar a mãe de Shinran como neta de Minamoto Hachimantaro, isso poderia certamente ter sido vantajoso para fazê-lo. Além disso, o nome dela não é registrado no *Sompibumyaku*.

Vamos admitir a teoria de Naganuma por um momento e supor que a linhagem de Shinran foi inventada no

final do século 16. Este foi um período no qual a classe guerreira era muito mais prestigiada do que a nobreza, e se alguma invenção fosse ser feita, teria sido muito mais hábil tentar ligar a mãe de Shinran com uma família guerreira do que a uma família de nobres.

Conforme contado no primeiro capítulo, as sepulturas supostamente pertencentes aos pais de Shinran podem ser encontradas nos fundos do templo Hōkai ainda hoje. Entretanto, a lenda é de que a mãe de Shinran na verdade estaria sepultada na cidade de Harihara na prefeitura de Nara.

Kusaka em seu Estudo sobre a história Shinshu conta que ele fez uma excursão a Harihara e descobriu que havia um templo nesta cidade chamado Kikkō. Em 1879, este templo foi abandonado e uma casa foi construída no lugar. Esta casa foi herdada por um homem chamado Kensho Honda que tinha um documento, estimado como um bem familiar, o qual eu gostaria de usar na investigação da tradição que se refere à mãe de Shinran.

Quando Kusaka visitou este lugar em 1929, ele fez as seguintes notas dos históricos familiares de posse de Kensho Honda, *Kikkōnyo Tsukasho Yuraiki (História do Local de enterro de Kikkōnyo)*:

Kikkōnyo é a filha de Yoshikata (Ason) e a neta de Minamoto Tameyoshi. Na idade de 14 anos, ela se casou com Hino Arinori. No quarto mês do terceiro ano de Jōan (1173), durante o reinado do imperador Tokakura, ela deu nascimento ao nosso santo mestre. Shinran entrou no monasticismo na idade de oito anos e foi exilado como um prisioneiro político na idade de 34 anos. Kikkōnyo ficou amedrontada por achar que poderia ser perseguida como resultado do exílio de seu filho, e procurou refúgio na vila de Mukōji, distrito de Yamabe, localizada em Yamoto-no-Kuni (atualmente prefeitura de Nara). Esta vila era o lugar de nascimento de sua empregada, Satsu. Kikkōnyo raspou sua cabeça aí e tornou-se uma monja. Ela viveu em Mukōji por três anos, mas no inverno de 1221, foi para a vila de Itari onde viveu até sua morte aos 71 anos. Ela foi enterrada no vale Onabe. Uma colina que está aí atualmente parece ser onde ela foi enterrada.

A anotação acima feita por Kusaka não é muito digna de confiança; ele acredita que esta tradição data do século 17 ou 18. Esta é uma visão pessoal, mas percebo que não somente as histórias sobre Shinran, mas informações ditas como sendo fatos proliferaram neste mesmo período. Isso é devido provavelmente a dois fatores: um abrandamento do controle do governo sobre a religião e uma maior preocupação com angariar fundos por parte dos templos. Os templos não estavam isentos de inventar incidentes a fim de atrair os devotos e, desse modo, aumentar sua renda.

O que me interessa na anotação feita por Kusaka é o fato de que, como um resultado do exílio de Shinran, sua mãe partiu para a província de Yamato, pois ficou com medo da perseguição. Isso parece altamente improvável e até engraçado quando se pensa sobre isso. A Perseguição Religiosa Jōgen, que resultou no exílio de Shinran, foi devida, em grande parte, à severa crítica do Templo Kōfuku, que se localiza na província de Nara. Não parece muito razoável que a mãe de Shinran pudesse procurar refúgio em uma área próxima a este templo, que é aquilo que é indicado pelas anotações de Kusaka dos registros da família de Kensho Honda.

A vila de Harihara, onde se diz que Kikkōnyo está enterrada, localiza-se no distrito de Uda, que o folclore afirma como sendo a parte do Japão onde a civilização japonesa começou. De acordo com o *Heishi Monogatari (Contos do Período Heian)* esta é também a área para a qual fugiu a mãe de Yoshitsune, o querido guerreiro romântico no folclore japonês. A razão provável para a afirmação de que Kikkōnyo foi enterrada em Harihara é que, seguindo a direção da vida romântica de Yoshitsune, que fascina todo japonês, tornou-se uma moda indicar o distrito de Uda como o lugar para onde todas as mães perseguidas se escondem.

Não se sabe ao certo as razões para Shinran ter se tornado um monge, mas não há razão para duvidar de que a batalha que aconteceu na mesma época de sua tonsura possa ter contribuído para que Shinran

entrasse para o monasticismo. A lenda de que a mãe de Shinran foi a neta de Minamoto Hachimantaro pode ter se desenvolvido porque, embora tenha nascido quando o clã Taira estava no auge de seu poder, sua família uniu-se com o clã Minamoto, e voltou-se contra os Taira.

Na época da tonsura de Shinran houve muitos desastres naturais, tais como tornados e terremotos. Kamonochomei descreveu a cena na capital Kyōto em seu *Hōjōki* (*Notas Escritas em meu Estudo*):

O número de pessoas que morreram de fome e cujos corpos estão jogados em frente do muro e perto da estrada não podem ser contados. O enorme fedor dos corpos e sua desfiguração é tal que é impossível olhá-los.

O único modo de evitar a dupla calamidade criada pelos homens através da guerra e da destruição e pelas catástrofes naturais era tornar-se um monge. As guerras civis e os desastres naturais daquele período podem, dessa forma, terem sido muito instrumentais para Shinran vir a se tornar um monge.

Jien e Shinran

Diz-se que Shinran foi iniciado no monasticismo por Jien, no templo Shōren. Como mencionado no capítulo anterior, Jien era o irmão mais jovem de Kujō Kanezane. Jien é conhecido por ter sido escolhido Abade do Tendai quatro vezes, e como notável poeta e o autor do *Gukanshō* (*Notas de um Observador Ignorante*). Ele certamente pode ser considerado como sendo uma das notáveis figuras religiosas e literárias daquela época.

Foi Kemmyo Nakazawa quem primeiro negou que Shinran tenha sido tonsurado por Jien. A posição de Nakazawa é de que a história de Jien ter sido o primeiro mestre de Shinran foi inventada para dar mais *status* a Shinran. Ele diz que o relato da tonsura de Shinran no templo Shōren relatado em *Denne* é aberto a dúvidas. Especificamente, *Denne* diz que Shinran foi tonsurado por Jien na primavera do primeiro ano de Yowa (1181). Porém, Jien não estava no templo Shōren. Nessa época o monge encarregado se chamava Kakkai. Assim Nakazawa alega que o relato de Shinran ter se tornado um monge por intermédio de Jien foi provavelmente para fazer Shinran parecer mais importante.

Toshihide Akamatsu não nega nem afirma que Shinran recebeu sua tonsura de Jien. Em seu *Shinran*, Akamatsu escreve:

É certo que Jien estava em Kyōto em 1181. O antigo monge superior, Kakkai, morreu no sexto dia do décimo primeiro mês daquele ano, mas, de acordo com a obra *Gyokuyō* (*Folhas de Jóia*) isso não ocorreu até o dia 26 do sétimo mês, quando Jien oficialmente sucedeu Kakkai como o superior templo Shōren. Assim, o lugar de tonsura de Shinran pode não ter sido ali. Parece que Shinran recebeu sua tonsura no Hakugawabō, que mais tarde tornou-se um ramo subordinado ao templo Shōren. A responsabilidade pelo Hakugawabō foi transferida de Kakkai para Jien algum tempo antes.

É dito que Shinran recebeu o nome ‘Hannen’ após tornar-se um monge. Em seu *O Shinran Histórico*, Nakazawa escreveu: “Alguns têm dúvidas sobre o nome Hannen”. Ele prossegue dizendo que as dúvidas originaram-se de uma pesquisa dos nomes dos dois irmãos mais jovens de Shinran, pois ambos tiveram nomes com uma letra em comum com seu pai e avô. Visto que o nome Hannen não é escrito com esta letra, aqueles que duvidam dizem que o nome Hannen não é provavelmente o verdadeiro nome dado à Shinran. Porém, Nakazawa prossegue dizendo que o nome Hannen é escrito com a mesma letra usada para escrever o nome do avô de Shinran, e que, por isso, a base para a dúvida a respeito do nome Hannen não é sólida.

(Eu não mencionei qual letra nos nomes dos irmãos de Shinran é comum com os de seu pai e o avô, nem qual letra era comum ao nome Hannen e ao nome do avô porque, em japonês, uma letra pode ser lida de diferentes maneiras. Tentar mostrar que vários nomes são escritos com uma letra comum é difícil se uma mesma letra é lida de forma variada em diferentes combinações, como é o caso aqui).

No presente não há meios para determinar se Shinran realmente recebeu sua iniciação no monasticismo através de Jien ou não. De acordo com as distinções sociais daquele tempo, as famílias Kujō e Hino eram de níveis completamente diferentes e quase não houve contatos entre elas. Entretanto, Jien foi um monge que mostrou estar acima de diferenças sociais; assim, há a possibilidade dele ter iniciado Shinran dentro no monasticismo. Quando nos voltamos para a pergunta de se Jien influenciou o desenvolvimento espiritual de Shinran, contudo, a resposta provável é “muito pouco, se alguma”. Uma evidência disso é que em todos os escritos de Shinran que ainda restam (incluindo suas cartas) não há nem mesmo uma menção ao nome de Jien. Esta é a mais importante razão dada por aqueles que negam que Shinran foi tonsurado por Jien.

Ao contrário de seu irmão mais velho, Kujō Kanezane, Jien não concordou com os ensinamentos do mestre de Shinran, Hōnen. Em seu *Gukanshō*, Jien descreveu Hōnen um tanto cinicamente:

No ano Ken-ei (1206), havia um monge chamado Hōnen. Ele viveu na capital Kyōto, e fundou a escola Nembutsu, chamando-a *Senshu Nembutsu*. Ele ensinou: “Somente recite o nome de Buddha Amida. Não se empenhe em quaisquer práticas secretas”. Estranhamente, seu ensinamento atraiu monjas estúpidas e iletradas e resultou em grande sucesso para ele. Seus discípulos Juren e Anraku causaram grande desordem social e foram executados. O próprio Hōnen foi exilado da capital, mas foi, mais tarde, perdoado. Ele morreu em ōtani (próximo a Kyōto). Muitos se reuniram no seu leito de morte na expectativa de ver Amida chegar para recebê-lo na hora de sua morte; contudo, isso não ocorreu (resumido).

Em outras palavras, muitas pessoas acompanharam os últimos momentos de Hōnen, mas o milagre do Buddha Amida chegando para conduzi-lo à Terra Pura, como descrito nos sūtras budistas, não aconteceu.

Em contraste, Jien descreveu a morte de seu irmão Kujō Kanezane no seguinte modo:

O senhor Kujō confiou nos ensinamentos de Hōnen e foi iniciado na ordem dos seguidores do Nembutsu por ele... Kujō lamentou o revés sofrido por Hōnen e no quinto dia do quarto mês, no segundo ano do Ken-ei (1207), depois de uma longa doença, morreu pacificamente.

Muitas coisas podem ser levantadas a partir dessa descrição de Jien. Primeiro, que Kanezane aceitou os ensinamentos de Hōnen e lamentou seu exílio, e pode ter-se tornado doente como um resultado do desgosto. Estranhamente, Jien louva Kanezane num modo bastante raro, dizendo que morreu pacificamente. A razão disso se deve ao fato de que o critério de fé durante aquele período era se você sofreu ou não quase antes de morrer. É dito que Nichiren aceitou os ensinamentos da Terra Pura até observar os sofrimentos de muitos que eram seguidores daquele ensinamento; isso fez com que se voltasse para o *Hokkekyō* (*Sūtra do Lótus*).

Jien descreveu práticas em seu *Gukanshō* que hoje poderiam ser consideradas curas pela fé. Além disso, Jien descreveu com bastante desdém as mortes daqueles de quem não gostava. Por exemplo, ele cita sobre o assassinato de Minamoto Sanetomo, que ocorreu no primeiro dia do ano 1219, do seguinte modo:

Minamoto Yoritomo foi um grande líder? Neste caso, seu neto teria sido tão imprudente (a ponto de ser assassinado)? Sanetomo (seu neto) estava distraído por suas atividades literárias e foi surpreendido indefeso. Ele trouxe desonra ao seu avô que era tanto um grande oficial do governo como um notável general.

Em outras palavras, o clã Minamoto foi destruído porque, embora tivesse nascido em uma família guerreira, Minamoto Sanetomo preocupava-se mais com a literatura e desprezava a coragem e a bravura.

Shinran criticou essa atitude supersticiosa, e em seu *Shozomatsuwasan* (*Poemas Sobre Os Três Períodos*. - Os três períodos da: verdade lei; a lei semelhante; e a degeneração da lei.), escreveu:

Quão lastimoso:

Ambos monges e leigos

Põem fé em prognósticos favoráveis

Em reverência a deuses do céu e da terra.

Como é triste que mesmo hoje quando enviamos homens à lua, o tipo de coisa acima, que Shinran lamentou setecentos anos atrás, ainda continue. O recente interesse na astrologia e nas adivinhações é bastante ruim, mas o que é mais lamentável é que haja pessoas mais inclinadas em acreditar em charlatães do que procurar uma competente atenção médica.

Embora seja possível dizer que havia uma ligação próxima entre eles, devido ao fato de Jien ter iniciado Shinran no monasticismo, não se pode dizer que Shinran foi muito influenciado pelas ideias de Jien. No *Shozomatsuwasan*, anteriormente citado, Shinran retrata os monges de sua época:

Uma evidência de (quão comuns são)

as cinco perversidades.

Os monges e mestres de hoje

são como empregados de baixo escalão,

e as palavras monges e mestres são

sinônimos de vulgaridade.

Jien provavelmente teria sido incluído nesta crítica aos monges daquele período. Parece-me que isso indica que Jien era mais um político orientado para a religião que um líder religioso, e que sua imagem como um erudito budhista é um tanto frágil enquanto sua imagem como um homem de letras é bastante forte. Possivelmente, a afirmação de Jien de que a base da miserável morte de Minamoto Sanetomo foi seu amor à literatura, foi devida a ambos serem talentosos escritores...

Seja como for, Shinran deu o primeiro passo para se tornar um monge. Ele deixou a elegante capital de Kyōto, repleta das aflições advindos dos trágicos eventos daquela época e subiu o Monte Hiei, a cidadela da educação budhista no Japão.

3. Monte Hiei

Subindo o Monte Hiei

Com oito anos de idade Shinran deixou Kyōto e o seu lar, e subiu ao monte Hiei. Parece que viveu nesta montanha desde sua adolescência até sua vida adulta, mas quase nada se sabe sobre este período de sua vida.

O estudo e a prática budistas foram estabelecidas por Dengyo Daishi (também conhecido pelo seu nome popular de Saichō) no monte Hiei, uns 393 anos antes de Shinran chegar ali. O que Shinran fazia neste lugar?

Vamos começar nossa investigação com *Denne*, que nos dá uma descrição das atividades de Shinran:

Infatigavelmente Shinran estudou o *Sanganbutsujo* (*As Três Perspectivas do Buddhadharma*) iniciado por Nankaku Daishi e Tendai Daishi e examinou profundamente o *Shikyōenyū* (*As Quatro Doutrinas do Buddhadharma*).

Denne é um livro de descrição. A linha citando as atividades de Shinran no Monte Hiei é, na realidade, um título sobre um esboço mostrando Shinran no monte Hiei. Um pouco mais do que mostrar a história, seu propósito é evocar um sentimento no investigador e não pode ser separado do mundo da fé.

Em *Denne*, depois de uma cena ser vista, e o texto que a acompanha ser lido, passa-se para a próxima cena e o texto do pergaminho. Quando visto e ouvido num quarto pobremente iluminado sob a chama de velas tremulantes, um notável sentimento inspirador acaba surgindo. Para o devoto, isso causa uma alegria quanto à religião, a qual permeia todo o seu ser. Não há porque os historiadores buscarem uma falha nele por não ser preciso quanto aos fatos; não foi esta sua intenção.

Acredito que Kakunyo, o autor de *Denne*, foi um homem de integridade. Mas ele escreve este trabalho com a idade de 28 anos, 33 anos depois da morte de Shinran. Como nele está escrito sobre o que Shinran estudou entre a idade dos 8 aos 28, significa realmente algo que aconteceu 114 para 94 anos antes. Mesmo aqueles que conheceram bem Shinran podem não ter sabido o que ele estudou. Como você saberia o que seus amigos de colégio estudaram? Você poderia saber que certo amigo estava se especializando em história, mas é na antiga ou moderna, política ou cultural?

Shinran provavelmente não se distinguiu durante sua permanência no monte Hiei, mas acredito que exageraram aqueles que dizem que a permanência de Shinran no monte Hiei foi proposadamente encoberta porque não poderia ajudar a recente organização Honganji dar os detalhes de sua vida ali.

Vamos dar uma olhada na vida que Shinran provavelmente seguiu no monte Hiei.

Dōsō do Monte Hiei

Os restos do templo Shōkō no Monte Hiei podem ser vistos ainda hoje. Um monumento de pedra indica que esta é uma ruína histórica associada a Shinran. Qual é a base para isto?

Em 1715, Goten Ryōkū escreveu uma história dramatizada da vida de Shinran. O título do seu livro foi *Takada Kisan Shinran Shōnin Shōtōden* (*A Verdadeira História de Shinran Shōnin, O Fundador da Ramificação Takada*), porém é mais conhecido pelo seu nome abreviado *Shōtōden* (*A Verdadeira*

História). Escrevendo esse livro, Goten Ryōkū criou muitos problemas pois incluiu histórias miraculosas que apresentou como incidentes que realmente aconteceram. Em 1784, Kotokubō Genshi apontou os erros no *Shōtōden*. De um modo bastante severo, Kotokubō repreende escrevendo:

É impróprio enganar os membros da escola Takada com tal trabalho inferior. Não é necessário embelezar a imagem de Shinran, de modo que brilhe falsamente. A imagem de Shinran como ela é, é mais do que suficiente.

Embora essa obra não seja completamente digna de confiança, vou começar por citar do *Shōtōden* numa tentativa de explicar a suposta relação de Shinran com as históricas ruínas do templo Shōkō. No segundo capítulo do *Shōtōden*, o autor diz que Shinran tornou-se um monge na idade de oito anos e provou ser um notável estudante. Ele estudou toda a sagrada literatura budhista até a idade de 23 anos. Na segunda metade dos seus 24 anos, Jien convocou-lhe e iniciou uma “conversa sobre o *Shōshikan (Método de Contemplação)* e o *Ōjōyoshu*, indagando sobre questões difíceis dessas obras, as quais Shinran respondeu com facilidade”. Por isso, no segundo dia do sexto mês, Jien conferiu-lhe o título de *Shosozu* e designou-lhe chefe do templo Shōkō, o qual era associado com a Corte imperial”. Essa crença parece ter sido amplamente aceita durante o período Tokugawa (1600-1868), principalmente porque não havia evidência para provar que não era verdade.

As características da vida de Shinran no Monte Hiei tornaram-se claras em 1921, quando as cartas da esposa de Shinran foram descobertas. Em uma de suas cartas, Eshinni escreveu:

...O senhor (Shinran) buscou a iluminação descendo a montanha (Monte Hiei), onde foi um *dōsō*, e retirou-se no templo Rokkaku por 100 dias...

Nessa passagem ficamos sabendo que, ao contrário de monge superior do templo Shōkō, Shinran na realidade foi um tipo de monge conhecido como *dōsō*.

Que tipo de monge era um *dōsō*? Na época de Shinran havia dois tipos principais de monges no Monte Hiei: os monges estudantes conhecidos como *gakushu*, e os monges inferiores chamados *dōshu*, que faziam o trabalho servil exigido para manter os templos. No *Heike Monogatari*, há uma passagem na seção intitulada “Relato da Destruição do Templo”, que diz o seguinte: “Um *dōshu* é uma criança que quase atingiu o status de um estudante e está na posição inferior dos monges”. O *dōshu*, dessa forma, pode não ser considerado um proeminente tipo de monge. Frequentemente eram atraídos para o monasticismo porque não tinham outros meios de subsistência. Sua motivação principal parece ter sido antes material do que espiritual, e não é surpreendente saber que era frequente os conflitos entre os estudantes *gakushu*, os quais eram fisicamente fracos, e os fortes *dōshu*, com os *dōshu* vencendo frequentemente. Porém, não foi somente a força física que levava quase sempre os *dōshu* à vitória. A maior razão foi a proteção dada a eles fora do templo. De acordo com o *Heike Monogatari* exatamente, aqueles que eram *dōshu* foram:

...ladrões, salteadores e piratas de várias províncias, trapaceiros, os quais não se preocupavam em viver ou morrer.

O *dōshu* pode quase ser considerado como uma brigada sem lei. Shinran estava entre seus membros?

Historiadores marxistas se encantaram com a ideia de Shinran ter sido um desconhecido *dōshu* no Monte Hiei, e têm usado essa evidência para tentar provar que ele foi um plebeu. Contudo, o *dōsō*, que Eshinni mencionou em sua carta, e o *dōshu*, enquanto parecidos no som e no modo em que são escritos, foram tipos fundamentalmente diferentes. *Dōsō* é escrito com as letras para templo e monge. De acordo com as pesquisas do professor Yawada, a prática especial do *dōsō* foi se concentrar no Nembutsu. Da mesma maneira que em muitas ordens cristãs, monges e monjas enclausuram-se para orar pela salvação e felicidade do mundo, o *dōsō* retirava-se no Templo Jogyo Sannai e recitava o Nembutsu para a felicidade do Japão.

O Nembutsu que era continuamente recitado pelo *dōsō* foi uma prática de poder próprio e é diferente do Nembutsu que Hōnen ensinou. O Nembutsu recitado no Templo Jogyo Sannai era indubitavelmente o Nembutsu de Genshin.

Genshin - O Introdutor do Ensino da Terra Pura no Japão

Shinran selecionou sete patriarcas que contribuíram grandemente para o desenvolvimento dos ensinamentos da Terra Pura e reverenciou-os em poemas de louvor. Esses sete são: Ryūju Bosatsu e Tenjin Bosatsu da Índia; Donran, Dōshaku, e Zendo da China; e Genshin e Hōnen do Japão. A seleção de Shinran de Genshin como um dos sete patriarcas da Terra Pura reforça o sentimento que ele recebeu seu treinamento em Yokawa, na área no Monte Hiei, com a qual Genshin é estritamente associado.

Genshin morreu 50 anos antes de Shinran nascer e, por isso, não poderia tê-lo ensinado diretamente. Todavia, em seu *Kōsō Wasan (Em Louvor aos Grandes Monges)* Shinran escreveu:

Grande Genshin!

Ele retirou o Nembutsu

Que jazia dentro do Buddhadharma

e compassivamente o ensinou

neste corrompido mundo.

Genshin não é muito conhecido entre os japoneses modernos, mas sua influência permeia o Buddhadharma no Japão, não somente com respeito à Terra Pura, mas também como o criador das estátuas budistas. A identificação ‘Feito por Genshin’ aparece em estátuas não somente dos templos da Terra Pura, mas também em templos do Tendai e Shingon. Visto que Genshin passou a maior parte de sua vida no Monte Hiei, não é surpreendente que muitas estátuas com seu nome possam ser encontradas nos templos próximos de Kyōto. O que é surpreendente, contudo, é que lugares igualmente remotos como o templo Jindai em Tōkyō e o templo Sugimoto em Kamakura também têm estátuas assinadas com seu nome. Na verdade, são muitas as estátuas que possuem o nome de Genshin mais do que seria possível a uma pessoa produzir. Porém a maioria das estátuas atribuídas a Genshin atesta sua fama entre seus companheiros monges e o grande respeito que eles tinham por ele.

Genshin pode ser considerado o mestre de Shinran em espírito e os anos que Shinran passou na mesma montanha que Genshin, não pode ser menosprezado. Antes de examinarmos a vida de Shinran no Monte Hiei, olharemos a vida de Genshin.

Diz-se que Genshin nasceu aproximadamente em 940 na aldeia de Taima localizada agora na prefeitura de Nara. Ele era do clã Urabe. Seu pai morreu quando tinha sete anos de idade e é dito que Genshin tornou-se monge por ser um desejo de seu pai.

Depois de sua tonsura, Genshin foi estudar no Monte Hiei sob a direção de Jikei Daishi. A habilidade de Genshin foi notada desde o começo, e seu progresso, assim como seu empenho nos estudos e no cultivo da virtude eram sem precedentes. Na idade de 12 anos, Genshin dissertou na frente do imperador e foi lhe dado o título eclesiástico de Sōzu.

São muitas as lendas sobre Genshin, mas um fato que pode ser afirmado é que além de peregrinações para lugares sagrados, Genshin passou sua vida toda no templo Ryōgen no topo do monte Hiei.

Ōjōyōshu (O essencial do nascimento na Terra Pura)

Genshin escreveu mais de 70 volumes sobre vários aspectos do Buddhadharma. Entre os muitos trabalhos literários que ele deixou existe um cuja luz nunca se extinguirá: O *Ōjōyōshu*. Este trabalho foi iniciado em 984 e completado no ano seguinte quando ele estava com 43 anos. Atualmente o conhecimento que as pessoas japonesas têm do paraíso e do inferno é baseado largamente no *Ōjōyōshu*.

Nessa obra, Genshin apresentou uma visão do inferno. As oito regiões do inferno foram apresentadas em prosa, fazendo arrepiar a pele do leitor. Diz-se que a descrição dessas regiões infernais foi pedida pela esposa do imperador Eiyu. As pinturas eram tão espantosas, que as serviçais e as damas de companhia não conseguiam dormir à noite e, assim, as pinturas acabaram sendo devolvidas. Pinturas baseadas no *Ōjōyōshu* podem ser vistas hoje. A despeito de nossa maior sofisticação, tais pinturas, todavia, têm o poder de despertar o terror em nossos corações. Estranhamente, as imagens do paraíso não chegam nem perto de causar uma impressão tão profunda.

Entre as regiões infernais, existe um inferno relativamente brando conhecido como Tōyōrin (o inferno do bosque das espadas afiadas). Esse inferno é reservado para aqueles culpados de desejos sensuais. Os que caem nessa região foram escravos de sua luxúria em uma vida anterior. Aí eles ouvem seu nome sendo chamado, e, olhando ao redor, veem uma linda garota sentada em uma árvore, implorando por suas carícias. Assim, eles sobem na árvore. Porém, a árvore tem folhas que cortam como navalha, e ele é retalhado à medida que sobe. Tão logo pense que alcançou o topo, a garota, contudo, já está no chão, e ele volta até lá enquanto o sangue jorra por causa das folhas feito espada. Mas, quando chega ao chão, a garota é vista novamente no topo da árvore. Ele sobe e desce num movimento sem fim, buscando a satisfação de sua luxúria, mas tudo o que consegue é machucar-se ainda mais. Há muitos que hoje caíram nesse inferno e sofrem exatamente como mencionado.

Foi o *Ōjōyōshu* de Genshin que primeiro descreveu os infernos tal como o inferno Tōyōrin. O motivo de Genshin não foi amedrontar as pessoas sobre a vida depois da morte nem fornecer aos monges meios de ameaçar as pessoas que ainda não haviam contribuído para a manutenção dos templos. Contudo, não pode ser negado que monges nas gerações seguintes usaram essas coloridas descrições do inferno como um meio de fazer sua vida tranquila por meio de sua exibição.

Genshin não inventou nem a ideia do paraíso nem do inferno. Como pode ser verificado pelo fato de que o *Ōjōyōshu* levou apenas um ano para ser terminado, Genshin usou muitas citações. Ele pode ser considerado uma compilação de todo o material sobre o paraíso e o inferno na literatura budhista naquele tempo.

O Auxílio do Nembutsu

No seu *Ōjōyōshu*, Genshin mostrou a relação entre o mundo da vida e o mundo depois da morte. Ele pode ter pretendido criar um medo do inferno e estimular um desejo para se nascer no paraíso. Nesse caso, sua finalidade básica foi promover o *Nembutsu*. Quando Hōnen dissertou perante o aposentado imperador Goshirakawa ele escolheu o *Ōjōyōshu* como seu assunto, porque o livro é fundamental para o pensamento da Terra Pura. Nesse sentido, Genshin deve sempre ser lembrado como um inovador dos ensinamentos da Terra Pura para as massas. Seguindo Kūya, que foi o primeiro a introduzir o *Nembutsu* para as massas com a sua “Dança do Nembutsu”, a grande façanha de Genshin foi promover o *Nembutsu* do mundo do movimento rítmico para o mundo da visão e do som.

Como mencionado anteriormente, o *Nembutsu* de Genshin não é o mesmo que o puro *Tariki Nembutsu*

(centrar-se no poder do Buddha) de Shinran. O *Nembutsu* de Genshin é uma combinação do *Kannen Nembutsu* (meditação sobre o Nembutsu) e *Shōmyō Nembutsu* (meditação do Nembutsu).

Meditação sobre o *Nembutsu* é uma prática Tendai. No começo de seu *Zichimai Kishōmon (Declaração de uma Página)*, Hōnen escreveu:

O que eu ensino não é nem a meditação sobre o Nembutsu tal como tem sido ensinado pelos mestres da China e de nosso país, nem é a invocação compreensível somente por aqueles que tenham alcançado sua essência pelo estudo.

Hōnen rejeitou a meditação sobre o *Nembutsu* e selecionou a recitação do *Nembutsu* como sua prática.

Entretanto, não é tão errado dizer que foi Genshin quem plantou as sementes do pensamento da Terra Pura apropriadas para serem colhidas pelas massas. Provavelmente não houve nada mais persuasivo para as massas daquela época como o breve relato de Genshin intitulado *Yokawahōgo (Sermão no Yokawa)*. Esse trabalho é muito bem conhecido no Japão e mostra um interessante *insight* quanto à posição de Genshin, que é uma mistura de *jiriki* (poder próprio) e o *tariki* (poder centrado no Buddha). Do ponto de vista Shinshu, isso é importante como um prelúdio para o ensinamento do absoluto *tariki* de Shinran.

O texto completo do *Yokawahōgo* diz o seguinte:

Escutem todos seres sensíveis: excluindo nascer nas três regiões do mal (inferno, região dos fantasmas famintos, região dos brutos animais), ter nascido como um ser humano é uma grande alegria! Não importa quão humilde seja sua situação na vida, isso não é inferior comparado à de um animal bruto (*chikushō*). Sem considerar quão pobre seja sua família, ela é mais afortunada do que a de um fantasma faminto (*gaki*). Embora todos os seus desejos possam não ser realizados, sua vida não tem o sofrimento que é experienciado no inferno.

Afligir-se com a existência é um sinal de que você não gosta de sua vida de ignorância. Lastimar ter nascido pobre é um sinal de que você tem a possibilidade de atingir a iluminação. Deste modo, alegre-se por você ter nascido! Mesmo que sua fé seja superficial, o Voto Causal é tão ilimitado que você, sem dúvida, nascerá na Terra Pura se somente pedir.

Recitar o Nembutsu pode ser aborrecido, mas se você praticar assim, Buddha Amida virá e, sem dúvida, lhe dará boas-vindas na Terra Pura. Que imensa caridade! Alegre-se por você ter se encontrado com o Voto Causal!

Novamente, ser distraído por pensamentos impróprios é a verdadeira natureza do ignorante; não há outro estado de mente que não seja a distração para quem não é iluminado. Mas se você recita o Nembutsu com a percepção de que é ignorante e que as distrações não cessarão até sua morte, Buddha Amida dará boas-vindas a você, como a pétala de lótus da iluminação. Naquele momento sua mente de distração tornar-se-á a mente da iluminação.

O Nembutsu recitado com a mente distraída é igual a um lótus em água suja; embora profundamente enraizado no lodo, o lótus floresce erguido no topo da água, belo e limpo. Assim, não tenha dúvidas sobre seu nascimento na Terra Pura, que já está decidido. Não se inquiete com sua mente distraída, mas deplore a inconstância de sua determinação. Seja sincero e continuamente recite o Nembutsu.

Yokawahōgo concorda com o *Ichimai Kishōmon* de Hōnen de que o Nembutsu não deveria ser invocado porque “é recomendado pelos mestres da China e de nosso país (Japão)” nem após um estudo de seu significado. Ao contrário, ele ensinou que:

Se você recita o Nembutsu com a percepção de que você é ignorante e de que as distrações não pararão até sua morte... sua mente de distração tornar-se-á a mente de iluminação.

Shinran disse no *Tannishō*:

Sou incapaz de qualquer prática que seja (para atingir a iluminação), o inferno definitivamente será meu lugar de morada.

Para Shinran, nada há senão o Nembutsu. A recitação do Nembutsu é o menor denominador comum para aqueles iluminados espiritualmente tanto quanto para o neófito espiritual. Mas por que é o menor denominador comum, isso é também o mais profundo.

Entretanto, Genshin, o qual conseguiu muito reconhecimento por sua erudição e experimentou as profundezas da doutrina Tendai, não conseguiu sem razão rejeitar tal erudição e selecionar somente as seis letras Na Mu A Mi Da Butsu como seu refúgio espiritual. Embora a ideia de Nembutsu de Genshin

possa ser basicamente a mesma de Hōnen e Shinran, seu Nembutsu deve ser considerado como de uma pessoa que não foi capaz de abandonar completamente suas pretensões intelectuais.

Genshin morreu no primeiro ano de Kannin (1017), com a idade de 75 anos.

Descendo o Monte Hiei

Incontestavelmente, Shinran foi bastante influenciado pelos ensinamentos deixados por Genshin. Ainda assim, ele deve ter ficado muito aflito por não ter atingido a iluminação por meio do Nembutsu de Genshin.

Shinran deve também ter ficado perturbado por causa dos monges guerreiros que eram recrutados para defender as propriedades dos templos. Naquele tempo, esses monges guerreiros possuíam considerável poder e foi inevitável que a corrupção invadissem os solos sagrados do Monte Hiei. Shinran deve ter achado muito difícil aceitar essa corrupção no lugar onde buscou a iluminação.

O templo Enryaku no Monte Hiei foi fundado para “pacificar e preservar” o Japão, contudo, encantamentos eram negociados aí, na crença de que ritos mágicos pudessem produzir o êxito desejado. Muitos monges completamente negligentes com seus votos e desperdiçando todo seu tempo e energia, praticavam ritos que lhe trouxessem reconhecimento e ganho financeiro. Seus encantamentos não eram sempre eficientes. Esforços para causar a cura de doenças frequentemente resultavam em morte. Esforços para produzir riqueza tinham exatamente o efeito oposto. Mas, no oferecimento para fazer ritos mágicos, esses monges consolidaram as crenças supersticiosas do povo. Não é exagero dizer que nas superstições que difundiam, esses monges eram encarnações do demônio, ao contrário de buscadores da compreensão espiritual.

Shinran não conseguiu suportar a angústia que se erguia dentro dele. Desde muitos anos atrás, no início de sua jornada, ele havia percebido, por si próprio, e em alto grau, que seus instintos humanos não podiam ser anulados pelas disciplinas ascéticas, e nada percebeu senão hipocrisia entre os monges com os quais ele se associou. Esses fatores levaram-no, evidentemente, a compreender que tinha de buscar a iluminação noutra parte que não no Monte Hiei. Desta forma, ele decide abandonar sua vida como um *dōsō* e desce a montanha.

Será que o sofrimento de Shinran durante vinte anos de práticas monásticas no Monte Hiei não tiveram significado? Eu não acredito nisso.

Foi no Monte Hiei que Shinran obteve a clara experiência que o levou a compreender inteiramente a religião da “seleção” de Hōnen, que o professor Kaneko mencionou em seu ensaio introdutório, e que será visto em grande detalhe no próximo capítulo. Se Shinran não tivesse experienciado a vida de um *dōsō* no Monte Hiei, ele não teria sido capaz de entender o ensinamento de Hōnen tão profundamente como o fez.

Por ter Shinran passado seus anos de formação no Monte Hiei, este pode ser considerado o lugar misericordioso onde se iniciou a reinterpretação do Buddhadharma para os japoneses.

Shinran sofreu nessa montanha. Lá foi onde sua humanidade chorou fundo dentro dele... era a voz da humanidade que o chamava...

4. O Templo Rokakku

A Visão no Templo Rokakku

Depois de descer do monte Hiei, Shinran parece ter se retirado em um templo provavelmente produtor de milagres. Durante esse período, estátuas do Buddha, templos e terras com estranhas características, eram considerados como tendo poderes, os quais poderiam ser direcionados para o próprio benefício. Até hoje, pessoas em lugares remotos do Japão consideram-nos objetos naturais de adoração. Portanto, não seria surpresa Shinran ter se retirado para um templo em busca de uma visão. Entretanto, por que desejou continuar suas práticas ascéticas fora do monte Hiei, que era o centro de tal atividade?

Provavelmente foram duas as razões. A primeira foi que, depois de vinte anos de enérgica prática como um *dōsō*, continuamente recitando o Nembutsu, não parecia haver muita probabilidade de iluminação. A segunda razão foi que Shinran não podia evitar a compreensão de sua natureza humana. Muitos escritores têm interpretado os sentimentos de Shinran em termos modernos e concluíram que, ao invés de uma compreensão de sua humanidade, foi um desejo por relações sexuais que causou a sua descida do Monte Hiei. Há indicações, tais como seu casamento, que apontam nessa direção.

Shinran retirou-se no templo Rokakku com a intenção de jejuar e orar por cem dias. Quando Shinran esteve aí, ele era chamado Templo Chōgan e parece ter tido uma reputação de produzir milagres. Realmente no 95º dia, Shinran escutou a voz de Shōtoku Taishi (em algumas versões, Kannon Bosatsu, o objeto de adoração no templo Rokakku) e foi levado a visitar Hōnen.

O templo Rokakku é dito ter sido construído por Shōtoku Taishi, que é considerado ter sido aquele que estabeleceu o Buddhadharma no Japão durante o 7º século. Shinran reverenciou Shōtoku Taishi tão grandemente, que ele escreveu:

Shōtoku Taishi manifestou-se para mim como Kannon Bosatsu. Ele é como meu pai que não me deixará; ele é como minha mãe que sempre estará unida a mim.

Diz-se que os 100 dias de vigília no templo Rokakku resultaram em um milagre, mas seria isso um mero folclore que ocorreu em torno de Shinran? *Denne* disse da seguinte forma:

Foi no terceiro ano de Kenin, no quinto dia do quarto mês, durante a hora do tigre (entre 3h e 5h da manhã). É lembrado que naquele tempo a estátua de Kannon Bosatsu assumiu uma forma humana com uma fisionomia serena e usando um manto branco. Sentado sobre um florido lótus branco, ela disse para Zenshin (Shinran): “Você conhecerá uma mulher. Eu me transformarei na mulher que você aceitar. (Isso poderá parecer ir contra os preceitos monásticos, mas) eu estarei ao seu lado por toda sua vida para purificar esse ato. Quando você deixar este mundo, eu o levarei para a Terra Pura”. Kannon Bosatsu disse para Zenshin: “Esta é minha promessa a você”. Zenshin entendeu o propósito da promessa e anunciou isso para as massas.

Para um homem, existe uma revelação mais desejável do que essa? Isso até parece um pouco egoísta.

Originalmente, Kannon Bosatsu foi neutro, nem masculino nem feminino, mas na ardente visão de Shinran, Kannon Bosatsu provavelmente se parecia com uma bonita mulher. Em *Denne*, a amável linguagem de Kannon Bosatsu é referida como uma “promessa”, em outras palavras, o compromisso seguro de Kannon Bosatsu para Shinran.

Este tipo de revelação milagrosa não é muito aceitável para o homem moderno. Quais são os fatos para provar isso? Eshinni, a esposa de Shinran escreveu em uma carta:

Depois de deixar a montanha (ele) confinou-se no Templo Rokakku por cem dias para orar sobre sua vida depois da morte. No amanhecer do 95^o dia, a promessa de Shōtoku Taishi em uma visão anterior foi atualizada e, por isso, (Shinran) deixou o Templo Rokakku em busca de um professor que lhe ajudasse em sua vida pós-morte, e (ele) finalmente encontrou seu mestre Hōnen Shōnin.

Eshinni provavelmente interrogou Shinran a respeito de sua torturante procura em direção à iluminação durante sua juventude. Confinando-se no Templo Rokakku, Shinran abriu completamente seu coração para Shōtoku Taishi, procurando uma resposta para seu problema de ser uma pessoa tão imperfeita.

Logicamente, em termos que necessitam ter significado para o homem moderno, Shinran evidentemente fez uma profunda introspecção e extraiu dentro de si mesmo a resposta que foi procurar; contudo, impressionantemente, Shinran não pode evitar sentir que seus 95 dias de súplica foram respondidos por Shōtoku Taishi.

Comparando o modo em que o incidente é descrito em *Denne* com o modo que é descrito nas cartas de Eshinni, vemos que Kakunyo disse que foi Kannon Bosatsu quem fez a revelação para Shinran, enquanto Eshinni disse que foi Shōtoku Taishi. O relato de Eshinni é mais provável de ser verdadeiro porque ela escutou isso do próprio Shinran. Entretanto, Kakunyo provavelmente teve as cartas de Eshinni como referência quando escreveu o *Denne*. Por qual motivo ele trocou a pessoa que se dirigiu a Shinran?

Shōtoku Taishi é uma pessoa histórica. Shinran provavelmente sentiu uma proximidade com Shōtoku Taishi, pois estava repleto da agonia de um homem cuja visão focava no infinito, enquanto tendo as limitações de um homem finito. Evidentemente, Shinran se identificou mais estritamente naquele tempo com um homem de carne e osso do que com um ideal criado pelo homem, como Kannon Bosatsu.

Contudo, dizer que o autor de *Denne* arbitrariamente trocou Kannon Bosatsu por Shōtoku Taishi como o revelador dos profundos sentimentos de Shinran, é não compreender o que está por trás disso. Ao contrário, se você considerar que a intenção do *Denne* era a de consolidar a fé dos seguidores do Honganji, é claro que o efeito de Kannon Bosatsu revelando-se em uma visão para Shinran é muito mais dramático do que se fosse Shōtoku Taishi, um mero mortal.

Depois disso, *Denne* fala de Hōnen e Shōtoku Taishi no seguinte modo:

Mestre Hōnen é o corpo transformado de Seishi (Bosatsu) e (Shōtoku) Taishi transformou-se em Kannon (Bosatsu) para iluminar o homem.

Seishi Bosatsu e Kannon Bosatsu são os dois ajudantes de Buddha Amida. Assim, *Denne* faz supor que Shinran foi levado a aceitar o Voto Causal de Buddha Amida por Hōnen e Shōtoku Taishi.

Na cópia do *Denne* existente no Higashi Honganji há uma descrição de uma visão de Ren'i, um dos últimos discípulos de Shinran. Se diz que essa visão de Ren'i ocorreu no oitavo ano de Kencho (1256) quando Shinran tinha 83 anos de idade. Na visão, Shōtoku Taishi suplicou perante Shinran dizendo:

Ele que reverencia Buddha Amida, o Tathāgata da Grande Compaixão, cujo propósito em vir a este mundo é transmitir o sagrado ensinamento, será iluminado mesmo se nascer quando as cinco imperdoáveis transgressões são comuns. Por conseguinte, é claro que Shinran é a personificação do Buddha Amida.

Que distorção dos fatos! Ora, agora não é mais Shinran reverenciando Shōtoku Taishi, mas Shōtoku Taishi reverenciando Shinran! Uma descrição como essa é completamente estranha ao domínio da história e não seria hoje aceita por ninguém. Entretanto, isso é importante como uma indicação de quão grandemente Shinran foi idealizado por seus seguidores, até quando ele ainda estava vivo.

A visão no Templo Rokkaku foi a causa para Shinran procurar seu respeitado professor, Hōnen. Em seu *Kyōgyōshinshō*, Shinran escreveu: “Abandonei as várias práticas e confiei no Voto Original”. Isso foi no primeiro ano de Kennin (1201) quando Shinran tinha 28 anos e Hōnen, 68.

Gyōja Shukuhōsetsu Nyobon

Em *Denne* há uma frase que é central com relação à visão que Shinran teve no templo Rokkaku: *gyōja shukuhōsetsu nyobon*. Esta é uma frase expressiva que desafia a fácil tradução, mas que significa alguma coisa como: “Você, buscador da iluminação, está destinado a conhecer as mulheres”. Isto pode significar uma expressão do desejo sexual de Shinran.

Todos os monges da época de Shinran aceitavam os votos de não comer carne e permanecerem castos, porém isto não significava que todos obedecessem tais votos. Era um segredo conhecido de todos que muitos monges viviam com as mulheres com as quais tinham filhos. Eles mantinham a ficção de que eram castos não se casando legalmente com a mulher com quem viviam.

Shinran foi o primeiro monge que aberta e legalmente se casou com uma mulher.

Eu conheço um monge budhista japonês que visitou alguns países budhistas do sudeste asiático com sua esposa. Ele me disse que os monges daquela região (que sempre cumprem todos os preceitos, incluindo a castidade) o viam metade com escárnio e metade com inveja. Na visão deles, um monge que é casado, come carne, veste terno e sapatos (feitos de couro) deve ser considerado como transgressor dos preceitos budhistas. Eles dizem que os monges do Japão, por isso, não podem ser considerados como sendo monges budhistas. Na visão deles, para ser um monge budhista não se deve nunca tocar em uma mulher, nem comer carne e observar estritamente todos os preceitos budhistas.

A vida monástica, tal como praticada no tempo de Shinran, pode ainda ser observada atualmente no Japão. Contudo, os monges do sudeste asiático eram os modelos para os monges da época de Shinran, e por serem capazes de observar todos os preceitos budhistas até hoje merecem nosso respeito.

Porém, antes de considerar se é possível ou não seguir todas as regras monásticas, acredito que devemos considerar as necessidades fisiológicas do homem. Certa vez, estudei a vida dos esquimós, os quais viveram por um longo tempo com uma dieta baseada em carne de rena. Apesar de sua dieta carnívora, sua vida não é tão curta. De acordo com os fisiologistas, o homem se acostumou a comer aquelas coisas que estivessem à mão. Parece que se nada a não ser carne é comido por gerações, nenhuma necessidade surge por qualquer outra coisa.

Os fisiologistas também afirmam que existe uma relação entre o que o homem come e o clima da região em que vive. A carne é necessária para aqueles que vivem em locais frios, mas uma dieta de frutas e legumes é suficiente para aqueles da região tropical.

Uma das razões para os monges mendigarem sua comida é para controlarem seus desejos. Todo dia eles pedem somente o suficiente para aquele dia. Mas a cena de um monge mendicante é muito rara nas grandes cidades do Japão moderno. O sentido de doação não é altamente desenvolvido o bastante entre os leigos do Japão de modo que uma pessoa possa ganhar suficiente comida para se sustentar através da mendicância. Já é bastante difícil manter os templos budhistas em bom estado. Os templos japoneses têm sido forçados a dispor de um pedaço de suas terras e cobrar para estacionar carros, ou construir apartamentos para alugar. O aumento do número de templos ao longo dos lugares de turistas é devido ao mesmo problema econômico. Nossa situação social tem sido tão complexa, que para controlar nossos desejos e posses nada como a original prática budhista. E é muito mais difícil viver uma vida desapegada nos países frios do norte do que nos países quentes do sul. O inverno japonês é frio e muito severo. Muitas vezes é impossível sair para mendigar o alimento, porque tudo está coberto de neve.

A situação é totalmente diferente no sudeste da Ásia. Frutas ali existem em abundância. Eles são abençoados com saborosas e nutritivas frutas tais como coco, banana, manga e mamão. Quase pode ser dito que se você estende sua mão, tocará algum tipo de alimento. É difícil dormir sobre um cobertor de neve, mas nos trópicos não há o perigo de ser congelado até a morte, não importa em que lugar você deite.

São muitos os casos de soldados japoneses que não sabiam que a 2ª guerra mundial tinha terminado e que estavam vivendo nas ilhas tropicais há anos, antes de serem descobertos e repatriados de volta ao Japão. Sargento Yokoi, que foi descoberto em Guam em 1972, é o mais recente exemplo. Na imensa publicidade que recebeu, quase não foi mencionado que ele foi capaz de sobreviver espiritualmente somente por causa do Nembutsu. Fisicamente, duvido que o sargento Yokoi pudesse sobreviver por um longo tempo se estivesse em uma ilha coberta de neve na região norte do hemisfério.

Não estou defendendo os monges do Japão. Estou meramente afirmando que a atitude dos monges muda devido ao clima de uma região.

Estima-se que, do começo do período Heian (aproximadamente 900) até o final do período Kamakura (aproximadamente 1340), a média de vida dos japoneses foi quase a metade do que é hoje. Embora muitas pessoas tenham sido mortas na guerra, a grande percentagem provavelmente morreu de doenças. E foi nessa época que Shinran viveu quase miraculosamente até a idade de 89 anos. Entre os mais conhecidos monges daquele período - Hōnen 74, Eisai 73, Dōgen 53, Nichiren 60, Myōei 60, Ippen 50 - Shinran foi o que viveu por mais tempo.

Não há meios de saber qual era a altura e o peso de Shinran, mas é de se supor que foi dotado com uma constituição robusta. Se não a tivesse, não conseguiria ter propagado os ensinamentos de Hōnen tão vigorosamente como o fez no frio e na neve de Echigo, durante seu exílio. A região de Kanto, para onde mais tarde se dirigiu, não tinha um clima especialmente temperado, todavia foi aí que Shinran escreveu muitos de seus trabalhos literários. E, naturalmente, a longa vida de Shinran é prova final de seu vigor.

Ao mesmo tempo, deve se reconhecer que a forte constituição de Shinran contribuiu para sua angústia a respeito de seu instinto humano natural. A decisão de Shinran em deixar de seguir o caminho das várias práticas (*zōgyō*) e seguir a senda do Voto Causal, não pode deixar de estar relacionada com seu vigor.

No seu *postscript* para o *Kyōgyōshinshō*, Shinran escreveu:

No primeiro ano de Kenin (1201) abandonei o caminho das disciplinas ascéticas e comecei a seguir o caminho do Voto Causal.

Essa passagem é admitida como significando que em 1201, Shinran tornou-se um discípulo de Hōnen, o qual ensinava o caminho do Nembutsu na área de Yoshimizu, perto de Kyōto.

O caminho do Nembutsu que Hōnen ensinou foi que não havia outro caminho que a fé no Voto Causal do Buddha Amida e no recitar seu nome, *Namuamidabutsu*. Esse não é um ensinamento para monges, os quais passam todo o seu tempo em práticas religiosas; ao contrário, é um ensinamento eminentemente adequado aos leigos.

Embora Hōnen tenha atraído altos oficiais do governo tal como Kujō Kanezane, o conselheiro chefe do imperador, a maioria de seus seguidores foram desconhecidos que não eram considerados capazes de se iluminarem pela prática da maioria das escolas budistas daqueles dias. Diz-se que entre aqueles que foram ensinados por Hōnen estavam ladrões e prostitutas. Essas pessoas não eram monges, ou falando de uma forma um pouco diferente, elas eram pessoas que não mudaram suas naturezas. Ao contrário de

saírem de seus lares em busca do nirvāna, elas foram chefes de família. Essa é a magnitude da contribuição de Hōnen para os ensinamentos da Terra Pura. Até Hōnen, foi concebido que o Budhadharma era somente para aqueles que deixavam para trás todos os desejos mundanos e se especializavam em práticas que os conduziram à sua iluminação. Mas o que Hōnen ensinou foi especialmente para aqueles que não podiam abandonar o lar.

A decisão de Shinran em romper os preceitos budhistas casando-se com uma mulher foi porque, como Hōnen repetidamente ensinou, o casamento não é um obstáculo para nascer na Terra Pura. A experiência de Shinran no templo Rokkaku confirmou sua disposição nessa direção.

Yoshimizu - A Dificuldade em Determinar o Ano Exato

Como já foi mencionado, Shinran procurou Hōnen no “primeiro ano de Kenin”, que corresponde no calendário ocidental ao ano de 1201. Essa data é encontrada na cópia do *Kyōgyōshinshō* autenticada pelo professor Zennosuke Tsuji como tendo sido escrito pelo próprio Shinran, de modo que não há engano sobre isso. Contudo, muitas cópias do *Denne* afirmam:

Na primavera do terceiro ano de Kennin, o Mestre (Shinran) aos 28 de idade, procurou o Mestre Genku (Hōnen) em seu retiro em Yoshimizu...

De acordo com o *Denne*, então, Shinran primeiro dirigiu-se para Yoshimizu na primavera do terceiro ano de Kennin, que corresponde a 1203. A época mencionada é a mesma que aparece na caligrafia de Shinran, mas existe aí uma diferença de dois anos entre as datas divulgadas no *Kyōgyōshinshō* e muitas cópias do *Denne*.

O ano exato em que Shinran tornou-se um discípulo de Hōnen não é muito importante em termos de seu pensamento ou em relação ao ensinamento que divulgou; porém, se quisermos saber um pouco mais sobre a vida pessoal de Shinran, esse é um problema que precisa ser investigado um pouco mais a fundo. Alguma ideia dos problemas envolvidos em determinar os fatos da vida de Shinran pode ser obtida no transcorrer deste livro.

Especialmente interessante é que só na cópia do *Denne* do Nishi Honganji a data da visão de Shinran no templo Rokkaku é dada como sendo “na primavera do primeiro ano de Kennin”. Além disso, embora muitas cópias do *Denne* deem a data da visão no templo Rokkaku como sendo “o terceiro ano de Kennin”, elas incorretamente afirmaram que isso ocorreu no ano shinyu do calendário de 60 anos, que corresponde ao primeiro ano do Kennin. O terceiro ano de Kennin corresponde ao ano kigai do calendário de 60 anos.

Todas as cópias do *Denne* claramente afirmam que a visão no templo Rokakku ocorreu quando Shinran tinha 28 anos de idade. Visto que Shinran nasceu em 1173, ele tinha então 28 anos em 1201, no primeiro ano de Kennin.

Seguidores devotos do Shinshu tendem a aceitar a data que Shinran escreveu de próprio punho (1201) como o ano que ele se tornou discípulo de Hōnen e a data de sua visão no templo Rokkaku dada em muitas cópias do *Denne* (1203), sem duvidarem. Eles acreditam que depois de se tornar discípulo de Hōnen, Shinran retirou-se no templo Rokkaku para ter uma visão de Shōtoku Taishi (ou Kannon Bosatsu). Eles não consideram haver conflito nessas datas.

Contudo, se os eventos aconteceram na ordem aceita pelos devotos, não haveria motivação para Shinran

tornar-se discípulo de Hōnen. A angústia que Shinran deve ter sentido não teria se manifestado por si mesma. Por que Shinran desceu do Monte Hiei depois de vinte anos de estudo e disciplina? Qual a razão para a abrupta mudança em seu estilo de vida?

Deixe-me citar a carta de Eshinni novamente. Nesta carta datada do terceiro ano do Kōchō (1263), ela escreve:

(Ele) *abandonou a montanha* e retirou-se no templo Rokkaku por uns cem dias, orando por sua iluminação na vida futura...
(*meu itálico*)

Por montanha, naturalmente, quer dizer Monte Hiei. Como está claro nessa passagem, há uma ligação direta entre o Monte Hiei e o templo Rokkaku. Não se comenta nada sobre Hōnen, em Yoshimizu. Retirar-se para um templo por uns cem dias para orar pela vida depois da morte não faz parte do ensinamento do Nembutsu de Hōnen, e não parece muito provável que Shinran pudesse se retirar depois de ter se tornado discípulo de Hōnen. Yuien relatou no *Tannishō* a profunda confiança de Shinran em Hōnen: “Mesmo se eu tivesse sido enganado por Hōnen e venha a cair no inferno como um resultado da recitação do Nembutsu, eu não tenho nenhum arrependimento”. Poderia uma pessoa que expressou tal confiança ir contra o ensinamento de seu mestre? É possível de se acreditar que Shinran, o qual disse: “Não há outro caminho para mim do que seguir o ensinamento daquela boa pessoa (Hōnen)”, possa ter se refugiado no templo Rokkaku por uns cem dias, contrariando o que aquela boa pessoa ensinou?

Então isto significa que a data citada na maioria das cópias do *Denne* está errada?

Sobre este ponto, Kemmyō Nakazawa escreveu:

É claro que Kakunyo se baseou, em muito, num *postscript* do *Kyōgyōshinshō* ao escrever o *Denne*. Isso é evidente porque citou muitas vezes isso em seu trabalho. O relato de Kakunyo de Shinran ao tornar-se discípulo de Hōnen também parece se basear nesse *postscript*. Porém, o *postscript* não dá a data completa. (A data é escrita em uma forma abreviada somente com o nome da época, *Kennin*, e a numeração que foi o ano shinyu do ciclo de 60 anos). Assim, de modo a determinar qual ano estava se referindo, a referência deveria ter sido feita com base nas tabelas cronológicas.

O professor Nakazawa, a seguir, começa a discutir como Kakunyo pode ter errado na leitura da tabela cronológica e chegado à conclusão errada de que foi o terceiro ano de Kennin, concluindo que: “Kakunyo, então, adicionou o fato que ele tinha escutado, de que Shinran tinha 28 anos naquele tempo”.

Esse interessante ponto de vista é característico do professor Nakazawa, mas deve ser lembrado que Kakunyo escreveu *Denne* em 1295, 33 depois da morte de Shinran, somente uma geração mais tarde. Kakunyo evidentemente teve muito material de referência sobre o qual basear sua biografia e pode ter investigado o passado de Shinran muito a fundo. Assim, não parece muito provável que somente pelo fato do nome da época ser igual, Kakunyo tivesse errado ao ler a tabela cronológica.

O professor Nakazawa considerou o material de referência que Kakunyo teve acesso e comentou:

...o fato de que as cópias Bando e Takada do *Denne* de Kakunyo, que são tidas como as mais próximas do original, conterem os mesmos erros clericais, é uma indicação de que Kakunyo não teve a informações históricas confiáveis quando escreveu a biografia de Shinran.

Contudo, se Kakunyo escreveu a biografia sem um material confiável de referência, ou se ele o considerou confiável, ele teria produzido um documento completamente emotivo na qualidade e não com base nos fatos; o resultado pode muito bem ter sido exatamente o oposto do que foi pretendido.

Além disso, exatamente quem foi que descreveu a visão no templo Rokkaku? Primeiro foi declarado por Shinran, naturalmente, mas numa época sem gravador, suas exatas palavras poderiam não ser lembradas. Afortunadamente, porém, as cartas de Eshinni mencionando o incidente ainda estão preservadas. Eu citei esta parte de sua carta muitas vezes até agora: “Ele desceu da montanha e retirou-se no templo

Rokkaku...” Kakunyo pode ter escrito o *Denne* baseado pelo menos em parte sobre essa carta altamente fidedigna. Essa linha de raciocínio é muito mais natural do que a de Nakazawa. É praticamente improvável que Kakunyo pudesse tentar escrever a biografia de Shinran sem um seguro material de referência.

Shunju Akamatsu considerou esse assunto muito cuidadosamente e concluiu que Kakunyo pesquisou as cartas de Eshinni depois de completar a primeira edição do *Denne* e fez correções nas cópias posteriores. A data no exemplar do *Denne* do Nishi Honganji indica que Shinran retirou-se no templo Rokkaku depois de se tornar discípulo de Hōnen, porém a carta de Eshinni afirma que foi de outro modo. Contudo, apesar dos erros de como o ano está expresso, todos os outros exemplares do *Denne* podem ser interpretados como indicando que Shinran tornou-se discípulo de Hōnen depois de sua visão no templo Rokkaku, e, assim, em geral concorda com a carta de Eshinni. O professor Akamatsu diz que uma vez que todos os exemplares do *Denne* que mencionam “o terceiro ano de Kennin no ano shinyu do ciclo de 60 anos”, foram copiados depois de 1307, pode-se concluir daí que Kakunyo leu a carta de Eshinni naquele ano e pela primeira vez tornou-se ciente das circunstâncias que levaram Shinran até Hōnen e que, por isso, corrigiu aquela parte do *Denne*. A única questão não respondida então, conclui Akamatsu, seria porque Kakunyo corrigiu o relato indicando a razão de Shinran procurar Hōnen, enquanto que deixando permanecer um erro na data.

O Julgamento da Fé

Não me preocupo por ter apontado um erro em *Denne* com referência ao ano que Shinran tornou-se discípulo de Hōnen. Nem quis usar esse erro como uma evidência para chegar a alguma conclusão. Como é claro do próprio título, *Denne*, que significa *Biografia Ilustrada*, é o comentário de um quadro em pergaminho. É um caminho que aponta para o mundo da fé e não é registro histórico. Está designado a ser lido em voz alta como um sūtra. O ritmo e melodia das palavras são designadas a evocarem a imagem de Shinran. Para eruditos isso pode parecer pouco confiável enquanto história, mas se a alegria entre gerações de japoneses que guardaram no coração o poema de Shinran:

Onde houver um, considerem que são dois,

Onde houver dois reunidos em meu nome,

considerem que são três,

e eu, Shinran, serei esse terceiro...

for desprezada, será impossível falar sobre o ensinamento da Terra Pura.

Se a data exata em que Shinran tornou-se discípulo de Hōnen fosse realmente tão importante, alguém evidentemente teria já corrigido isso, mas, na realidade, isso não é um problema. A sequência pode não ter sido a de que Shinran tornou-se discípulo de Hōnen e depois se retirou no templo Rokkaku. A visão muito mais provável é de que o caminho de Shinran foi semeado no templo Rokkaku, e, mais tarde, foi levado a tornar-se discípulo de Hōnen. Contudo, para mim, o fato de o erro de Kakunyo não ter sido corrigido indica para o fato da fé ser muito mais importante do que os fatos históricos...

Shinran desceu do Monte Hiei e refugiou-se no templo Rokkaku. Sua vida como um *dōsō* tinha terminado. Do ponto de vista do desenvolvimento espiritual de Shinran, o relato altamente emocional em *Denne* é de grande importância. Sem passar através da experiência no templo Rokkaku, a “religião dos incapazes”

não teria nascido. O que Shinran escutou foi Kannon Bosatsu chamando-o; pode-se dizer também que era voz de Hōnen chamando-o...

Como um mestre Zen outrora falou, somente quando uma xícara é primeiro esvaziada é que se pode enchê-la com chá. Igualmente, somente quando Shinran rejeitou os ensinamentos tradicionais do Monte Hiei, foi que se tornou pronto para receber um novo ensinamento. É uma tradição oriental de que “quando o estudante está preparado, o mestre aparece”. O futuro mestre de Shinran, Hōnen, já tinha 68 anos de idade e o estava esperando em Yoshimizu.

5. Yoshimizu - a religião da seleção

Louvor a Hōnen

Yoshimizu está localizada a meio caminho de Higashiyama, uma pequena montanha a leste de Kyōto. Ela é assim chamada devido às suas águas claras que borbulham até nos dias de hoje; Yoshimizu significa “água jubilosa”.

Diz-se que Hōnen ensinou o caminho do Nembutsu perto do templo Anyō em Yoshimizu. Ele tinha 68 anos de idade quando Shinran o encontrou.

Tudo que Shinran tinha obtido durante vinte anos de austeridades religiosas no Monte Hiei foi angústia mental, mas quando se encontrou com Hōnen, o espírito do Nembutsu permeou todo seu ser e ficou convencido de que este era o único caminho para ele.

O apelo de Hōnen era tanto para plebeus quanto para nobres. Seu grande trabalho foi condensar todos os ensinamentos contidos nos supostamente 84.000 sūtras budistas para seis letras chinesas: *Na Mu A Mi Da Butsu*. Por essa realização, Hōnen deve ser considerado não somente como um japonês notável, mas também como um grande pensador budista.

Depois de ouvir Hōnen e ter seus olhos abertos para a verdade, Shinran passou o restante de sua vida ensinando a outros o que ele aprendeu. A avaliação de Shinran da importância de seu ensinamento está contida em seu *Kōsō Wasan (Louvor de Eminentes Monges)*, onde ele escreveu:

*O grande mestre Hōnen
Ensinou o caminho do Grande Voto
Agora todos os japoneses têm o contato
Com as condições para nascer na Terra Pura.*

Outra vez, Shinran escreveu:

*Embora Zendo e Genshin tenham revelado
O caminho do Nembutsu,
Se não fosse por Hōnen,
Como poderiam as pessoas deste pequeno,
E mais impuro dos países impuros
Alguma vez saberem do verdadeiro ensinamento?*

e novamente:

*Hōnen pode ser considerado a encarnação
e Seshi Bosatsu ou mesmo de Buddha Amida
Imperadores aposentados,*

*membros da corte imperial,
pessoas da cidade,
e camponeses - todos reverenciam-no.*

Shinran tinha tanta consideração por Hōnen que o concebeu como a encarnação do Buddha Amida. Seishi Bosatsu é um dos assistentes de Buddha Amida, e está constantemente a seu lado. Não somente Shinran, mas as pessoas daquela época geralmente concebiam eminentes monges como tendo sido a encarnação de Buddhas ou Bodhisattvas. Os “imperadores aposentados” mencionados acima se referem a Goshirakawa, Takakura e Gotoba. Um imperador aposentado frequentemente tinha mais poder do que o imperador titular e não era raro, durante aquele período, que um imperador se aposentasse para melhorar sua base política.

Este é o ápice da expressão devocional de Shinran para com Hōnen:

*Por ter Buddha Amida transformado a Si Próprio,
Hōnen foi capaz de se revelar neste mundo.
Ai de mim, o período da transformação passou,
E Hōnen teve de retornar para a Terra Pura.*

Aqui Shinran afirma que Hōnen foi a encarnação de Buddha Amida e expressou a morte de Hōnen como um retorno para a Terra Pura depois de ter estabelecido as condições para todos se iluminarem. Mas como pode um mero mortal ser considerado como tendo o atributo suprahumano de ser a causa da iluminação de todos? Alguém pode dizer que essa expressão é somente um salto da imaginação fantasiosa de Shinran e que absolutamente não se fundamenta na realidade. Contudo, quando consideramos o fato dos sentimentos de Shinran, isso não pode ser desconsiderado assim levemente. Isso deve ser considerado como sendo a expressão de um homem que foi tão devotado a Hōnen que o identificou não somente com sua própria causa, mas a causa da iluminação de todos os seres sensíveis.

Que espécie de homem foi esse que estimulou tal devoção?

A Tonsura de Hōnen

Hōnen nasceu na vila de Inaoka na província de Mimasaka (atual prefeitura de Okayama) durante o segundo ano do Chojo (1133). Seu pai foi Uruma Tokikuni. Diz-se que sua mãe pertencia ao clã Hata. O pai de Hōnen foi um guarda imperial e deve ter tido muita influência e autoridade naquela região. Porém, essa autoridade foi sua ruína, porque perdeu sua vida numa disputa por poder ali mesmo. Quando Hōnen tinha oito anos de idade, à noite seu lar foi atacado por Musha Jomyō, e seu pai mortalmente ferido.

Hōnen, apesar da pouca idade, bravamente pegou um arco e flecha para tentar vingar seu pai; contudo, seu pai o impediu dizendo: “Não odeie seu inimigo. Não se envolva em disputas. Este estado de coisas vem por intermédio do karma. Se você for capaz de me vingar, você se tornará o inimigo dos parentes de sangue da pessoa que você matar e o alvo de sua vingança. E esta terra será continuamente manchada de sangue. Melhor do que continuar esta horrível série de eventos, é buscar a iluminação pelo abandono do mundo e tornar-se um monge”.

Em concordância com a instrução de seu pai, Hōnen entrou para o monasticismo. Foi iniciado no Templo Bodai, o qual se diz ter sido dirigido naquele tempo pelo seu tio materno, Chikyōbō Kankaku. Coincidentemente, a idade de Hōnen quando iniciado foi a mesma que a de Shinran.

Abandonando o Abandono

Hōnen deixou seu lar e subiu o Monte Hiei para estudar. Ali, ele se tornou discípulo de Jibōbō Genkō. Por ter progredido tão rapidamente, Hōnen foi enviado ao templo Kudoku para estudo suplementar depois de apenas três anos. O eminente erudito budhista Ajari Kōen ensinava lá nessa época. Kōen foi o autor de *Fusoryakki (História Budhista do Japão)* e era o mais respeitado monge daquele período.

Hōnen estudou no templo Kudoku por três anos, especializando-se nos ensinamentos Tendai do Buddhadharma. Depois desse período adicional de estudo, Hōnen pediu para estudar em reclusão.

Pode parecer estranho que uma pessoa que abandonou o mundo para tornar-se um monge pedisse permissão para viver em solidão, porém, naquele tempo, havia mais de três mil templos no Monte Hiei e era constante o contato com a capital Kyōto, que ficava próxima de lá. Muitos monges tinham abandonado exteriormente o mundo somente para adquirir distinção entre a hierarquia eclesiástica, ocorrendo constantes brigas entre eles a fim de conquistarem títulos religiosos. Assim, realmente, não é estranho que um monge seriamente interessado no crescimento de sua consciência religiosa desejasse pedir para deixar um lugar de semelhante atividade.

Ou, talvez, foram certas coisas sobre o Tendai que Hōnen não pode entender. Outra possibilidade é que Hōnen teve dúvidas sobre a percepção de seu mestre Kōen.

Kōen foi um membro da aristocracia Fujiwara. Ele estudou no Tendai e foi considerado tanto um sábio como uma pessoa virtuosa. Além de seus estudos religiosos, estendeu sua área de atividades para o campo literário. De sua parte, Kōen foi muito mais parecido com Jien, o homem que dizem ter sido professor de Shinran. Contudo, Kōen, no geral, era um grau menor que Jien. Isso não quer dizer que Kōen não fosse tão erudito ou virtuoso quanto Jien; quer dizer somente que Kōen não foi politicamente brilhante como Jien. Kōen nunca se tornou o abade do Tendai, ao contrário de Jien.

Existe uma lenda sobre Kōen, que revela seu ardor em esforçar-se para atingir a iluminação. Ele transformou-se em uma serpente monstro e confinou-se em um lago chamado Ōke. Qual foi a razão para Kōen agir assim? No Buddhadharma há um ensinamento conhecido como *ryūgesane*. Existem algumas diferentes versões, mas geralmente este ensinamento afirma o seguinte: o verdadeiro ensinamento do Buddha seria mantido somente até 500 anos após sua morte. Depois desses 500 anos somente o ensinamento aparente seria mantido por mais 1000 anos. O último período é chamado *mappo*, a idade da degeneração dos ensinamentos que corresponderá a um tempo de 10.000 anos, acarretando com isto o desaparecimento do Buddhadharma; porém, dentro de 567.000.000 anos, Miroku Bosatsu aparecerá para novamente instruir as pessoas do mundo.

Kōen viveu durante o período da decadência do ensinamento, quando atingir a iluminação era considerado extremamente difícil, senão impossível. Mais do que ninguém, Kōen desejou viver até que Miroku Bosatsu aparecesse, mas, é claro, é impossível para alguém viver por 567.000.000 anos. A superstição predominante no tempo de Kōen foi a de que as serpentes eram criaturas de vida longa, e então é dito que Kōen transformou-se em uma com o objetivo de esperar a vinda de Miroku Bosatsu. Presumivelmente, Kōen ainda está esperando Miroku Bosatsu no lago Ōke.

De um ponto de vista lógico, isso é impossível; não há absolutamente registro autêntico de ninguém que tenha se transformado em outra espécie. Além disso, não existem serpentes conhecidas que tenham vivido

mesmo por mil anos, quanto mais 567.000.000 anos. Essa estória deve ser vista a partir do mundo da fé, onde os fatos são somente obstáculos para a verdade.

Nos seus últimos anos, Hōnen ficou sabendo sobre essa história a respeito de Kōen. No *Shui Gotokuden* (*Coleção de Antigas Estórias Virtuosas*), está registrado como Hōnen tendo comentado:

Devido a sua erudição, (Kōen) percebeu que ele não poderia superar a vida/morte; por causa de seu senso moral, ele desejou se encontrar com o Buddha. Contudo, foi somente porque (Kōen) não compreendeu o caminho da Terra Pura que ele recorreu a este artifício (de transformar-se em uma serpente-monstro). Se eu tivesse conhecido o ensinamento da Terra Pura (quando Kōen iniciou-se nesta aventura), eu teria sido capaz de avisar-lhe (a respeito do verdadeiro caminho), embora eu não sei se ele teria me escutado ou não.

Esse comentário de Hōnen revela seu forte sentimento de pesar sobre o método que Kōen escolheu para atingir a iluminação. Não é fácil determinar a autenticidade da crítica de Hōnen a Kōen, mas esse trecho certamente é característico de Hōnen.

Seja qual for a razão, com 17 anos, Hōnen deixou Kōen e buscou refúgio num lugar chamado Kurodani. Ele se submeteu à orientação de Eikū e mudou seu nome para Genkū, que se diz ser constituído pela primeira letra de Genkō e a segunda letra de Eikū. Eikū foi também um membro da aristocracia Fujiwara. Diz-se que estudou os ensinamentos Shingon do Buddhadharma e os preceitos do Mahāyāna, mas parece que também era familiarizado com os ensinamentos da Terra Pura. Uma evidência dessa familiaridade é de que naquele tempo ele dissertou sobre o *Ōjōyōshu* de Genshin.

Durante esse período, se diz que Hōnen teve uma violenta briga com Eikū sobre a interpretação dos ensinamentos da Terra Pura. Eikū adotava a posição de que a essência dos ensinamentos da Terra Pura era o *kanbutsu*. Este termo significa a recitação do sagrado nome *Namuamidabutsu* enquanto se concentra no corpo do Buddha e na Terra Pura. Hōnen, ao contrário, sentia que a essência do ensinamento da Terra Pura era *shōmyō*, somente a recitação do sagrado nome sem conscientemente procurar meditar no Buddha ou na Terra Pura. O relacionamento mestre-aluno naquela época exigia absoluto respeito do aluno para com o mestre, mas, neste ponto, Hōnen absolutamente negou a aceitar a opinião de seu mestre.

No *Shui Gotokuden*, está registrado que Eikū afirmou que seu próprio mestre, Ryōnin, o fundador da escola *Yuzunembutsu* do Buddhadharma, também mantinha a posição *kanbutsu*, mas Hōnen ainda se recusava a aceitar a posição de seu mestre Eikū, ficando este tão furioso que pegou uma grossa almofada e arremessou-a em Hōnen, que calmamente apanhou-a e saiu.

O episódio relatado acima é concluído no seguinte modo: Quando Eikū disse: “Mesmo o grande Ryōnin defendeu a posição *kanbutsu*”, Hōnen calmamente declarou: “O único mérito de Ryōnin foi de ter nascido antes de nós”. Essa pode não ser uma declaração tão escandalosa, mas o respeito pelos mais velhos e pelos superiores é algo profundamente arraigado na tradição japonesa. Mesmo hoje em dia tem acontecido de cientistas japoneses não publicarem os resultados de suas pesquisas simplesmente porque seus professores que haviam lhes ensinado algo completamente diferente no passado, ainda estavam vivos. Isso é algo muito difícil para não orientais entenderem, em especial atualmente quando os jovens declaram não poder confiar em ninguém acima dos trinta.

Diz-se que quando Hōnen tinha 22 anos ele se retirou no Templo Seiryō, e mais tarde foi para Nara, a antiga capital, para estudar a tradição Hinayāna. Os detalhes de sua vida nessa época não são claras, mas se considera que Hōnen estudou a doutrina da escola Hōso com Zōshun do Templo Kōfuku. Depois, por vinte anos, até a idade de 41 anos, Hōnen viveu em Kurodani no Monte Hiei. Aí, ele leu e releu toda a

sagrada escritura do Buddhadharma (tradicionalmente se afirma que ela é composta de 84.000 sūtras), por cinco vezes, do princípio ao fim. Mas apesar do número de sūtras que leu, Hōnen não conseguiu a paz na mente. Evidentemente, ele sentiu a mesma angústia que sentiu o jovem Shinran.

Há aqueles, contudo, que se recusam a acreditar que Hōnen leu toda a sagrada escritura do Buddhadharma (*Issaikyō*) cinco vezes. Shōkō Watanabe diz o seguinte no *Nippon No Bukkyō* (*Budhadharma Japonês*):

Não podemos aceitar sem reservas a afirmação de que (Hōnen) leu toda a sagrada escritura do Buddhadharma cinco vezes completamente. Primeiramente, tal declaração não é característica da modesta personalidade de Hōnen. Segundo, mesmo se fosse verdade que ele tivesse virado cada página da sagrada escritura (se fosse o caso de apenas folhear as páginas, até eu já teria folheado uma vez toda a obra), do ponto de vista dos estudiosos modernos, é impossível que ele pudesse ter entendido todo o conteúdo do *Issaikyō*. Isto é devido às traduções chinesas do *Issaikyō* serem impossíveis de serem completamente entendidas até hoje, embora agora tenhamos acesso aos documentos originais, uma tradução tibetana muito confiável, e outros meios não disponíveis para Hōnen. Se for levantada a afirmação de que Hōnen foi um grande gênio, capaz de sobrepujar a média dos eruditos modernos, algo a mais precisa ser dito. Em minha opinião, quando se diz que Hōnen leu todo o *Issaikyō* cinco vezes, isso significa que ele leu somente aquelas partes que ele considerou importantes, passando meramente os olhos sobre o restante. Em outras palavras, acredito que Hōnen não estudou todo o *Issaikyō* com igual atenção. Antes, acredito que ele se centrou naquelas partes que reforçavam sua ideia de fé no Nembutsu. Consequentemente, seu sistema não é baseado numa revisão crítica de todo o sistema budhista, mas somente naqueles elementos que apoiavam sua conclusão predeterminada.

De acordo com Watanabe, Hōnen foi atraído para o ensinamento do Nembutsu quando estudava sob a direção de Eikū. Watanabe diz:

Evidentemente, (quando Hōnen) trocou seu minucioso e detalhado curso de estudos do Tendai pelo ensinamento do poder do Nembutsu centrado no Buddha, ele deve ter sentido como se tivesse sido salvo. A sutil filosofia do Tendai é fastidiosamente maçante para um garoto de 15 ou 16 anos. Para um jovem que mal podia reprimir um bocejo à medida que seus olhos passavam por sobre letras chinesas aparentemente sem sentido, o ensinamento do Nembutsu deve ter parecido como sendo enviado do céu.

Watanabe prossegue dizendo que os estudos de Hōnen das outras escolas do Buddhadharma em Nara e Kyōto tinha como intenção defender o Nembutsu de ataques, “pois sua mente inquiridora já havia sido obstruída por sua aceitação do Nembutsu”.

As opiniões sobre Hōnen sempre foram controversas. Existiram aqueles que o elogiaram muito e os que criticaram seus esforços. Parece que essas críticas não estão desconectadas em relação ao caráter de Hōnen. A esse respeito, Hōnen é completamente diferente de seu discípulo Shinran. Tanto quanto possível, Shinran tentou evitar discussões, tanto que mesmo seus esforços missionários podem ser considerados infrutíferos. Ao contrário, a postura séria de Hōnen nos torna conscientes de sua fé intensa e brilhantemente colorida. Poderia ser esta a “modesta e amável” personalidade sobre a qual fala Watanabe?

A atitude de Hōnen para com seus mestres, Kōen e Eikū, não pode ser considerada gentil e amável. Claro é que os incidentes que nos chegaram falam de fé e erudição e, por isso, não podem ser ditos como sendo uma atitude comum de Hōnen. E há a possibilidade de que os fatos tenham sido um pouco distorcidos com o passar do tempo. Todavia, pelo menos no domínio da convicção pessoal com respeito a sua fé, com a exceção de Nichiren, Hōnen manteve-se único entre os mais eminentes monges na história japonesa.

As opiniões sobre Hōnen variam de “sábio” a “pessoa teimosa”. O segundo patriarca da escola Jōdo (que traça sua linhagem diretamente de Hōnen), Benchō, escreveu o seguinte no *Chokushū Goden* (*Biografia de Hōnen*) sobre seu primeiro encontro com Hōnen:

...Naquele tempo, mestre Genkū (Hōnen) olhava furiosamente para o asceta (o autor, Shokobō Benchō), e o asceta olhava

furiamente de volta ao mestre.

Em *Shinran, Dōgen e Nichiren*, Fumio Masutani escreveu: “Esta pessoa (Hōnen) não foi a perfeição da mansidão”. Masutani prossegue avaliando o caráter do homem que virou o mundo budhista japonês de cabeça para baixo, dizendo:

Ele pode ter sido incomparável em sua teimosia e obstinação. Se os termos teimosia e obstinação são muito fortes, então se deve, no mínimo, admitir que ele foi uma pessoa sincera que não fazia acordos (no tocante a sua fé).

De onde surgiu esta fé, poderosa o bastante para transformar o Buddhadharma de sua época?

A Religião de “Seleção”

Enquanto lia o *Kammuryōjukyōsō* (*Comentário ao Sūtra sobre a Meditação da Vida Sem Fim*) do eminente monge chinês Zendo, algo ocorreu na mente de Hōnen. A partir desse momento a fé de Hōnen se tornou sólida. O ano em que isto ocorreu foi 1174, quando tinha 41 anos de idade. Hōnen descartou os ensinamentos do Hinayāna e os ensinamentos do Mahāyāna dedicados à elite, e aceitou a senda da Terra Pura. Descartou os sūtras e igualmente o esforço próprio (*jiriki*) passando a viver somente com o Nembutsu. O fundamento de Hōnen para essa ação foi apenas um trecho de 43 caracteres do *Kammuryōjukyōsō*. A passagem nem mesmo é do próprio sūtra, mas de uma parte do comentário, na qual Zendo havia escrito o seguinte:

Pense somente no nome do Buddha Amida. Não se preocupe sobre quão longa ou curta são as estações durante sua vida cotidiana. Continuamente reflita sobre o que você precisa rejeitar. Isso é chamado de ‘karma corretamente determinado’ (*shōjō no gō*). Deste modo, você estará em conformidade com o desejo do Buddha.

Em outras palavras, recitar o nome do Buddha Amida é o karma corretamente determinado e isto é devido ao desejo do Buddha Amida.

Hōnen abandonou todos os sūtras e o esforço próprio, exceto o Nembutsu. Na terminologia de Hōnen, ele “selecionou” (*senjaku*) o Nembutsu. Em resposta à pergunta de Kujō Kanezane, Hōnen explicou sua doutrina num trabalho chamado *Senjaku Hongan Nembutsu Shū* (*Uma Coleção de Passagens Seleccionadas sobre o Voto Causal*). Assim, Hōnen iniciou o que pode ser chamado de “uma religião de seleção”.

Selecionar... há um grande significado nisso! Até Hōnen, eram muito poucos os japoneses que compreendiam os ensinamentos do Buddhadharma. Contudo, pela “seleção”, o Buddhadharma chegou ao alcance da compreensão das massas. Ou melhor, o Buddhadharma tornou-se propriedade das massas. Devido ao Nembutsu, não somente os nobres e os guerreiros, mas até os pobres e ignorantes seriam capazes de se iluminarem. Em outras palavras, se a iluminação pode ser obtida somente pelo estudo de difíceis sūtras e praticando austeridades religiosas, então somente a elite pode se tornar iluminada. Mas, mesmo se você tem a capacidade mental para estudar sūtras e a vontade de ferro para praticar todas as austeridades religiosas, quantos são aqueles que possuem as condições apropriadas para estudar e praticar? Somente uns poucos afortunados.

O tempo chegou para que o ensinamento de “seleção” de Hōnen seja perseguido. Os detalhes serão dados no próximo capítulo, porém, a causa básica da perseguição foi que o ensinamento de Hōnen sobre a imparcialidade de todos perante o Buddha Amida contradizia o sistema de classes imposto pelo governo. Enshō Tamura apontou para o âmago do assunto quando escreveu:

O ensinamento do Nembutsu de Hōnen... não exigia devoções... além disso, não era institucionalizado. Na época em que o Buddhadharma foi introduzido no Monte Hiei, ele foi usado para servir ao governo. Não havia Buddhadharma sem governo, e a base do Buddhadharma naquele tempo era que, sem o Buddhadharma, não existiria governo.

O ensinamento de Hōnen, enfatizando a iluminação do indivíduo ao invés do serviço para o governo, nada pode fazer exceto ser antagônico a muitos daqueles que estavam no poder.

Naquele tempo não se podia começar um novo movimento religioso baseado somente nas próprias ideias ou sentimentos. Era necessário que o ensinamento tivesse como base as escrituras sagradas, ou seja, se estivesse escrito nos sūtras, então se poderia dar início a uma nova escola; de outro modo, você não conseguiria fundar uma nova religião. Ainda que se tenha dito que Hōnen abandonou os sūtras, na realidade, o que ele descartou foram os sūtras essenciais para a senda dos sábios. Hōnen baseou seu ensinamento no *Jōdo Sambukyō* (*Os Três Sūtras da Terra Pura*): *Daimuryōjukyō* (*Grande Sūtra sobre a Vida Infinita*), *Kammuryōjukyō* (*Sūtra sobre a Meditação da Vida Infinita*), e o *Amidakyō* (*Sūtra sobre o Buddha Amida*).

Dos três sūtras, o *Daimuryōjukyō* é considerado como sendo o mais importante. Neste sūtra, Hōzo Bosatsu faz 48 votos. Cada um dos votos finaliza com a seguinte afirmação: “Se esses votos não se realizarem, eu (Hōzo Bosatsu) não me tornarei o Buddha Amida”. Os votos não terminam com a declaração de que primeiro ele se transformará no Buddha Amida, e em seguida causará as condições dos votos serem realizados, como poderíamos esperar.

Existem várias ideias diferentes incorporadas nos 48 votos. De modo geral, eles prometem dissipar as diferenças, tais como estados do inferno, fantasmas famintos (*gaki*), animais brutos (*chikushō*); ou todas as diferenças na beleza física; ou conferir cada qual com um belo aspecto dourado; ou dar a vida eterna. Um voto que pode ter um interesse particular para o movimento de libertação da mulher é aquele de trocar o sexo das mulheres, de mulheres para homens.

Entre os 48 votos, o mais importante é o 18, que diz o seguinte:

Se, após eu ter obtido o estado de Buddha, todos os seres sencientes nas dez direções que, com mente sincera, fé serena, desejarem nascer no meu país, repetindo o meu nome ainda que seja apenas dez vezes, ali não nascerem, possa eu não atingir a mais alta iluminação. Excluídos estão aqueles que cometeram as cinco transgressões imperdoáveis ou tenham abusado do verdadeiro Dharma.

“Meu país” refere-se à Terra Pura da direção do Oeste. Hōzo Bosatsu disse que aqueles que tiverem fé em seu voto serão levados pelo Buddha Amida para a Terra Pura no Ocidente. Esse é o ponto inicial do ensinamento da Terra Pura no Japão. É aí que surge a ideia de “fé” no Nembutsu. O 18º Voto é conhecido como o Voto Causal, porque ele é a causa do nosso nascimento na Terra Pura e também como Voto “Original” ou “Básico”, devido englobar todos os outros votos.

As “cinco transgressões imperdoáveis” são: matar o pai, matar a mãe, matar um arhat (uma pessoa que se iluminou por meio dos ensinamentos do Hinayāna), machucar o corpo de um Buddha e causar desunião na comunidade de monges.

A recitação do nome do Buddha Amida mencionado no 18º Voto é fundamentalmente diferente da recitação de esforço auto-dirigido, tal como é praticada na escola Tendai. No 18º Voto, a recitação do nome do Buddha Amida surge por meio de uma compreensão da incapacidade para praticar as austeridades exigidas pelas escolas budhistas tradicionais. O reconhecimento de sua incapacidade em “erguer-se pelo seu próprio cordão do sapato”, por assim dizer, é o motivo porque o praticante *precisa* confiar no Voto Causal do Buddha Amida; não há outro caminho aberto para ele. Esta abertura de si próprio para a misericórdia e compaixão do Buddha Amida é o único refúgio disponível para as pessoas que não são capazes de devotar todo seu tempo a práticas espirituais. Este caminho é chamado de o “Outro Poder” (*tariki hongan*), ou seja, o poder do Voto Causal do Buddha Amida.

A prática do Nembutsu do “poder do Voto Causal centrado Buddha”, foi primeiramente ensinada por Hōnen, o qual foi inquestionavelmente influenciado pelo *Ōjōyōshu* de Genshin. Existem muitas semelhanças no Nembutsu proposto por esses dois grandes mestres espirituais: porém, o Nembutsu que Genshin recitou tinha uma influência do auto-esforço, o qual é diferente do Nembutsu tal como Hōnen finalmente compreendeu.

Os ensinamentos da Terra Pura não podem ser separados do Buddha Amida. Que espécie de Buddha é Ele? Em seu *Gokuraku to Jigoku (Paraíso e Inferno)*, Yutaka Iwamoto escreveu:

O nome original de Amida foi Amitāyus (Vida ilimitada) ou Amitabha (Luz ilimitada)... não temos informações suficientes atualmente para determinar qual deles. Contudo, luz é um aspecto fundamental do pensamento religioso iraniano; o *Daimuryōjukyō*, o qual adorna o Buddha Amida com luz, claramente associa a ideia do Voto Causal com o pensamento *bhakti* dos Vedas. O *Hokkekyō (Sūtra do Lótus)* indica que o nome Amitabha foi atribuído mais tarde... Essas indicações apontam para a conclusão de que o nome original do Buddha Amida provavelmente foi Amitāyus, Vida sem fim. No *Hokkekyō*, é dito que: “A vida do Tathāgatha é ilimitada”. Essa pode ser a razão da característica especial deste Tathāgatha ser o Corpo de Retribuição do Buddha (*Hōshinbutsu*), e, por isso, foi tornado o objeto de adoração.

Por ser Amida a luz ilimitada, Ele é o Buddha com vida ilimitada. Shinran expressou seu entendimento do seguinte modo:

Este Tathāgatha é luz. Luz é sabedoria. Sabedoria toma a forma de luz. Sabedoria não tem forma e é também chamada de Buddha de inefável esplendor (*fukashigi kōbutsu*).

No Japão, quando palavras como paraíso (*gokuraku*) ou Terra Pura (*Jōdo*) são usadas, a Terra Pura de Amida no oeste vem à mente. Ao contrário de ser uma localização geográfica, ela é um mundo idealizado. Há um mundo romântico na região oriental associado a Yakushi Nyorai, mas nos ensinamentos da Terra Pura, a localização desejada se situa no oeste. Esta aspiração em direção à região ocidental imperceptivelmente penetrou a consciência estética do japonês, particularmente durante o período medieval.

Quando a fé de Hōnen se fixou sobre a Terra Pura de Amida no oeste, ele abandonou a Senda dos Sábios e ingressou na Senda da Terra Pura. Ele não pode continuar no topo do Monte Hiei, o quartel-general da Senda dos Sábios. Primeiramente, Hōnen se estabeleceu em Nishiyama Kurodani, e mais tarde mudou sua residência para Ōtani em Higashiyama, geralmente referido como Yoshimizu. Foi aí que Hōnen fundou sua Escola da Terra Pura. Até Hōnen ser exilado para a ilha de Shikoku, em 1207, ele não se mudou de lá, e, portanto, foi lá que Shinran se torna seu discípulo aos 28 anos de idade.

Hōnen e Shinran

Depois de encontrar Hōnen e escutá-lo falar sobre o Caminho do Nembutsu, uma imperturbável fé se enraizou em Shinran. Em pouco tempo, Shinran obteve a confiança de Hōnen. No *postscriptum* de seu maior trabalho literário, o *Kyōgyōshinshō*, Shinran escreveu:

No ano *Kinotone-ushi* de Genkyū (1205), eu recebi a permissão para copiar o *Senjakushū* do mestre. No quarto dia, ao meio-dia, no começo do verão, Mestre Hōnen escreveu especialmente para mim o *Senjaku Hongan Nembutsu Shū* (o título completo do trabalho de Hōnen é geralmente designado pelo seu nome abreviado de *Senjakushū*) e o *Namuamidabutsu ōjō Shigō Nembutsu Ihon* (o karma para nascer na Terra Pura está enraizado no Nembutsu). No mesmo dia ele me emprestou seu retrato e eu o copiei.

Está claro que desde o começo Hōnen teve muita confiança em Shinran. Diz-se que Hōnen escreveu o *Senjakushū* a pedido de Kujō Kanezane; somente a uns poucos discípulos íntimos de Hōnen, tais como: Benchō, Kōsai, Ryukan, Shōku e Chōsai, foi concedido o privilégio de copiar esse trabalho.

Shinran passou somente seis anos com Hōnen e é impossível dizer quanto Shinran se destacava dentre os milhares de discípulos de Hōnen; contudo, no fim deste período, Shinran estava entre os poucos discípulos que foram acusados e exilados junto com Hōnen.

Deixe-me relatar um incidente que ilustra o desenvolvimento de Shinran durante esta época. Ele foi tirado do sétimo capítulo da primeira parte de *Denne*:

O Mestre (Shinran) disse: “Certa vez estávamos reunidos na presença do Venerável Mestre (Hōnen). Estavam Shonshinbō, Seikambō, Nembutsubō, e outros. Inesperadamente começamos uma acalorada discussão que foi iniciada por uma observação minha a respeito do fato de que a mente de fé (*shinjin*) de nosso mestre e a minha mente de fé coincidiam tão completamente que absolutamente não havia distinção entre elas”.

Os outros que estavam presentes objetaram violentamente dizendo: “Não conseguimos compreender esta sua observação; como pode sua mente de fé ser a mesma do nosso Mestre?”

Eu respondi: “Por que não deveria dizer que sejam idênticas? Claro que não sou tão arrogante a ponto de imaginar, mesmo por um momento, que eu seja semelhante ao nosso mestre em profundidade de sabedoria e extensão de erudição, mas minha fé na Terra Pura de Amida se estabeleceu ao escutar o ensinamento de iluminação através do poder centrado no Buddha (*tariki*). Desta forma, estou livre da noção de esforço auto-centrado (*jiriki*). A mente de fé do nosso Mestre é baseada em um poder diferente dele próprio, e assim é a minha fé. Portanto, esse é o motivo de ter declarado nossas mentes de fé como sendo a mesma”.

Então Genkū (Hōnen) disse: “A fé varia à medida que é baseada no esforço auto-centrado. Temos diferentes capacidades intelectuais, e a fé que é assim baseada não pode ser a mesma. Porém, a fé baseada no poder do Buddha é dada a nós pelo Buddha, indiferentemente de nossas realizações. Visto que a fé de Zenshin (Shinran) e a minha são baseadas no mesmo princípio, elas não podem ser diferentes. Minha mente de fé não é o resultado de meu próprio esforço.

Aqueles que defendem a fé baseada em algo diferente do poder centrado no Buddha podem não ir para a mesma Terra Pura para a qual eu vou”.

Os discípulos sêniores de Hōnen disseram a Shinran que foi uma afronta afirmar que sua fé era exatamente a mesma de seu Mestre. Mas Shinran disse que, naturalmente, em questão de sabedoria e erudição, Hōnen lhe sobrepunha em alto grau; contudo, se a mente de fé que recita o Nembutsu vem da fé no Voto Causal do Buddha Amida, então deveria haver igualdade em tudo perante o Buddha Amida. Shinran disse que mesmo seu amado Mestre Hōnen não podia ser uma exceção, e aqueles que dizem que a mente de fé de Hōnen é mais profunda do que a de outros estão falando de uma prática religiosa que é baseada sobre o próprio esforço. Mas a mente de fé baseada sobre o poder do Buddha vem do voto do Buddha Amida. Isso sendo a causa, não há então diferença entre a fé de Hōnen e a de Shinran. *Denne* conclui esse incidente assim:

Todos os discípulos antigos enrolaram suas línguas, fecharam suas bocas, e ficaram em silêncio.

Essa estória é também contada no 18º capítulo do *Tannishō*, que acredito ter sido escrito na mesma época do *Denne*, em 1294. Embora exista uma teoria de que o *Tannishō* tenha sido escrito por Kakunyo, o bisneto de Shinran, é geralmente tido como tendo sido escrito por Yuien, um discípulo pessoal de Shinran. Essa estória parece, assim, ser baseada sobre um incidente real. É impossível dizer se o autor do *Denne* soube desse incidente por meio do *Tannishō* ou se vice-versa, mas é provável que um dos dois soube do incidente a partir de uma experiência direta.

Shinran não é mencionado em nenhum dos documentos da denominação Jōdo. Contudo, no *Chokushū Goden*, uma conversa foi preservada entre Hōnen e Benchō, o fundador da escola Chinzei, um ramo do Jōdo. Nessa conversa, Hōnen pergunta a Benchō se sua fé (a de Hōnen) é diferente daquela de certo Awanosuke. Quando Benchō disse que não poderia ser a mesma, dizem que Hōnen mudou de cor e compreendeu Benchō, dizendo que não existe discriminação por parte do Buddha Amida.

A denominação Jōdo procurou negar a existência de Shinran tanto quanto possível, de modo que bem poderiam ter inventado este Awanosuke. É extremamente difícil investigar o material histórico sobre Shinran por meio dos trabalhos literários da denominação Jōdo devido a eles serem influenciados por suas características sectárias e, desta forma, não parece valer a pena investigar o assunto nessa direção.

Há outro episódio relatado no *Denne* que é similar à história relatada acima. Por existir muitos pontos de vista diferentes entre aqueles que aceitaram Hōnen como seu mestre, Shinran recebeu permissão de Hōnen para separar os discípulos em dois grupos: aqueles que aceitaram *shinfutai* e aqueles que aceitaram *gyōfutai*. *Shinfutai* significa que nascer na Terra Pura é conseguido simplesmente pela fé no Voto Causal do Buddha Amida. *Gyōfutai* significa que só se consegue lá nascer seguindo as práticas religiosas do Nembutsu (neste caso, *Nembutsu* significa pensar no Buddha e recitação de Seu nome). Entre os 300 discípulos presentes, somente Shōgaku e Shinkū passaram para o lado do *shinfutai* sem hesitação. Exatamente naquele momento, um discípulo laico chamado Naozane Kumagai entrou. Ficou sabendo o que estava acontecendo, e pediu para ser admitido entre os que aceitavam o *shinfutai*. Quando Shinran terminou de escrever o nome de Kumagai, ele também escreveu o seu próprio nome na coluna do *shinfutai*. Depois de algum tempo, Hōnen passou para o lado destes.

Esse episódio não pode ser aceito como sendo absolutamente autêntico. Por causa da natureza do *Denne*, essa história pode ter sido inventada para mostrar a precocidade de Shinran. Não importa como isso seja considerado, o fato é que um discípulo que havia sido admitido apenas há seis anos teria uma posição inferior em relação aos discípulos que acompanhavam Hōnen já havia mais de vinte anos. Ao dizer que existe absoluta igualdade perante o Buddha Amida isso implica somente em relação ao mundo da iluminação, ao mundo da fé. As pessoas daquele tempo eram muito conscientes do privilégio por antiguidade, e é muito difícil acreditar que Shinran pudesse ter recebido tratamento preferencial.

Os detalhes da vida de Shinran em Yoshimizu sob a direção de Hōnen são muito poucos. A única coisa que pode ser dita com certeza é que esse período foi de grande progresso para ele.

Shinran nunca considerou a possibilidade de deixar Hōnen depois de apenas seis anos; contudo, as pequenas pedras que foram sendo lançadas na notável “religião da seleção” finalmente tornaram-se imensas, e Hōnen foi finalmente banido da capital Kyōto. Shinran foi também banido na mesma época.

6. O Dia da Condenação

Proibição do Nembutsu

O ensinamento de Hōnen sobre o *senjaku* foi muito mais bem recebido na classe popular. Seu novo movimento religioso forneceu suporte espiritual sem a necessidade de estudar sūtras ou praticar austeridades religiosas. A água clara do Nembutsu pode molhar a dúvida seca do espírito, aliviando e iluminando muitos, particularmente durante os períodos de guerras civis de Gempei. Monges, vestindo hábitos negros (*kesas*) podiam ser vistos por toda parte durante esse tempo e a recitação do Nembutsu podia ser escutada onde quer que você fosse.

No postscript para o seu *Kyōgyōshinshō*, Shinran escreveu:

...Os vários ensinamentos da senda dos sábios que levam à iluminação não podem ser longamente praticados; (assim,) o verdadeiro ensinamento da Terra Pura (como o caminho para a iluminação) está florescendo.

Durante aquele tempo, o governo foi chefiado pelo primeiro Shogun, Minamoto Yoritomo, cuja esposa Masako parece ter tido grande admiração por Hōnen. Diz-se que Hōnen enviou a Masako uma cópia do *Jōdoshuryakushō* (*Princípios da Doutrina da Terra Pura*), também levando a crer que eles mantinham contato através de cartas.

À medida que foi aumentando o número de seguidores do Nembutsu, entretanto, duas crises surgiram. A primeira foi um ataque às escolas budistas já estabelecidas. A segunda foi a corrupção daqueles que diziam ter fé no Nembutsu.

Quando o Shogun Yoritomo morreu, em 1199, seu sucessor Yoriie aboliu a política governamental de aprovação do ensinamento do Nembutsu. No *Azuma Kagami* (*Espelho do Oriente*), um diário daquele período, está relatado que Yoriie confiscou e queimou quarenta *kesas* de monges seguidores do Nembutsu no décimo quarto dia do quinto mês de 1199. Esse é o primeiro registro conhecido de ação contra os seguidores do Nembutsu. O motivo para a queima dos *kesas* não é conhecido. Pode ter sido por causa de protestos das escolas budistas mais antigas contra o ensinamento do Nembutsu.

Kamakura havia sido estabelecida como capital do Japão pouco tempo antes, porém os templos Eifuku, Shōcho e Taihei já se encontravam aí bem antes da fundação da capital. Esses templos eram dedicados aos ensinamentos das tradicionais escolas budistas, e são uma indicação da influência que essas escolas sempre tiveram sobre o governo devido ao fato delas não poderem ter sido construídas sem a ajuda do governo. Essa evidência da influência das escolas mais antigas é uma indicação de que Yoriie pode ter olhado com desdém os novos seguidores do Nembutsu.

Os protestos começaram a ser apresentados junto ao governo, aproximadamente a partir de 1204. No ano anterior, uma disputa surgiu entre o Gakushu e o Dōshu do templo Enryaku no Mt. Hiei. Essa foi uma triste fase na história do Buddhadharma, mas parece que algo daquela raiva foi direcionada para o novo movimento religioso de Hōnen. Hōnen, contudo, não fez esforço para resistir aos ataques sobre ele e seu ensinamento. Ele imediatamente requisitou que Seikaku, um discípulo sênior, escrevesse uma carta de defesa ao templo Enryaku.

Shinran parece ter admirado este Seikaku, e em seus últimos anos escreveu um comentário sobre o *Yuishinshō (Notas sobre a Fé)* de autoria de Seikaku.

Por causa da queixa do templo Enryaku, Hōnen escreveu um guia para manter seus discípulos monges na linha. Ele o intitulou *Shichikayō Kisei (Sete Preceitos para a Própria Conduta)* e apresentou-o ao abade da escola Tendai. Sucintamente este guia consiste no seguinte:

1. Não criticar as escolas Shingon e Tendai, nem ultrajar seus Buddhas e Bodhisattvas.
2. Não se engajar em disputas com eruditos ou membros de outras escolas.
3. Não induzir os membros de outras escolas ou heréticos a tornarem-se seguidores do Nembutsu.
4. Não provocar a quebra dos preceitos contra beber álcool ou comer carne, nem considerar os puros monges que seguem a senda dos sábios por estarem seguindo uma prática difícil.
5. Não se engajar em debates religiosos sem permissão.
6. Recitar o Nembutsu, mas não incentivar incultos monges ou pessoas ignorantes a fazê-lo.
7. Não admitirem heresias para a verdadeira doutrina, nem apresentar suas próprias opiniões como sendo a de seus mestres.

Esses preceitos proibitivos são mantidos até hoje. Mas o fato de que Hōnen teve que escrevê-los indica que, no mínimo, alguns de seus discípulos costumavam quebrá-los. Shinran assinou esse documento, indicando estar de acordo com os preceitos. Ele assinou seu nome como Shakkū, que foi o nome dado a ele por Hōnen.

O próximo protesto severo contra Hōnen foi feito pelo templo Kōfuku em Nara. Em 1205, o *Kōfukuji Sōjō (Pedido de Censura do Templo Kōfuku)* foi apresentado à corte imperial. O templo Kōfuku foi um centro dos ensinamentos Hossō e Kūsha do Buddhadharma. Ele foi um templo pertencente à poderosa aristocracia Fujiwara e teve vários subtemplos palacianos em suas premissas. A petição do templo Kōfuku foi escrita por um monge altamente respeitado daquele período, Gedatsubō Jōkei do subtemplo Kasagi. Esse pedido de censura não foi escrito emocionalmente, mas, ao contrário, foi um documento muito bem elaborado.

A petição do templo Kōfuku foi apresentada ao imperador, mas a pessoa que na realidade leu e enviou a sentença foi o regente Kujō Yoshitsune, o segundo filho de Kujō Kanezane que foi um forte partidário de Hōnen. Por causa disso, se desenvolveu um delicado problema, do qual falaremos mais tarde.

A petição do templo Kōfuku consistia dos seguintes nove pontos:

1. Hōnen iniciou uma nova escola religiosa sem a permissão imperial para fazê-lo.
2. Na *Sesshu Fusha Mandala*, a luz do Buddha Amida é direcionada somente em direção dos seguidores do Nembutsu, enquanto que os seguidores do Tendai e do Shingon são deixados na escuridão.
3. Os seguidores do Nembutsu esqueceram o fundador do Buddhadharma, o Buddha histórico Shakamuni, e têm fé somente no Buddha Amida.
4. As austeridades religiosas da Senda dos Sábios e a construção de templos e imagens do Buddha são criticados.
5. Os deuses não são respeitados (incluindo os cultos locais).
6. Os seguidores do Nembutsu rejeitam as práticas religiosas; além disso, eles não são claros a respeito do conceito de Terra Pura.
7. Os seguidores do Nembutsu estão preocupados unicamente com a recitação do nome sagrado do Buddha Amida e abandonaram suas convicções religiosas.
8. Eles quebram os preceitos tais como comer carne, juntar-se com mulheres, e jogar; dizem que ter medo de cometer um crime significa que você não tem fé no poder de Buddha para “salvar”.
9. Os seguidores do Nembutsu recusam-se a cooperar com as outras escolas budistas. Se esse estado de coisas continuar assim, isso trará desordem para o Japão.

A petição do templo Kōfuku criticou os seguidores do Nembutsu sem usar linguagem emocional, e pela citação de obras sagradas budistas. Lendo tal como foi escrito, esse documento parece justificar os pontos que levantou. Depois de analisar cuidadosamente a *petição do templo Kōfuku*, a corte imperial respondeu no seguinte modo:

Há aqueles que entendem mal e usam o Nembutsu para seus próprios propósitos. Por causa de sua ignorância, fazem coisas por conta própria, contrariando as intenções de Genkū (Hōnen).

Em outras palavras, embora esses seguidores quebrassem os preceitos, isso não era o que Hōnen ensinava; assim, não seria apropriado punir arbitrariamente todos os seguidores de Hōnen, pelo desvio de uns poucos. Essa leve censura aos seguidores do Nembutsu evidentemente foi devida diretamente e em grande parte à influência de Kujō Kanezane. Claro, não poderia ser esperado que essa resposta fosse satisfazer o templo Kōfuku, que escolheu dois discípulos de Hōnen para que fossem punidos: Hōmon e Anraku.

No ano seguinte, no segundo mês de 1206, um representante do templo Kōfuku vai a Kyōto. Ele foi persuadido de que os crimes de Hōmon e Anraku não mereciam punição. Contudo, em lugar de puni-los, ele solicitou que Hōnen:

1. Não fosse absolvido da responsabilidade.
2. Não fosse concedido o uso da palavra ‘escola’ (*shū*) na descrição de sua organização.
3. Não fosse permitido o uso do termo *senshu myōgo* (exclusiva confiança na recitação do nome sagrado).

Houve uma discussão sem fim na corte sobre os três assuntos acima, mas nenhuma decisão foi atingida. Se isso foi devido ao fato de Kujō Yoshitsune não querer decidir o assunto ou se foi devido o imperador aposentado Gotoba ter sido um entusiasta seguidor do Nembutsu, Hōnen não foi submetido a um tratamento duro. Isso pode ser entendido como uma indicação de que era grande o número daqueles que tinham fé no Nembutsu, tanto dentro como fora da corte imperial.

Enquanto os três pontos mencionados acima estavam sendo analisados, Kujō Yoshitsune morreu repentinamente. Ele foi encontrado morto em seu quarto na manhã de sétimo dia do terceiro mês de 1206. Existe um ar de mistério sobre a morte de Yoshitsune; rumores persistiram de que ele foi esfaqueado até a morte por alguém escondido entre as vigas de seu quarto. Por qualquer razão, as consequências de sua morte não foram boas para os seguidores do Nembutsu. A posição de Regente foi assumida pelos Guardas Imperiais, e ainda que o pai de Yoshitsune, Kujō Kanezane tivesse feito de tudo para proteger Hōnen, ele nada pode fazer.

O fator que decidiu o exílio de Hōnen foi a descoberta do “escândalo” envolvendo Juren e Anraku no décimo segundo mês de 1206. Por ser muito atraente, Anraku era constantemente chamado para comparecer à corte imperial, onde era muito querido pelas damas de companhia. A causa imediata do escândalo foi um encontro que Juren e Anraku promoveram no Vale Shishiki para ensinar o Nembutsu. O imperador aposentado, Gotoba, estava fora, participando de uma caçada, assim, várias de suas damas de companhia compareceram ao encontro. Elas ficaram tão impressionadas, que decidiram abandonar a vida mundana e se tornar monjas.

Quando Gotoba soube da deserção de suas damas-de-companhia (na verdade, amantes) ele ficou furioso e ordenou a morte de Juren e Anraku. Ele também chegou a uma decisão sobre Hōnen, ordenando que fosse exilado. Desnecessário dizer, o ensinamento do Nembutsu foi também proibido. A sentença foi anunciada no dia 18 do segundo mês de 1207, quando Hōnen tinha 74 anos de idade e Shinran, 34.

Hōnen foi mandado para a ilha de Shikoku, e Shinran para a província de Echigo (atualmente Niigata). Os discípulos sêniores de Hōnen, tais como Hōnon e Jōkaku, também tiveram o mesmo destino. Embora Shinran raramente tenha escrito sobre si próprio, ele escreveu o seguinte a respeito do desmedido tratamento dado a eles pela corte imperial:

Como humildemente vejo o caso, percebo que os vários ensinamentos da Senda dos Sábios que conduzem à iluminação não podem mais ser praticados; (assim) o verdadeiro ensinamento da Terra Pura (como caminho para a iluminação) floresce. Contudo, os monges de vários templos, sendo ignorantes a respeito do caminho, não podem distinguir o verdadeiro do provisório. Eruditos confucianistas na capital, estando confusos em relação às práticas, não conseguem distinguir o caminho certo.

Desta forma, no começo da primavera do ano *hinotono* de Jōgen (1207), durante o reinado do ex-imperador Gotoba-In e do reinado do imperador Tsuchimakado-In, eruditos do templo Kōfuku apresentaram uma petição ao trono.

Senhores e vassalos contrários à lei e à justiça ofenderam (o ensinamento do Nembutsu). Por essa razão, Mestre Genkū (Hōnen), o grande promulgador do verdadeiro ensinamento, e seus discípulos foram indiscriminadamente sentenciados à morte, destituídos de seu *status* de monges, e exilados como criminosos. Tudo isso foi concluído sem uma investigação justa a respeito de suas culpas ou inocência. Eu fui um daqueles (sentenciados e privados do monasticismo). Eu não sou monge nem leigo; assim, eu escolhi o nome ‘Toku’ (ignorante). Mestre Genkū (Hōnen) e seus discípulos passaram cinco anos no exílio.

Senjakushū (Coleção de Seleções)

Fiquei bastante impressionado quando li o *Senjakushū* de Hōnen por ele ensinar de que modo o leigo pode se iluminar. De um ponto de vista, acredito que pode ser dito ser uma obra mais persuasiva do que o *Ōjōyōshu* de Genshin. Contudo, embora ele citasse os sūtras exatamente como exigido nos trabalhos dessa natureza, o *Senjakushū* não foi capaz de convencer os monges eruditos da época de Hōnen.

Estou possivelmente sendo desrespeitoso quando lamento que faltou algo no *Senjakushū* de Hōnen com que os monges eruditos de escolas como a Hossō, Kusha e Kegon pudessem concordar. Contudo, quando considero a ideia de “seleção”, percebo que isso não significa que todos os leitores devam ser persuadidos. “Seleção” foi algo que o próprio Hōnen tinha que fazer... e foi exatamente isso que foi feito. O professor Kaneko escreveu sobre esse assunto do seguinte modo:

O *Senjakushū* de Hōnen é uma descrição do *Namuamidabutsu ōjō shigō Nembutsu ihon* (o karma para nascer na Terra Pura está baseado no Nembutsu). *Ōjō* é um modo de se tornar um Buddha, e o Nembutsu é esclarecido como a prática quer qualquer um pode seguir. Consequentemente, *Nembutsu ōjō* é o “Voto Causal selecionado” (*senjaku hongan*) pelo Tathāgata, e é particularmente aplicável para os não iluminados. Mesmo se uma pessoa santa desejasse *ōjō* ela consideraria o Nembutsu como uma prática baseada na fé.

Crenças religiosas são algo que o homem limitado deve “selecionar” a partir de sua ignorância, em seu esforço para avançar em direção à luz da iluminação.

Por ter sido requisitado pelo Senhor Kanezane para explicar de maneira simples o *Senjaku*, teria sido impróprio para Hōnen dar uma explanação enfadonha. E, entretanto, aqueles eminentes monges que criticaram esse trabalho provavelmente assim o fizeram justamente por causa de sua natureza resumida. Myōei, um monge erudito da escola Kegon, no seu *Zaijarin (Destruição da Heresia)* escreveu:

O Shōnin (Hōnen) é dito ser um homem de profunda sabedoria, mas (ele) não fez esforço para melhorar (as citações) e não há nada de seu próprio fazer nesta obra.

Em outras palavras, Hōnen citou os sūtras exatamente como eles são e não acrescentou nada de seu.

Embora o *Senjaku* de Hōnen pudesse ser entendido por aqueles versados nos sūtras da Terra Pura, os que não tivessem tais conhecimentos não conseguiriam entendê-lo. Aqueles que perderam seus pais e antepassados e desejam encontrá-los no Paraíso do Ocidente são movidos pela emoção, não pela razão. Para aqueles que estão realmente preocupados com tais assuntos, intelectuais que seguram um leve sorriso quanto à existência da Terra Pura no Quadrante Ocidental, enquanto discutem os ensinamentos de

Shinran e Dogen, são, na melhor das hipóteses, pedantes. Na pior, eles devem ser considerados como sendo indiferentes àquilo que a religião realmente se interessa.

Conheço um fisiologista que diz não ter inclinações religiosas e, entretanto, nunca deixou, nem mesmo um único dia, de acender a vela e o incenso em memória de sua falecida esposa. Ele visita um sacerdote a fim de ter um serviço executado até mesmo no mais trivial dos dias memoriais. No trabalho, ele é um frio e detalhista cientista e, entretanto, não consegue ser frio e detalhista a respeito da morte de sua esposa. Por quê? Você caçoaria desse cientista com um sorriso zombeteiro?

Podemos considerar e compreender em geral que um fenômeno tal como a morte é impossível ou mesmo inevitável, mas podemos aceitá-la de bom grado quando confrontados com nossa própria morte ou com a morte de alguém que amamos? Podemos entender a morte em geral porque esse entendimento é baseado em nossa razão, mas a morte de uma pessoa querida é difícil de ser aceita devido ao fato de nossas emoções estarem envolvidas.

Esse é o começo da consciência religiosa. Os grandes líderes religiosos tais como Shinran, Hōnen, Dōgen e Nichiren possuem uma mente movida por algo fundamentalmente diferente daquilo que surge principalmente movido por um estudo da filosofia. Esta diferença é a consciência de que existir como um ser humano é difícil e é a causa de toda nossa agonia; e que esta agonia não pode ser aliviada pelos nossos próprios esforços. O sofrimento do homem é o mesmo, seja em nossa época democrática ou durante o período feudal quando Shinran despertou para essa consciência.

A absoluta não-discriminação do ensinamento de Hōnen sobre o Voto Causal do Buddha Amida pode ser visto entre os discípulos que ele atraiu. Diz-se que prostitutas e ladrões estavam entre os muitos que escutavam seus ensinamentos. Eminentíssimos monges daqueles dias também foram seus discípulos, monges como Shunjō, Jūgen e até Eikū, que havia sido seu mestre.

É claro que, incluído no protesto das escolas budistas mais antigas contra o ensinamento de Hōnen, estava a condenação da ideia de igualdade, pois, para os monges, nada era mais destrutivo para sua disciplina do que a ruptura da divisão entre monges e leigos.

Acredito que o Nembutsu de Hōnen, que ensina a igualdade de todos perante o Buddha Amida, estabeleceu o fundamento para a democracia no Japão. Shinran recebeu esse Nembutsu ensinando e estimulando muito seu crescimento entre os japoneses. Se Hōnen ou Shinran não tivessem existido, como poderiam os milhares de seres anônimos obter paz espiritual vivendo na abjeta miséria da idade média até o estabelecimento do estável governo Tokugawa em 1603?

Apesar de Hōnen ter seguido todas as regras de conduta impostas aos monges, e nem se encontrar ou sucumbir ao charme feminino, como muitos monges da Senda dos Sábios daquela época faziam, ele foi destituído do seu *status* de monge e exilado na remota ilha de Shikoku no segundo mês de 1207. Ele tinha 74 anos de idade. Mas, ao contrário de sofrer, Hōnen foi contente para o exílio porque, então, ele poderia divulgar a doutrina do Nembutsu até os limites do Japão.

No mesmo dia, Shinran foi também despido de seu hábito e exilado para a província de Echigo. Hōnen foi para o ocidente e Shinran para o oriente. Este grande mestre e seu discípulo foram separados e predestinados a nunca mais se encontrar durante o resto de suas vidas.

7. Echigo

Exílio em Echigo

Sejam quais forem as acusações produzidas contra Shinran, o fato é que com 34 anos de idade ele foi forçado a assumir o nome laico de Fujii Yoshizane e exilado para a província de Echigo (a atual prefeitura de Niigata). Echigo está localizada na costa das ilhas japonesas do Mar do Japão, e é conhecida pelo seu severo inverno. Essa região ficou famosa por meio do escritor Yasunari Kawabata, que ganhou o prêmio Nobel com seu romance, *Terra Nevada*.

Apesar de não haver absoluta certeza desta informação, de acordo com o *Shui Kotokudenne (Coleção Ilustrada de Antigos Assuntos Morais)*, as seguintes cinco pessoas foram também exiladas com Hōnen e Shinran:

Jōmon para a província de Bingō (atualmente a prefeitura de Hiroshima).

Zenkō para a província de Hōki (atualmente prefeitura de Tottori).

Kōkaku para a província de Izu (atualmente prefeitura de Shizuoka).

Hōmon para a província de Sado (atualmente prefeitura de Niigata), e

Jōkaku para a província de Awa (atualmente prefeitura de Tokushimma).

Fora estes acima, que foram punidos com o exílio, Juren, Anraku, Zenshaku, Shōngan e Zenkei foram condenados à morte. A execução de Zenkei foi suspensa no último momento, sendo colocado sob custódia do monge responsável pelo Templo Mudō.

O Tannishō contém um *postscript* escrito por Rennyō, o oitavo patriarca do Honganji, similar ao acima, mas, além dos nomes, não são dados mais detalhes.

Entre os que foram executados, Juren e Anraku são os mais conhecidos. Suas atividades foram descritas no capítulo anterior, porém, no *Gukanshō (Anotações de um Observador Ignorante)*, se diz que “*umentavam cada vez mais o número de monjas que os admiravam*”, de modo que eles devem ter atraído muitas do sexo oposto. As mulheres se tornaram tão fascinadas por eles que até “*damas da corte dos aposentos reclusos*” e mesmo “*a mãe do imperador vivendo no Templo Ninna em Ōmorō*” começaram a visitar-lhes. Nesse relato, é afirmado que Anraku “*tinha visitantes à noite*” até a hora em que “*finalmente foi decapitado*”.

Não parece haver muita relação entre o fato de que um de seus discípulos seja visitado à noite e o seu ensinamento, mas parece ter sido esta a base para as acusações lançadas contra Hōnen por seus inimigos.

Não existe uma evidência conclusiva que explique porque Shinran foi envolvido. Como já foi mencionado, uma teoria diz que o motivo do exílio de Shinran foi seu casamento. Essa teoria é baseada no *gyōja shukushōsetsu nyobon* na sua visão no Templo Rokkaku. Mas, se Shinran era casado naquela época, quem foi sua esposa? Não poderia ter sido Tamahine, a filha do lorde Kujō Kanezane, como a lenda diz, mas poderia ter sido a mãe de seu filho Zenran, o qual ele, mais tarde, foi forçado a renegar?

No seu *O Shinran Histórico*, Kemmyō Nakazawa escreveu:

Acredito que depois do primeiro ano de Jōgen (1207) quando ele foi forçado a se tornar um leigo, Shinran se casou pela primeira vez e teve três filhos em Echigo, incluindo seu filho mais velho Zenran. Mais tarde, ele teve mais três filhos, incluindo sua filha caçula Kakushinni, que nasceu no primeiro ano de Gennin (1224). Ele, assim, teve um total de seis filhos. Era bastante comum naquele tempo considerar a madrasta de uma criança como sendo sua verdadeira mãe, provavelmente por isso é que se diz que tradicionalmente Eshinni teve seis filhos, e que a carta genealógica no *Kudenshō* contém a frase: “Mãe de seis nobres filhos e filhas” depois do nome de Eshinni...

Quando Shinran retornou a Kyōto em seus últimos anos, seu filho Zenran permaneceu na área de Kanto e parece ter feito ali muitos discípulos próprios. Contudo, devido a Zenran ensinar uma falsa doutrina que ele afirma ter recebido de Shinran em segredo, Shinran infelizmente teve que renegá-lo. Zenran escreveu muitas cartas para Shinran em Kyōto e, em uma delas, ele usou a frase “...*confundido por minha madrasta...*”. Isso levou os historiadores a acreditarem que realmente ele não era filho de Kakushinni.

Depois da 2ª guerra mundial, Shisō Hattori fez um esforço para tentar esclarecer quem foi a esposa ou as esposas de Shinran. Em seu *Zoku Shinran Nōto (Anotações Suplementares sobre Shinran)* com o subtítulo “Quem foi Eshinni?”, Hattori examinou a fundo o passado de Eshinni e com muita ousadia. Num livro em que examina a vida de Shinran, normalmente seria dado somente um capítulo a Eshinni, porém Hattori utilizou todo o livro para falar sobre o passado de Eshinni. Esse trabalho foi brilhantemente escrito e é um notável exemplo da pesquisa moderna a respeito da vida de Shinran.

Shisō Hattori e Shunju Akamatsu entraram em uma disputa acadêmica a respeito de Eshinni em que Akamatsu disse: “*Hattori colocou Shinran em cena somente para enfatizar sua visão desafiadora da história*”.

Reservaremos um comentário sobre Eshinni para daqui a pouco. O que importa agora é que não há dúvida sobre o exílio de Shinran em Echigo. Diz-se que ele foi mandado para a área de Kō, onde atualmente se encontra a moderna cidade de Navetsu. Mas não existem registros indicando o local exato para onde foi mandado.

Uma das poucas coisas que Shinran disse sobre si próprio durante esse período, foi que sua posição era a de “nem monge nem leigo”. Visto que ele foi privado de seu hábito, a declaração de Shinran de que não era mais um monge é até compreensível. Mas o que pensava quando disse que também não era um leigo? Possivelmente quis dizer que, embora não fosse mais um monge, ele continuava a usar um hábito. E não há dúvida de que Shinran continuou a se conduzir pelo caminho do Nembutsu ensinado por Hōnen e de que, por sua vez, ele o transmitia para as pessoas que entravam em contato com ele. Mas, todavia, ele foi um homem marcado pelo exílio.

Echigo é muito mais fria do que Kyōto. Durante o inverno, a neve confina todas as pessoas dentro de casa por quase a maior parte das tarefas principais. Isso é assim até hoje, mesmo com toda nossa moderna tecnologia, de modo que a setecentos anos atrás era provavelmente até mais difícil de sobreviver aos meses de inverno do que podemos imaginar. Trabalhando sob tais condições, é fácil de acreditar que Shinran tornou-se até mais vigoroso e resoluto em sua fé. Em *Denne*, Shinran é citado como tendo declarado:

Se o Grande Mestre (Hōnen) não tivesse sido exilado, eu não teria sido mandado para meu lugar de exílio. Se eu não tivesse sido exilado, de que modo eu teria sido capaz de ensinar as pessoas desta remota área (o caminho do Nembutsu)?

Seis anos mais tarde, Nichiren também foi exilado para a província de Echigo. Apesar de suas vicissitudes, a intensa fé de Nichiren o motivou a mencionar a si mesmo no *Kaimukushō (Notas sobre a*

Abertura do Olho) como: “O homem mais rico em todo o Japão”. Esse aspecto da fé de Nichiren é paralela à fé de Hōnen e de Shinran. Podemos ter uma noção de como eram as condições sob as quais se vivia no exílio durante este período pelo trecho deste mesmo trabalho de Nichiren, o qual disse que seu lugar de exílio era:

... muito longínquo em relação ao meu lugar de nascimento e localizado entre as montanhas e as planícies. Havia uma cabana de seis pés quadrados. O chão não era forrado por madeira e as paredes tinham buracos. Quando chovia era o mesmo como se estivesse do lado de fora da casa. A neve se amontoava dentro dela. Buddha não era o culpado. É claro que não tinha nem mesmo um *tatami*... (Eu passava o dia) em frente da estátua do Buddha, vestido com uma capa de palha e um chapéu de bambu, segurando comigo uma cópia do Hokkekyō que havia trazido comigo.

Shunju Akamatsu acredita que o exílio de Shinran pode não ter ocasionado muito sofrimento a ele devido ao fato de sua esposa ter sido autorizada a acompanhá-lo. Akamatsu acredita que Shinran se casou enquanto ainda estava em Kyōto, e em seu *Shinran* ele escreveu:

Era natural que Eshinni acompanhasse Shinran a Echigo-no-Kuni. Embora fosse considerado um criminoso, a Shinran foi concedido certas comodidades e parece que não encontrou muitas dificuldades.

Novamente, a respeito do trabalho de Shinran durante seu exílio, Akamatsu diz:

Não há um material histórico seguro (para este período). Contudo, pode-se supor que ele não propagou os ensinamentos com muito vigor. A razão para essa suposição é que no *Shinran Shōnin Monryō Kyōmyōchō* (*Lista dos Discípulos de Shinran*), que foi escrita em 1343, é afirmado que Shinran teve somente um discípulo durante sua permanência em Echigo. Pode-se deduzir que uma pessoa exilada não estaria em uma boa posição para propagar alguma coisa com vigor, mas uma forte razão é que nesse período a fé de Shinran não era ainda bastante firme para pretender ensinar o Nembutsu aos outros. Não é algo simples absorver seu ego na absoluta fé do poder de Buddha. Sob a proteção de Hōnen, Shinran tinha avançado até a porta de entrada dessa posição, mas o progresso interior não foi fácil. Assim, é natural que Shinran não propagasse os ensinamentos com vigor.

Essa suposição de Akamatsu soa razoável. A única objeção a ela é que a profundidade da fé de Shinran não é algo que possa ser logicamente discutida. Existem aqueles cuja fé aumenta com os anos, mas, de modo oposto, há aqueles em que a fé enfraquece e alguns até a perdem totalmente. Shinran claramente pertencia ao primeiro tipo. Todas as evidências apontam para o fato de que Shinran quase nada escreveu durante seu estágio em Echigo. Quando consideramos o *Kyōgyōshinshō* que Shinran escreveu em seus últimos anos, pode muito bem ter ocorrido que Shinran ainda refletia e meditava os ensinamentos de Hōnen enquanto estando no exílio. Ao contrário da turbulenta capital de Kyōto, a remota ilha de Echigo, com seu claro e cortante frio, pode ter sido mais adequada para o crescimento espiritual do Shinran de 34 anos.

Eshinni

Neste ponto, iremos conhecer um pouco mais a respeito da esposa de Shinran, Eshinni, a qual há pouco nos referimos. Apesar de muitos estudiosos terem investigado a vida de Eshinni mais a fundo eu não tenho a intenção de acrescentar muita coisa sobre ela neste livro. Como a vida de Shinran em Echigo é pouco conhecida, o que farei é introduzir Eshinni para completar a descrição desta fase da vida de Shinran.

Nenhum estudioso contestará a alegação de que Eshinni foi esposa de Shinran. Não há, contudo, em geral, acordo a respeito de qual era sua família e nem mesmo de onde foi o seu local de casamento.

Embora a lenda seja de que Shinran se casou com a filha do lorde Kujō Kanezane, Tamahine, em Kyōto, não existem provas sobre isso. Ao contrário, há algumas evidências indicando que o casamento de Shinran aconteceu em Echigo, presumivelmente com Eshinni. Por exemplo, no postscript do *Kyōgyōshinshō*, Shinran escreveu:

Mestre Genkū (Hōnen) e seus discípulos foram indiscriminadamente sentenciados à morte, destituídos de suas posições como monges e, no final, exilados com o nome de criminosos, tudo isso sem justa investigação de seus crimes. Eu também estava entre (aqueles que foram tratados injustamente). Por isso eu não sou monge nem leigo...

Gostaria de examinar a declaração: “*Eu não sou monge nem leigo...*” mais de perto. Essa frase foi escrita a respeito do fato de seu exílio, depois de lhe terem tomado o hábito. Isso expressa o sentimento de ter sido escrito por uma pessoa que é casada. Isso também implica que ele não era “*nem monge nem leigo*” quando estava estudando sob a direção de Hōnen em Kyōto. Em outras palavras, enquanto estando com Hōnen, ele seguiu todos os preceitos para os monges budistas, incluindo o celibato. Seria possível então que, quando foi exilado - visto que de qualquer modo ele não mais tinha a posição de um monge - Shinran resignou-se a partilhar de algumas regalias da vida de um leigo, uma das quais a de ter uma esposa?

Outra evidência é a respeito do modo pela qual Shinran assinou o documento *Shichikayō Kisei* (*Sete Regras para a Própria Conduta*). Como já mencionei, esse documento foi um pacto em resposta aos ataques feitos pelos monges do Mt. Hiei aos ensinamentos de Hōnen e foi assinado por todos os discípulos mais antigos de Hōnen. A partir das investigações feitas por Zennosuke Tsuji, não há mais dúvidas de que a assinatura “Monge Shakku” é a de Shinran. O fato de que Shinran precedeu seu nome com o título de “monge” (*sō*) significa que ele não poderia ter tido legalmente uma esposa naquele tempo. A data na qual sua assinatura foi escrita pode ser verificada com exatidão. Ela foi assinada no dia 11 do 11.º mês de 1204, ou seja, dois anos antes de Shinran ter sido exilado.

Se é argumentado que Shinran se casou no intervalo de dois anos antes de seu exílio, não há como responder exceto perguntar: poderia Shinran ter escrito “...*Eu não sou nem monge nem leigo...*? Eu não estou afirmando inequivocamente que Shinran deve ter se casado em Echigo. Não existem realmente evidências que afirmem isso ou o contrário, e eu gostaria de reiterar que isto é somente minha opinião pessoal.

Quanto à própria Eshinni, a posição seguinte é de Tatsuro Fujishima, na qual ele deduz a respeito de seu passado. Fujishima acredita que a carta genealógica do Ōtani compilada em 1451 é a mais antiga na qual a frase “filha de Hyōbe Daisuke Myosshi Tamenori” é escrita próximo ao nome da esposa de Shinran. Por causa disso Fujishima escreveu:

É extremamente estranho que por trezentos anos não houvesse menção da linhagem da esposa de Shinran, a mãe de Kakushinni, que deu os primeiros passos que levaram ao estabelecimento do Honganji como uma organização. Poderia ter havido alguma razão forçando para que essa informação não pudesse ser divulgada? Poderia ter havido hesitação em deixar essa informação de fora porque o casamento com uma plebéia poderia ter comprometido a dignidade da família real Hino, ou por causa do receio de críticas da escola Jōdo, que até recentemente não autorizava seus monges a se casarem?

Essa atitude pode ter dado nascimento ao sentimento de que a esposa de Shinran foi Tamahine, a filha de lorde Kujō Kanezane. Possivelmente (assim que se tornou possível até mencionar o passado da esposa de Shinran nesta maneira, ainda que incorretamente), então, se torna possível proclamar publicamente a verdadeira linhagem da esposa de Shinran e, assim, o nome de Hyōbe Daisuke foi finalmente associado com o nome de Eshinni. Mas, apesar dessa teoria parecer provável, ela não pode ser aceita como um fato histórico. Por mais que se pense sobre isso, uma informação repentinamente anunciada em público depois de não haver qualquer menção sobre ela por trezentos anos, não pode ser aceita tão facilmente.

A tendência natural foi a de não somente glorificar Shinran, mas também sua esposa. A relação entre Eshinni e Echigo é parecida com a relação entre Miyoshi e Echigo. Miyoshi é um personagem histórico; ele foi apontado pelo governo japonês para ajudar na administração de Echigo. Em termos atuais, sua posição corresponderia aproximadamente ao de vice-governador de uma prefeitura japonesa. Assim, por seu casamento com Eshinni, Shinran aliou-se com o poderoso clã local.

Como já foi mencionado anteriormente, em suas cartas, Eshinni refere-se a Shinran como “lorde” e seus filhos como “príncipes”. Portanto é difícil concebê-la como uma camponesa como afirma Shisō Hattori.

Não há forma de saber o quão Eshinni era atraente. Contudo, sua inteligência e boa memória são claramente reveladas em suas cartas. Uma característica marcante de suas cartas são o grande número de letras chinesas usadas. Além disso, não há uma única letra que esteja incorretamente escrita. Muito frequentemente na escrita japonesa, um ideograma que é lido de certa maneira, mas que tem outro sentido do que aquele intencionado, é inconscientemente substituído por um correto. Isso é a mesma coisa que escrever “there” quando a intenção era “their”. Esse erro é frequentemente encontrado em documentos tais como cartas e diários que não foram escritos para serem distribuídos amplamente. O fato de que não há um só erro semelhante que possa ser encontrado nas cartas de Eshinni é a evidência concreta de sua capacidade intelectual.

Detalhes são encontrados nas cartas de Eshinni que chega a ser difícil de acreditar que ela, aos 80 anos de idade, ainda se lembrassem deles. Por exemplo, ela menciona que Shinran apanhou um resfriado “no 14º dia do quarto mês do terceiro ano de Kangi (1232) quase à hora do cavalo (11:00 am a 1:00 pm)”. Ou que seu filho Shinren nasceu no terceiro dia do terceiro mês do ano do carneiro e, portanto, atualmente está com 53 anos de idade”. Ou que a visão de Shinran no templo Rokkaku ocorreu “no 95º dia”. Todas as cartas de Eshinni revelam sua grande inteligência e extraordinária memória.

Eshinni relembra seu falecido marido nas seguintes palavras:

...quando nossa família estava no distrito Sakai da cidade de Shimotsuma em Hitachi-no-Kuni (atualmente prefeitura de Ibaraki), eu tive o seguinte sonho: Parecia que eu observava um serviço religioso sendo conduzido em um templo que dava para o leste. A frente do templo estava banhada de luz. Vi duas pinturas do Buddha suspensas com o que parecia ser uma barra fixa horizontal a oeste das luzes. Uma das pinturas não era muito clara; ela consistia principalmente de luz resplandecente do Buddha. A outra era claramente uma imagem do Buddha. Quando perguntei qual Buddha (essas pinturas representavam), alguém, não me lembro quem, disse: “que aquele consistindo principalmente de luz, é Hōnen Shōnin, o qual é a encarnação de Seishi Bosatsu”. Quando perguntei o que representava a outra imagem, me foi revelado: “que é Kannon Bosatsu, o qual é Zenshin (Shinran)”. Fiquei tão surpresa (ao ouvir isso), que despertei de meu sonho...

Nesse ponto, Eshinni claramente demonstra a extrema alta veneração em que ela tinha Shinran. Existe alguma carta escrita onde uma esposa confessa ter sonhado que seu marido era um bodhisattva?

Depois de seis anos, Shinran foi absolvido de seu “crime”. Porém, antes dele retornar a Kyōto e poder se reunir ao seu querido mestre, ele soube da morte de Hōnen. Hōnen tinha vivido uma vida plena, mas faleceu 15º dia do primeiro mês de 1212, na idade de 79 anos. Shinran decidiu retornar novamente a Kyōto e, provavelmente, foi nessa época que decidiu propagar a doutrina do Nembutsu. A decisão expressa em *Denne*, provavelmente refere-se a esse período da vida de Shinran:

Se o grande Mestre (Hōnen) não tivesse sido exilado, eu não teria sido mandado para meu lugar de exílio. Se eu não tivesse sido exilado, como eu poderia ser capaz de ensinar as pessoas desta remota área (o caminho do Nembutsu)?

8. A Aldeia de Sanuki na Província de Kōzuke

Residência em Sanuki

Depois de viver em Echigo, Shinran foi para a província de Hitachi, atualmente prefeitura de Ibaraki. Isso se deu em 1214, sete anos depois de ser exilado, quando tinha 41 anos de idade. Sua esposa Eshinni e seu filho (ou filhos) acompanharam-lhe.

Não se sabe ao certo qual a razão que fez Shinran ir para Hitachi. Ao contrário de seu exílio, não havia nenhuma razão que o fizesse mudar de cidade. Hitachi era muito agitada naquela época e se supõe que Shinran pode ter sido motivado pelo espírito de aventura daqueles tempos e seguido com outros que desejavam desenvolver a nova região. Foi depois de ir para Hitachi que Shinran começou a escrever, e, em termos de seu esforço missionário, o período de 17 ou 18 anos de sua estadia ali pode ser dito como sendo o mais pleno e completo de sua vida.

Deixe-nos primeiro considerar a razão que levou Shinran a emigrar até Hitachi. Kazuo Kasahara escreveu extensivamente sobre esse período da vida de Shinran em *Shinran to Higashikuni no Nōmim* (*Shinran e os Camponeses da Região Oriental*) e *Shinran*.

Kasahara acredita que o casamento de Shinran com Eshinni aconteceu em Echigo, e que este foi seu segundo casamento. Parece que Eshinni nasceu em uma poderosa família provincial. Naquele período da história japonesa, o que distinguia uma família poderosa das outras era possuir grandes extensões de terra; e, nesse sentido, pode-se concluir que a família de Eshinni deve ter tido um considerável investimento em terras. Mas como era comum naquele tempo, essas terras provavelmente não eram localizadas em um só lugar, porém espalhadas através de várias províncias. Kasahara entende que não é de todo improvável que parte das terras da família de Eshinni eram localizadas na região de Kanto. Ele escreveu:

Minha suspeita é a de que a família de Eshinni possuía dois ou três *cho* (cinco a sete acres e meio) perto de Inada em Hitachi-no-Kuni na região de Kanto. Sua família pode bem ter percebido que administrar essas terras, as quais ficavam muito longe de onde moravam, era mais difícil do que imaginavam. Deste modo, quando Eshinni ou mesmo o próprio Shinran expressou o desejo de propagar o ensinamento do Nembutsu mais extensamente, o chefe da família pode ter decidido que se você deve migrar para um novo lugar para propagar seu ensinamento, por que não assumir uma residência nas terras de sua família em Inada? Aquele pedaço de terra, de qualquer modo, é difícil de administrar daqui. Se você for lá para administrá-la, isso será uma ajuda para nós e, ao mesmo tempo, você, seu marido e seu filho não terão preocupações com a forma de sobreviver. Assim, a família de Eshinni pode ter solicitado Shinran a mover-se para Inada a fim de ajudá-lo.

Acredito que essa é uma explicação razoável para que fosse oferecida terras em Inada a Shinran, especialmente visto que o próprio Shinran não tinha vínculos na região de Kanto e, sendo “nem monge nem leigo”, poderia ser muito difícil para ele sustentar uma família sem algum golpe de sorte, tal como Kasahara sugeriu.

Porém, é muito característico do academicismo de Kasahara não concluir de maneira apressada que a família de Eshinni era chamada Miyoshi como fez Kemmyō Nakazawa. No seu *The Historical Shinran*, Nakazawa escreveu: “*Isto é somente uma suposição, mas...*”, e continua:

...na região Naka de Hitachi-no-Kuni, há um local chamado Miyoshi. Se o nome da família de Eshinni era Miyoshi, é razoável

concluir que sua família em Echigo-no-Kuni teve certas conexões em Hitachi-no-Kuni; porém isto é mera suposição, porque não há evidência para provar essa teoria.

Essa maneira de conjecturar é muito interessante, mas como Kasahara faz supor pela não menção disso, não pode ser considerado histórico. O único fato sobre o qual não há dúvida é que Shinran migrou para a província de Hitachi com sua família.

Não sabemos quantos dias levou a viagem de Echigo a Hitachi, mas o fato de que passaram pela cidade de Sanuki na província de Kōzuke (atual prefeitura de Gumma) é registrado em uma das cartas de Eshinni. Alguém pode dizer que é uma perda de tempo desperdiçar um capítulo inteiro sobre uma cidade em que Shinran e sua família somente atravessaram, mas este capítulo é importante se o desenvolvimento do pensamento de Shinran é para ser apresentado completamente. Isto é porque nas cartas de Eshinni, um aspecto da vida e pensamento de Shinran que tem sido negligenciado em relatos tradicionais é claramente descrito em conexão com a cidade de Sanuki. Até a descoberta das cartas de Eshinni em 1921, um capítulo tal como este não poderia ter sido escrito.

A carta sobre a qual este capítulo é baseado, foi escrito no décimo dia do segundo mês de 1263, dois meses depois da morte de Shinran. Ela descreveu um incidente que ocorreu em 1231, de modo que, evidentemente, foi escrita depois de trazer à memória aquilo que tinha ocorrido muitos anos antes. O ano de 1231 foi quando os esforços de Shinran em ensinar o caminho do Nembutsu provavelmente chegou ao auge. Ele tinha 58 anos de idade. A carta diz que eles pararam “*num lugar chamado Sanuki, localizado entre Musashi-no-Kuni ou Kōzuke-no-Kuni*”. Devido à incomum memória de Eshinni, a respeito da qual já comentamos, não parece que ela teria se expressado dessa maneira se eles não tivessem parado em Sanuki por um longo tempo.

Acontece que Sanuki é um nome muito comum na região de Kanto. Além das províncias de Musashi e Kōzuke mencionadas na carta de Eshinni, há cidades com aquele nome nas províncias de Hitachi, Kazusa e Shimofusa. Porém, a mais provável candidata é a cidade de Sanuki na província de Kōzuke. Contudo, ir para lá atualmente, na esperança de descobrir alguma pista de Shinran, poderá somente resultar em desapontamento, pois lá não há nada.

A carta em que Eshinni menciona a cidade de Sanuki descreve um ataque de febre que Shinran acabou contraindo. Relativo a essa febre, ela menciona algo que é extremamente importante no desenvolvimento do pensamento de Shinran. Eshinni escreve que:

Partindo do 14º dia do quarto mês do terceiro ano do Kangi (1231), após a hora do cavalo (11:00 da manhã até 1:00 da tarde), (Shinran) contraiu um leve resfriado, e que passou a tarde deitado. Ele não deixava ninguém fazer massagem, nem mesmo permitindo aproximar-se dele. Somente ficou descansando.

O fato de que Shinran não deixou ninguém lhe massagear ou mesmo aproximar-se, indica que ele pode ter percebido que sua doença era contagiosa. Ou, possivelmente, ele somente quis estar só.

Quando Eshinni finalmente examinou o corpo de Shinran, ela o encontrou ardendo em febre. Por quatro dias Shinran ficou de cama. No segundo dia de sua doença, Shinran começou a delirar e subitamente começou a recitar o *Daimuryōjukyō* (*Grande Sūtra sobre a Vida Infinita*). Finalmente, no quarto dia, ele disse, “Eu desisto!”. Eshinni perguntou-lhe o que ele queria dizer com aquilo e Shinran respondeu:

Pelos últimos dois dias estive ocupado recitando o *Daimuryōjukyō*. Mesmo quando eu fechava meus olhos, eu podia ver as letras do sūtra brilhando na minha frente.

Então, Eshinni escreveu, Shinran continuou, quase que falando para si próprio:

“Isto é estranho”, eu pensei. “Não deveria haver nada em minha mente a não ser o desejo de recitar o Nembutsu com alegria e gratidão. Mas, quando cuidadosamente considerei o assunto, lembrei-me de um incidente que ocorreu uns 17 ou 18 anos atrás. Naquele tempo, comecei a ler o *Jōdo Sombukyo* umas mil vezes para o benefício de todos os seres sencientes. Antes que

completasse essa tarefa, refleti sobre o que eu estava fazendo e vim a perceber que a verdadeira recompensa da invocação do Buddha é compreender o ensinamento por si próprio e, então, ensinar os outros, como na bem conhecida frase, *jishin kyōninshin nanchu tenkōnan*. (Embora eu pense que havia entendido isto, entretanto) tal pensamento (que me fez iniciar a recitação do *Jōdo Sambukyō* umas mil vezes, 18 anos atrás) deve ter continuado comigo. Tal ligação como esta é difícil de remover. Percebo novamente agora quão difícil é livrar-me da fé centrada em si mesmo e que eu devo refletir cuidadosamente sobre este assunto. E foi por essa razão que parei de recitar o *Daimuryōjukyō*, finalmente dizendo, quase inconscientemente: ‘Eu desisto’. Logo depois disso sua febre abaxiou, e começou a transpirar abundantemente.

Essa hábil descrição de Eshinni nos dá um bom conhecimento sobre os sentimentos de Shinan. Quando perdemos o controle de nós mesmos como durante um delírio, expressamos nosso verdadeiro eu. Muito tempo antes de sua doença, Shinran havia descido o Mt. Hiei, e “*descartou as difíceis austeridades religiosas*” dos mosteiros, seguindo o caminho do Nembutsu de Hōnen, que é a confiança no poder do Buddha.

Hōnen ensinava somente o Nembutsu. Não deveria haver nada senão a fé nele. Todavia, os sūtras que usou para salmodiar como um *dōso* no Mt. Hiei ainda estavam firmemente cravados na mente de Shinran.

A prática de recitar o *Jōdo Sambukyō* umas mil vezes com o objetivo de ganhar mérito é um “*esforço autocentrado*”, prática religiosa que Shinran supostamente havia rejeitado. Entretanto, quando ficou doente, Shinran inconscientemente procurou ganhar mérito e apressar sua iluminação por meio de seus próprios esforços. O que aconteceu com sua confiança no Voto Causal do Buddha Amida? Shinran ficou triste por ser incapaz de expressar em sua própria vida o caminho do Nembutsu ensinado por Hōnen. Entretanto, é este sentimento de contrição que dá profundidade ao seu entendimento. Deve ser mencionado, contudo, que embora Shinran possa ter ficado triste por não ser um seguidor ideal do Nembutsu, para os outros, ele foi um exemplo.

Jishin kyōninshin significa “*ensinar os outros o que você próprio compreendeu*”. Se você não tem fé, se você se refugia em sentimentos ruins, você nunca será capaz de ensinar aos outros o Caminho. Aqui, Shinran foi novamente conduzido à percepção de como é difícil desprender a mente de apego da confiança em nosso próprio poder; esta é “*a mais difícil das coisas difíceis*” (*nanchū tenkōnan*). A frase *jishin kyōninshin nanchū tenkōnan* aparece na obra *Ōjōraisan* (Louvores ao Nascimento na Terra Pura), escrito por Zendo Daishi da China. Que Eshinni sabia o que essa frase significava e tê-la citado em uma carta é uma outra indicação do nível incomum de sua erudição. Após essa frase na obra de Zendo, aparecem as seguintes palavras: “*Transmitir a Grande Compaixão e assim criar uma mudança é verdadeiramente retribuir nossa dívida de gratidão ao Buddha...*”

O Jōdo Sambukyō

Neste ponto, acredito ser necessário dizer algo sobre o *Jōdo Sambukyō*, o qual é também recitado na escola Jōdo. Incidentemente, nessa escola eles têm uma prática que é similar àquela tentada por Shinran, que consistia em ler os sūtras mil vezes, em memória das pessoas falecidas. Um grande número de monges reúne-se e repetidamente recitam o *Jōdo Sambukyō*. Se cinquenta monges fizerem isso, então cada um lerá os sūtras vinte vezes, resultando em mil recitações. O sentimento que faz com que uma tal atividade seja praticada pela primeira vez é compreensível, especialmente se o falecido for uma pessoa querida. Contudo, durante o período Tokugawa (1600-1868) essa cerimônia de recitação do *Jōdo Sambukyō* por mil vezes tornou-se formalizada e passou a ser praticada por qualquer pessoa que tivesse os meios.

Dos três sūtras que compreendem o *Jōdo Sambukyō*, Zendo afirmou que o *Daimuryōjukyō* (*Sūtra sobre a Vida Infinita*) descrevia o Voto Causal do Buddha Amida, o *Kammuryōyukyō* (*Sūtra sobre a Meditação*

da Vida Infinita) descrevia o ensinamento do Buddha Shakamuni, e o *Amidakyō (Sūtra de Amida)* descrevia as palavras de vários Buddhas.

O *Daimuryōjukyō* é geralmente chamado *Daikyō (Grande Sūtra)*, abreviado para indicar sua importância. Já falei sobre o aspecto mais importante desse sūtra no capítulo 5, portanto, serei breve aqui. Como indicado pelo nome abreviado, esse sūtra é fundamental para o ensinamento da Terra Pura. Ele descreve o Voto Causal do Buddha Amida que é chamado de *pūva pranidhana* em sânscrito. *Pūva*, em seu sentido particular, tem o significado de “na direção da frente” ou “na direção do Oeste”. No sentido cronológico, isto significa “antes” ou “há muito tempo”. Aqui, neste sentido cronológico, quer dizer “antes do Buddha se tornar Buddha”. De acordo com o *Daikyō*, Hōzo Bosatsu (um Buddha em formação) praticou ascetismo por cinco éons e obteve o mérito de tornar-se o Buddha Amida. Assim, quando o Voto Causal do Buddha Amida é revelado, isso se refere ao voto que Hōzo Bosatsu fez antes de se tornar Buddha Amida. Essa é a razão de frequentemente ser chamado de “Voto Causal”.

No Shinshu, os 48 votos do Buddha Amida são considerados o ideal do homem. No 18º dos 48 votos, a declaração é feita de que aqueles que recitam o nome (*myōgo*) do Buddha Amida nascerão na Terra Pura. Esse voto impressionou bastante Zendo Daishi da China (613-681), cujas palavras sobre isso fez com que Hōnen “selecionasse” esse voto acima de todos os outros. No seu *Kyōgyōshinshō*, Shinran escreveu: “O verdadeiro sūtra é o *Daimuryōjukyō*”.

O segundo sūtra do *Jōdosambukyō* é o *Kammuryōjukyō*, abreviado para *Kangyō (Sūtra da Meditação)*. Esse sūtra descreve a possibilidade para nascer na Terra Pura, e é baseado sobre o que pode ser chamada de “A tragédia do castelo de Rajagrha”.

Essa tragédia aconteceu na região de Magadha, onde o rei Bimbisara é repentinamente destronado pelo seu filho, príncipe-herdeiro Ajatasatru, e é lançado em uma prisão de sete muros. Ajatasatru foi instigado a essa trama por Devadatta, o primo mais jovem do Buddha, o qual desejava há muito matar o Buddha e tornar-se o líder de todos os seus monges. Devadatta pensou que se ele ajudasse Ajatasatru, então, este também o auxiliaria em suas ambições.

O rei Bimbisara foi abandonado para morrer de fome. Porém, sua esposa, rainha Vaidehi, limpou seu corpo, cobriu-o com mel e encheu sua coroa com suco de frutas. Então, ela pediu para ser autorizada a visitar seu marido. Ajatasatru não negou esse pedido simples à sua mãe, que, desse modo, fez com que fosse possível para ela levar comida escondida para o rei.

Quando Ajatasatru soube de que modo sua mãe estava mantendo seu pai vivo, ele mandou matá-la também, mas no último momento foi impedido de levar a cabo seu plano por dois nobres da corte. Impedido de matar sua mãe, Ajatasatru aprisionou-a. Com sua fonte de alimentação cortada, rei Bimbisara foi novamente colocado à beira da inanição. Foi nesse momento que a rainha Vaidehi pediu ajuda ao Buddha.

Embora Ele estivesse dando sermão no Pico dos Abutres, Buddha miraculosamente apareceu perante ela no momento em que a rainha Vaidehi pensou nele. A rainha disse ao Buddha que ela não mais desejava viver em um mundo impuro onde o mal é permitido existir. Com o jeito feminino de se expressar, ela desejou ser levada a uma terra onde tudo fosse puro e o que fosse errado não fosse permitido existir. Em resposta, o Buddha produziu um raio de luz que cintilou de sua frente, revelando terras de Buddha nas dez direções. Depois de examinar todas as terras de Buddha, a rainha Vaidehi pediu para ser aceita na

Terra Pura do Buddha Amida. Em outras palavras, rainha Vaidehi “selecionou” a Terra Pura do Buddha Amida entre todas as outras terras de Buddha. A seguir uma luz brilhou em torno da boca do Buddha, revelando a imagem do rei Bimbisara, o qual, então, atingiu a iluminação.

Buddha ensinou a rainha Vaidehi os treze métodos de se conseguir nascer na Terra Pura e as nove classificações para lá nascer. Os treze métodos são treze caminhos de contemplação. As nove classificações são: Superior Nascimento Superior, Superior Nascimento Intermediário, Superior Nascimento Inferior, Intermediário Nascimento Superior, Intermediário Nascimento Intermediário, Intermediário Nascimento Inferior, Inferior Nascimento Superior, Inferior Nascimento Intermediário e Inferior Nascimento Inferior. Depois de ser instruída nos caminhos nos quais se pode conseguir nascer na Terra Pura, a rainha Vaidehi pediu para que ela e quinhentas de suas atendedoras lá nascessem.

Pode-se dizer que o *Kangyō* foi ensinado por causa das mulheres, isto é, para iluminar aquelas fracas demais para conseguir a iluminação por si mesmas. “A Tragédia do Castelo Rājagrha” não é somente uma antiga história indiana, mas uma história importante para todos nós hoje. Ajatasatrus existem hoje, assim como Devadattas; pessoas na infeliz situação do rei Bimbisara abundam, e quem não se comove com a triste condição da rainha Vaidehi?

O terceiro sūtra do *Jōdo Sambukyō*, o *Amidakyō*, não é tão dramático como o *Kangyō*. Contudo, não há provavelmente trabalho literário com descrições tão belas, pois ele descreve a Terra Pura de Amida. Não é exagerado dizer que a compreensão japonesa do céu ou do paraíso é baseada na descrição desse sūtra.

O *Amidakyō* afirma que Buddha Amida levará para sua Terra Pura todos aqueles que recitem seu nome, com mente unificada, por sete dias. Além disso, ele diz que inumeráveis Buddhas nas seis direções (norte, sul, leste, oeste, acima e embaixo) continuamente pregam a lei. Buddha Amida, cuja característica especial é a Vida Infinita, é especificado como vivendo no Ocidente.

Esse sūtra é designado como *mumon jisetsu*, que significa que é um sūtra que “ensina sem ter sido pedido”. Buddha aparece nesse sūtra em frente de milhares de discípulos, mas a pessoa a quem foi diretamente endereçado foi para seu discípulo mais antigo, Shariputra. Buddha iniciou esse sūtra com estas palavras: “Shariputra, na direção oeste, um milhão de terras de Buddha distantes daqui, há uma terra inteiramente pelo Buddha Amida...” e, então, prossegue descrevendo a terra.

Que tipo de lugar é a terra de pureza do Buddha Amida? Pela definição, paraíso, é um lugar onde a vida é confortável e não há sofrimento. Porém você não pode considerá-lo um lugar onde desejos epicuristas abundam. Isso é um ideal concebido pelo homem.

Há na Terra Pura sete camadas de *ranju* (corrimões de mão), sete camadas de *ramō* (véus decorativos) e sete camadas de *gyōju* (árvores alinhadas). Todos são feitos de ouro, prata, esmeralda e cristais. Existe uma lagoa que cintila com o brilho de sete variedades de pedras preciosas; ela está transbordando com oito tipos dos mais refrescantes líquidos. Pepitas de ouro puro cobrem o fundo. Uma escadaria feita de ouro e prata incrustada com joias conduz por cima da lagoa uma construção de vários andares. Este edifício é feito também de metais e pedras preciosas.

A mais bela música é escutada constantemente. Flores caem do céu delicadamente, seis vezes ao dia. Pela manhã, várias espécies de flores são colhidas e ofertadas aos Buddhas que presidem as inumeráveis outras terras de Buddha. Mas quando chega a hora da refeição, aqueles que entregam as flores são instantaneamente reconduzidos de volta à Terra Pura.

Pássaros brilhantemente coloridos abundam. Seis vezes por dia, cisnes, pavões, papagaios, seres divinos e pássaros de duas cabeças cantam elegantemente. Brisas frescas gentilmente balançam e tocam as árvores cheias de pedras preciosas, acrescentando à atmosfera musical. Os sons da Terra Pura combinam-se para produzir o efeito como a de uma orquestra. Ouvindo tal música, a pessoa é automaticamente levada a pensar no Buddha, no Dharma e na Sangha.

A descrição da Terra Pura no *Amidakyō* é primariamente pictórica. Pedras preciosas, lindas flores, pássaros e música existem em abundância; não existe um lugar tão puro e belo como este.

Aqueles com pretensões intelectuais podem olhar com desprezo uma descrição emocionalmente exaustiva do paraíso, tal como descrito no *Amidakyō*, e buscar por um sūtra mais logicamente compreensível como representativo do ensinamento do Buddha. Porém, a visão de eruditos lendo sūtras, tais como o *Amidakyō*, como sendo puro fato e baseando suas críticas sobre esse ponto de vista, é um tanto cômico.

Para os materialistas, o lugar descrito no *Amidakyō* é um mundo imaginário ou, na melhor das hipóteses, um mundo significativo somente depois de nossa morte. Porém, nas palavras do professor Daiei Kaneko:

Do ponto de vista “deste mundo”, o “próximo mundo” significa a consciência do desejo de luz vinda do próximo mundo... A frase “benefício do próximo mundo” é o que desperta em nós a consciência de nossas limitações... A Terra Pura descrita no *Amidakyō* aponta para as limitações em nossa vida.

Shinran aceitou os sūtras do *Jōdo Sambukyō* e tentou viver de acordo com sua compreensão deles. Entretanto, enquanto doente e em delírio, ele retrocedeu ao “esforço do auto-poder” praticando a recitação de *Daikyō* para ganhar virtude, contrariando totalmente os ensinamentos de seu mestre. Quando Shinran tornou-se ciente do que tinha feito, sentiu grande remorso por sua falta de fé no Voto Causal. Este relance dentro do verdadeiro Shinran é devido a carta de Eshinni, e esta é uma de suas cartas que mostra a essência da natureza humilde de Shiran e, desta forma, sua verdadeira grandeza, em oposição à descrição glorificada em *Denne*.

Na longa vida de Shinran, o curto tempo que passou em Sanuki pode ter sido um breve momento, mas, do ponto de vista do desenvolvimento de sua fé, ele pode ter sido uma noite muito longa.

9. Escrevendo o *Kyōgyōshinshō*

Diálogo relativo ao Kesa

Shinran migrou para a província de Hitachi por volta de 1214, quando ele tinha 41 anos de idade. Se diz que ele permaneceu ali por 17 ou 18 anos, ensinando o Nembutsu.

Não é provável que ele tenha permanecido em um único lugar durante este período. Está escrito em *Denne* que:

O mestre (Shinran) saiu de Echigo-no-Kuni e foi para a localidade de Inada, no distrito de Kasama em Hitachi-no-Kuni. Aí ele viveu de modo muito simples sem procurar chamar atenção. Mesmo assim, monges e leigos constantemente procuravam-no. (O número de) ambos, ricos e pobres, passando em frente de sua porta (para pedir conselho) aumentaram.

Parece que Shinran viveu em Inada por pouco tempo. Vocês se lembram de que foi em Inada onde o professor Kasahara acredita que a família de Eshinni possuía alguma terra. Porém, existe uma crença de que Shinran ficou sob a proteção da família Kasama naquela área. Essa suposição surgiu devido ao conhecido adepto do Nembutsu, Utsunomiya Yoritsuna, cujo irmão mais jovem foi o líder da família Kasama. Mas é impossível de se acreditar, como alguns o fizeram, que devido a corte imperial e o Shogunato terem proibido o ensinamento do Nembutsu em Kyōto e em seus arredores, que os ensinamentos do Nembutsu alcançassem a área de Kanto, e de que Shinran fosse convocado aí para ajudar na expansão do ensinamento mais extensamente. Shinran não poderia ter sido tão conhecido naquele tempo para poder ser convocado.

Professor Akamatsu negou ambas as teorias, a de que a família de Eshinni possuiu terra na província de Hitachi e a teoria de que Shinran foi chamado para propagar o ensinamento do Nembutsu por um poderoso clã local. Ao contrário, ele adotou a posição de que Shinran foi para Inada a fim de colocar os ensinamentos do Nembutsu no papel. Eu acredito que, embora Shinran quisesse propagar os ensinamentos do Nembutsu de Hōnen, ele desejasse ainda mais confirmar sua fé por meio do estudo; nesse ponto, eu sou levado a concordar com a concepção histórica de Akamatsu. Antes de apresentar minha visão, veremos o que Akamatsu diz sobre esse assunto. No seu *Shinran* ele escreveu:

O governador do distrito de Kasama foi Kasama Tokitomo o segundo filho de Shioya Tomonari. Ele morreu no nono dia do segundo mês de 1265 com a idade de 61 anos, o que significa que ele nasceu em 1204. Ele, assim, tinha somente 10 anos quando Shinran migrou para Hitachi-no-Kuni em 1214.

Kasama Tokitomo foi um homem de cultura. De acordo com Akamatsu: “sua primeira pretensão para fama é como poeta e sua segunda como o doador de trabalhos sagrados budistas completos para o Santuário Shikama.

Mesmo que Shinran não tenha vivido no distrito de Kasama onde Tokimoto era o senhor, há indicações de que essa área teve algum mérito como a capital cultural. Akamatsu continua:

O santuário Shimaka foi o mais importante Santuário Shintō em Hitachi-no-Kuni. Ademais, visto que Tokimoto foi um membro do clã Fujiwara, ele pode ter recorrido ao Santuário Shikama como o lugar onde sua divindade guardiã estava entronizada. Portanto, é bastante natural que Tokitomo fizesse uma oferta de obras sagradas budistas completas para este santuário. Outro santuário na mesma localidade tinha uma cópia similar dos sūtras budistas, e uma suposição seria de que Tokitomo teve a ideia de oferecer as obras sagradas deste outro santuário...

A disponibilidade de material de pesquisa em Inada é compatível com a teoria de que Shinran iniciou seu trabalho literário naquela região. Por trabalho literário, na realidade, queremos dizer o *Kyōgyōshinshō*, o

qual em grande parte é uma compilação de sūtras budistas, tratados e comentários apresentados a fim de explicar como o ensinamento do Nembutsu é encontrado no Buddhadharma em geral. Visto que toda a literatura sagrada budista consiste de milhares de volumes, o gasto financeiro exigido como ter um conjunto próprio torna inconcebível de acreditar que uma pessoa pudesse ter um conjunto completo para seu uso exclusivo. Akamatsu acredita que Shinran foi para Inada com o propósito de ter acesso a materiais de referência e, assim, ele contraria a teoria de que a família de Eshinni possuía terra naquela região ou a teoria de Shiso Hattori de que Shinran foi para a região de Kanto com os camponeses a fim de atingir uma nova fronteira.

A teoria de Akamatsu parece muito mais razoável para mim, apesar do fato de que não há evidência conclusiva de que Inada era considerada como um centro cultural ou, antes, um centro de estudos budistas. Existe, porém, uma falha na teoria de Akamatsu. Kasama Tokitomo doou toda a literatura sagrada budista (*Issaikyō*) ao santuário Shikama no ano de 1255. Naquele tempo, Shinran tinha 81 anos de idade e vivia em Kyōto. O primeiro esboço do *Kyōgyōshinshō* foi escrito 20 ou 30 anos antes. Onde, então, Shinran conseguiu ter acesso ao *Issaikyō* com o objetivo de compilar essa obra?

Para justificar sua teoria, Akamatsu dá muito crédito a uma história sobre Shinran relatada no *Kudenshō* que foi escrita por Kakunyo. Se diz aí que Shinran foi chamado pelo governo feudal em Kamakura para auxiliar na revisão de um conjunto do *Issaikyō*. Este trabalho consistia de comparar o texto de diferentes edições e corrigir o trabalho copiado. Não há dúvida de que o governo Kamakura requisitou a revisão do *Issaikyō*, existindo a menção disto no *Akazuma Kagami (Espelho do Oriente)*, um famoso diário daquela época. Grandes monges eruditos no Buddhadharma foram convidados da sede governamental de Kyōto e do tradicional quartel-general budista de Nara para auxiliarem nessa tarefa. Entre aqueles que foram convocados estava o discípulo de Hōnen, Seikaku, sênior em relação a Shinran e um homem tido em grande respeito por Shinran. Deixe-me resumir o oitavo capítulo do *Kudenshō*:

Quando Tokiiji Shurinosuke, pai de Tokitomo, era chefe do governo, ele fez com que o *Issaikyō* fosse reproduzido. Mas para assegurar uma cópia correta, monges conhecidos por sua erudição foram convidados para ajudar na revisão. Shinran estava entre os convidados para ajudar nesse trabalho.

Um banquete onde havia peixe e galinha foi servido para os monges eruditos. Os outros monges tiraram seus *kesa* [*O brocado estilizado usado por cima do hábito pelos monges budistas para designar seu status clerical.*] para comer, porém Shinran comeu sem tirar o seu. Tokitomo, com oito anos, percebeu isso, e se aproximando de Shinran, murmurou em seu ouvido: “Os outros monges tiraram seus *kesa* para comer, mas você comeu sem ter tirado o seu. Por que?”

Shinran respondeu: “Os outros já comeram peixe antes, de modo que estão acostumados a tirar seus *kesa*. Contudo, esta é a primeira vez para mim e eu esqueci de tirá-lo”.

Porém, Tokitomo não aceitou essa resposta. “Você não está me dizendo a verdade!”, ele disse. “Deve haver algum significado profundo para você usar um *kesa*. Você somente não quer me dizer porque eu sou uma criança!”

Mais tarde, os convidados foram novamente servidos com outra refeição contendo peixe, e Shinran outra vez comeu usando o *kesa*. O jovem Tokitomo fez a mesma pergunta, e Shinran respondeu do mesmo modo, dizendo que tinha esquecido.

Mas, neste momento, Tokitomo recusou aceitar a resposta de Shinran, e disse novamente: “Você não quer me dizer a verdade porque você pensa que eu sou muito novo. Porém eu entenderei se você me dizer a verdade!”

Shinran, finalmente, deu a Tokitomo esta explicação: “Não se espera que budistas matem nenhum ser vivo, mas, na idade da degeneração da lei (*mappō*), mesmo os monges não seguem os preceitos por muito tempo. Eles agem como leigos, mesmo durante as refeições. Mas, embora os outros monges comam carne, visto que vivem vidas dignas, eles são capazes de “salvar” [*‘Salvar’, neste caso, refere-se a transferência de mérito da pessoa que comeu o peixe para o peixe e, desta forma, o peixe também conseguirá nascer na Terra Pura e se tornará um Buddha. Em japonês é jobutsu, ‘tornar-se um Buddha’.*] o peixe que comem. Porém, eu não tenho a sabedoria nem a virtude para “salvar” o peixe morto. Por isso eu uso meu *kesa*; eu tenho confiança na virtude contida no meu *kesa* para ajudá-los...”

O jovem Tokitomo, que mais tarde veio a se tornar o supremo líder do Japão, escutou essa explicação e pareceu bastante impressionado. “Ele era precoce e mostrou sua potencial magnitude mesmo sendo uma criança...”, Shinran disse certa vez.

Akamatsu não aceitou tudo o que foi narrado acima, porém ele concorda com o fato de que Shinran foi a Kamakura. Ele diz o seguinte:

Parece justo acreditar que há um mínimo de verdade na afirmação de que Shinran ajudou na revisão do *Issaikyō*. De acordo com o *Kudenshō*, foi o pai de Tokitomo, Tokiuji Shurinosuke, que pediu para que o *Issaikyō* fosse copiado, embora existam várias razões para se duvidar disso. Por outro lado, se foi Utsunomiya que pediu a cópia do *Issaikyō*, não é improvável se acreditar que Shinran fosse chamado para ajudar nesse trabalho, pois Utsunomiya tinha muita influência em Kōzuke-no-kuni e em Hitachi-no-kuni e era ali que Shinran vivia.

Akamatsu também teve dúvidas a respeito de Tokitomo, como está descrito no *Kudenshō*. Ele acreditava que foi mais provável que o jovem mencionado pode ter sido um filho de Utsunomiya. Se houve realmente um garoto de oito anos que perguntou a respeito de comer peixe usando o *kesa*, então, pode ter sido um dos três filhos de Yasutsuna: Kagetsuna, Yoshitsuna ou Moritsuna. Como os discípulos de Shinran que viviam nas províncias de Kozuke e Hitachi repetiram a história de Shinran comendo peixe usando o *kesa*, a localidade e as pessoas relacionadas podem ter gradualmente mudado cada vez que recontavam o caso. Assim, no tempo em que Kakunyo escutou a história, ela já poderia ter sido consideravelmente modificada.

Mas é questionável se este incidente relatado no *Kudenshō* deveria ter sido incluído em uma biografia de Shinran. As biografias tradicionais japonesas são famosas por exagerar e inventar incidentes sobre pessoas, mas que não têm bases verídicas. Isto é particularmente verdade no caso de biografias religiosas, pois mesmo que a pessoa tenha realmente feito ou não alguma coisa não é tão importante quanto se a pessoa *pudesse* ter feito o que foi relatado.

Acreditarmos ou não em algum incidente histórico sobre um líder religioso não tem relação com nossa fé nele como um líder religioso.

O problema da revisão do Issaikyō

Eu não tenho a intenção de prosseguir a questão de se o incidente relatado no *Kudenshō* tem fundamento ou não. Contudo, visto que a questão de se Shinran ajudou na revisão do *Issaikyō* ou não tem uma grande relação sobre a estadia de Shinran em Inada, investiguemos a história do *Kudenshō* um pouco mais.

Primeiro temos a pessoa de Tokiuji Shurinosuke, o filho mais velho de Hōjo Yasutoki. De acordo com o *Kudenshō*, o incidente do peixe comido pelos monges aconteceu enquanto Tokiuji governava. Mas quando o *Issaikyō* foi revisado? Quando Tokitomo tinha oito anos de idade.

Visto que Tokitomo nasceu em 1227, o incidente relatado no *Kudenshō* deve ter ocorrido em 1235. Embora o *Kudenshō* assegure que o pai de Tokitomo, Tokiuji, dirigisse o governo nessa época, na realidade ele tinha morrido cinco anos antes, na precoce idade de 27 anos. Além disso, Tokiuji nunca tinha assumido a posição de regente, nem mesmo a posição inferior de Conselheiro. O pai de Tokitomo foi um oficial relativamente inferior do governo no departamento Roppara de Kyōto. Embora tenha nascido em uma família guerreira, Tokiuji era de uma constituição fraca e nada especial é lembrado sobre ele. Em 1224, seu pai o mandou defender a cidade de Kyōto, porém, logo a rebelião Shokyu tomou outro rumo, e seus esforços não foram particularmente úteis nem necessários.

O *Kudenshō* foi escrito por volta de 1331, quando o autor Kakunyo estava com 62 anos de idade. Kakunyo soube do incidente da refeição de peixe através de Nyoshin, o qual curiosamente nasceu quase na época da revisão do *Issaikyō* em 1235.

O peixe que se diz que Shinran comeu enquanto usando seu *kesa* é o *namasu*. Em japonês moderno essa

palavra refere-se a um prato de peixe cru e legumes temperados com vinagre, mas na época de Shinran se referia a um tipo de sardinha chamada de *eso*. O *namasu* parece ter sido apanhado fora da costa de Kamakura, entre o outono e o inverno.

Mas se Shinran comeu um peixe, o qual é pescado somente nos meses entre o outono e o inverno, um problema poderá surgir. Em julho, no ano em que supõe que ocorreu a revisão do *Issaikyō*, o Nembutsu era proibido em Kamakura, e Shinran não poderia ter sido permitido ir para lá.

Outro fato curioso é que no tempo do incidente relatado no *Kudenshō*, Shinran estava com 63 anos de idade; isto é, três anos depois ele é geralmente considerado como tendo retornado a Kyōto. Muitos historiadores modernos fixam o retorno de Shinran para Kyōto em 1232, embora alguns digam que ele retornou depois. Mas não há ninguém que tenha dito que ele ainda estava em Kamakura por volta de 1235. Desnecessário dizer que o *Kudenshō* não é um trabalho historicamente preciso, e as datas, e mesmo os incidentes relatados, podem não ser verdadeiros. Mas nele temos uma característica especial. Para aqueles de fé, esse é um documento significativo.

Como mencionado anteriormente, não desejo apontar falhas no incidente relatado no *Kudenshō*. Contudo, à medida do possível, gostaria de apresentar seja o que for sobre a vida de Shinran que possa ser verificado de fato, e não apresentar somente a imagem glorificada dele que é tradicionalmente transmitida. Essa é a primeira razão pela qual desejo checar fontes, tal como o *Kudenshō*, que possam conter relatos históricos objetivos.

A coisa que me causa mais interessa a respeito do incidente relatado no *Kudenshō* é aquele que zomba dos outros monges presentes. Enquanto os monges, os quais se supõe que respeitem todos os preceitos budhistas, o que inclui não comer a carne de nenhum ser vivo, alegremente comem esse alimento proibido, apenas com a leve concessão de tirarem seus *kesa*, Shinran não fez força para esconder que triste figura de monge ele era. Os outros eruditos monges claramente dão mostras de serem violadores de preceitos.

O que Kakunyo evidentemente pretendeu mostrar nesse incidente foi o lamento de Shinran de que “O ensinamento da Senda dos Sábios é antiquado”. Com o frequente faro de Kakunyo, esse incidente claramente mostra a diferença entre aqueles que seguem a Senda dos Sábios e os que seguem a Senda da Terra Pura. Mas ainda que eles estivessem vivendo na “época da degeneração da lei”, é inacreditável que o governo Kamakura pudesse chamar monges-eruditos que violassem abertamente os preceitos budhistas para ajudarem na revisão do *Issaikyō*. É até mais inacreditável que o governo pudesse ajudar esses monges na violação dos preceitos ao oferecer-lhes carne para comer. Além disso, qual seria a intenção de produzir uma nova edição do *Issaikyō*? Uma nova edição do *Issaikyō* foi compilada devido ao desejo de preservar o Buddhadharma, que na forma existente, consistia em seguir todos os preceitos.

Na realidade, era responsabilidade do governo japonês impor os preceitos budhistas entre os monges. Houve sempre um departamento no governo que regulava as atividades dos templos e santuários. Foi somente com o estabelecimento do governo Meiji (1868-1912) que foi permitido aos monges comerem carne e se casarem. Mas, até então, os leigos divertiam-se com histórias de como os monges eram corruptos. Eles zombavam dizendo: “Ele que surra uma mulher é uma Pessoa Superior (Shōnin); ele que não tem relações sexuais é um Buddha”. Mas enquanto havia monges que rompiam os preceitos por comerem carne e terem relações sexuais com mulheres, a dimensão pela qual os preceitos eram quebrados é bastante exagerada.

Se um monge fosse considerado famoso o suficiente para ser convidado pelo governo para ajudar na revisão do *Issaikyō*, não parece muito provável que ele pudesse comer carne como casualmente o incidente no *Kudenshō* indica. Além disso, Shinran seguia somente o Nembutsu. É inconcebível que Shinran fosse discutir o efeito de um *kesa* da maneira que ele o fez. Se por uma remota hipótese, ele assim o fez, essa foi uma expressão adotada da Senda dos Sábios usada como um expediente (*hōben*). Dizer que um peixe pode ser salvo por meio da virtude de um *kesa* é incompatível com os ensinamentos da Terra Pura. Se Kakunyo uniu diversas histórias para criar um incidente com o objetivo de apresentar Shinran na melhor perspectiva, ele claramente foi longe demais.

Novamente, foi provavelmente o faro literário de Kakunyo o responsável por sua necessidade em dramatizar Shinran por fazer-lhe empenhar-se em conversar com Tokitomo, o qual, mais tarde, se tornaria o líder supremo do Japão e, depois, se aposentou para passar seus últimos dias como um monge no templo Saimei.

É possível imaginar Shinran propagando o ensinamento do Nembutsu tranquila e profundamente entre os lavradores na região de Kanto, mas podemos nos perguntar como Shinran foi capaz de ter acesso aos numerosos sūtras, tratados e comentários dos quais foram retiradas as passagens citadas no *Kyōgyōshinshō*. Esse é o motivo para que a região de Inada seja introduzida na discussão pelos eruditos que desejam descrever todas as ocasiões da vida de Shinran. Contudo, como mencionado anteriormente, não há evidências conclusivas sobre esse assunto.

Datando o Kyōgyōshinshō

Embora o problema de quando se iniciou o trabalho sobre o *Kyōgyōshinshō* e quando este foi terminado não tenha relação com o ensinamento de Shinran, há muito interesse nesse entre acadêmicos; muitas teorias que buscam resolver isso foram desenvolvidas. É grande a probabilidade de que Shinran começou a escrever o *Kyōgyōshinshō* em Inada, porque parece que ele ficou na região de Kanto por muito tempo, uns 17 ou 18 anos. Só não se sabe o ano exato em que ele começou.

A única evidência que pode ser usada para a data do *Kyōgyōshinshō* é a seguinte passagem no “Capítulo sobre a Terra Transformada” daquela obra:

...Eu considero que o ano em que o Nyorai (Buddha) passou para o *hatsunehan* (*parinirvāna* - morte) se deu no 51º ano do reinado de Boku, o quinto imperador da dinastia Shochu, o qual é o ano *mizunoe-saru* do ciclo de 60 anos. Isso é 2183 anos daquele ano *mizunoe-saru* até o primeiro ano de Gennin, o ano *kinoe-saru* do ciclo de 60 anos. De acordo com o *Kegongyō* (*Sūtra da Grinalda*), *Ninnokyō* (*Sūtra do Rei Benevolente*) e o *Nehangyō* (*Sūtra do Nirvāna*), o primeiro ano de Gennin é o 683º ano desde que o “período da degeneração da lei” começou.

Existe uma tradição que afirma que depois da morte do Buddha, Seu Ensino, Prática e Realização, só seriam possíveis durante o “período da verdadeira lei” (*shōhō*). Durante o próximo período, a “aparência da lei” (*zōhō*), somente Seu Ensino e Prática restariam. Depois viria o “período da decadência da lei” (*mappō*) quando, embora o Ensino do Buddha ainda existisse, a Prática e a Realização não seriam possíveis.

Existem quatro tradições que indicam a duração dos três períodos como mencionados acima. Uma tradição determina que o “período da verdadeira lei” é de 500 anos, o “período da lei aparente” é de outros 500 anos, e o “período da decadência lei” é de 10.000 anos. Outra tradição afirma que os períodos são 500, 1.000 e 10.000 anos, respectivamente; a outra é a de que os períodos são 1.000, 500 e 10.000 anos; e a última diz que os períodos são 1.000, 1.000 e 10.000 anos, respectivamente.

Shinran provavelmente aceitou o período de 500, 1000 e 10.000 anos porque isso concordava com a sua

afirmação de que o primeiro ano de Gennin (1224) marcava o ano 683 desde a entrada no período da decadência da lei.

Não seria problema se houvesse alguma prova documentária afirmando em que ano o *Kyōgyōshinshō* foi escrito, mas tudo o que existe é a passagem citada acima. E se a intenção daquela passagem foi meramente recordar o fato de que o primeiro ano de Gennin somente marcou um tal ano desde a entrada no “período da decadência da lei”, ela não pode ser usada como a base para datar o *Kyōgyōshinshō*.

Um exame minucioso da frase “O primeiro ano de Gennin”, mostra que a letra “ano” foi primeiro escrita, apagada, e depois sobreposta pela letra *gen* de Gennin. Não é possível de explicar em inglês precisamente o que a adição dessa letra naquele estratégico lugar significa, mas baseando-se nessa rasura e sobrescrita Kazuo Kasahara em seu *Shinran*, escreveu:

...(O que Shinran quis dizer foi) “este primeiro ano” (ao contrário de “este primeiro ano de Gennin”). Em outras palavras, o que Shinran realmente intencionou foi afirmar que este foi o ano em que ele planejou viver na região na qual ele passaria 20 anos propagando o ensinamento, o primeiro ano do Bunryaku (1234), o qual coincidiu com o ano 2183 desde a morte do Buddha histórico. Se os períodos da “verdadeira lei” e da “lei aparente” se pressupunha serem de 1.000 anos cada, o primeiro ano Bunryaku poderia ser o ano 183 desde o início do período da “decadência da lei”. Se os períodos da “verdadeira lei” e “da lei aparente” fossem 500 e 1.000 anos respectivamente, o primeiro ano do Bunryaku seria o ano 683 desde o começo do período da “decadência da lei”. Contudo, considerando mais adiante, Shinran percebeu que o movimento proibindo o Nembutsu durante os dois anos começando no primeiro ano do Bunryaku, na realidade, começou dez anos antes no primeiro ano de Gennin (e isso é o motivo porque Shinran escreveu a letra “ano”, apagou, e então escreveu por cima). Embora tivesse escrito 683 anos depois do início do período da “decadência da lei”, Shinran escreveu pensando num período dez anos antes, especificamente, 673 anos depois da entrada no período da “decadência da lei”.

Este magnífico trecho de argumento dedutivo, cuja natureza específica pode ser entendida somente por aqueles que leem chinês, parece explicar o uso do termo “primeiro ano de Gennin” usado por Shinran.

Foi neste “primeiro ano de Gennin” que Eshinni deu-lhe uma filha, mais provavelmente sua terceira filha, Kakushinni, sem a qual o Honganji nunca poderia ter se desenvolvido. Shinran não era “nem monge nem leigo”, portanto, não haveria razão para ter reservas sobre seu casamento. Mas ele poderia ter ficado verdadeiramente satisfeito com sua vida de leigo? No “Capítulo sobre a Fé” no *Kyōgyōshinshō*, Shinran escreveu:

Quão triste que eu, Gutoku Ran, afundado no vasto mar da paixão e perdido na grande montanha do desejo por fama, não me alegro em reunir-me com aqueles que são destinados a nascer na Terra Pura. Nem me alegro na antecipação do atingimento da iluminação. Como estou envergonhado!

Essa é a expressão de uma pessoa sincera e dedicada; essa é a prova de um profundo remorso. Eu acredito que a dificuldade de fé foi expressa muito bem neste capítulo sobre a Fé e não posso acreditar que Shinran foi de fato um “Gutoku” (um ignorante de cabeça raspada).

O *Kyōgyōshinshō*

Examinaremos agora a grande obra na qual Shinran se dedicou toda sua vida. É devido unicamente aos esforços de muitos eruditos que o *Kyōgyōshinshō* é compreendido inteiramente hoje. Não tenho espaço para discuti-lo em detalhe, e não é possível explicá-lo de modo simples. Contudo, no mínimo, eu gostaria de resumir seu conteúdo. Para começar, citarei o comentário de Daiei Kaneko a respeito do título do *Kyōgyōshinshō*:

O título *Kyōgyōshinshō* é um nome abreviado do original *Ken Jōdo Shinjitsu Kyō Gyō Shō Monrui (Uma Coleção de Passagens em que o Ensino, Prática e Realização da Verdade da Terra Pura é Revelada)*. A frase “Verdade da Terra Pura” é incluída no título para contrastar com a verdade da Senda dos Sábios, e para implicar que *hōben* (expediente) também existe nos ensinamentos da Terra Pura. O que é verdade, é o Voto Causal do Buddha Amida. As obras que revelam essa verdade são, primeiro, os sermões do Buddha Shakamuni que são preservados como sūtras e, em segundo lugar, os

comentários sobre esses sūtras feitos pelos eminentes monges através dos tempos.

Essa obra revela a compreensão de Shiran por meio de sua classificação e organização das passagens dos sūtras e comentários. Somos, desta forma, levados a compreender que a verdade foi primeiro ensinada pelo Buddha Shakamuni e transmitida até nós pelos muitos eminentes monges que comentaram sobre suas obras.

A verdade do ensinamento (*kyō*), a prática (*gyō*) e a realização (*shō*) da Terra Pura é expressa nos seis capítulos deste trabalho, isto é, os capítulos sobre o Ensino, a Prática, a Fé, a Realização, a Verdadeira Terra do Buddha e a Terra Transformada. Contudo, a terra transformada é um meio hábil que é incluída na verdade, e a terra do Buddha é a mesma que a realização, de modo que as coisas importantes podem ser resumidas como sendo o ensinamento, prática, fé e realização. Contudo, fé (*shin*) é associada com prática, assim, Shinran deixou este termo fora do título.

Vamos examinar a estrutura do *Kyōgyōshinshō* um pouco mais detalhadamente. Ele começa com um curto prefácio:

Enquanto humildemente examino o assunto, considero que o inconcebível voto universal é o grande navio que nos leva ao outro lado do mar difícil de ser cruzado e que a luz desimpedida é a luz de sabedoria que dissipa as trevas da ignorância.

O prefácio conclui com a seguinte frase bem conhecida:

Eu, Gutoku Shaku Shinran, alegro-me por ter sido capaz de encontrar a sagrada literatura da Índia e os comentários dos mestres chineses e japoneses, os quais são difíceis de encontrar, e por ter escutado seus ensinamentos que são difíceis de serem ouvidos!

Capítulo sobre o Ensino: O primeiro capítulo inicia com a seguinte afirmação clara do entendimento de Shinran:

Enquanto humildemente contemplo o verdadeiro ensinamento da Terra Pura, percebo que são duas as fases de transferência de mérito (*ekō*): a fase da ida (*ōsō*) e a fase do retorno (*gensō*). Na fase da ida, está o verdadeiro ensinamento, prática, fé e realização.

Aqui Shinran divide *ekō* (transferência de mérito, o poder que revela a grande virtude do Buddha para as massas) em dois aspectos: *ōsō*, o aspecto de ir para a Terra Pura, e *gensō*, o aspecto de retornar para este mundo para iluminar todos seres sencientes. Dividindo o nascimento na Terra Pura nesses dois aspectos é algo original de Shinran, contudo é inteiramente consistente com os tradicionais ensinamentos da Terra Pura.

Respondendo as questões: “Qual é o verdadeiro ensinamento?” e “Qual é o verdadeiro ensinamento do Buddhadharma?”, a seguinte resposta é dada: “O verdadeiro ensinamento é o *Daimuryōjukyō*”. Em outras palavras, o verdadeiro ensinamento está contido no *Sūtra da Vida Infinita*. Shinran cita, então, a sagrada literatura budhista com grande respeito. Esse capítulo sobre o ensinamento é o mais curto do *Kyōgyōshinshō*.

Capítulo sobre a Prática: Depois de citar o *Daimuryōjukyō* como sua autoridade, Shinran diz que a prática a ser seguida é o *shomyō Nembutsu* (recitação do nome *Namuamidabutsu*). Aqui, novamente, Shinran cita extensivamente os sūtras, tratados e comentários, e demonstra que o caminho do Nembutsu é para todos. É aqui que Shinran afirma claramente que não é *tannen* (recitar o Nembutsu várias vezes) que é a causa do nascimento na Terra Pura, mas sim *shinjin* (a mente de fé). O *Shoshinge* (*Hino da Verdadeira Fé*) que é geralmente recitado quando um serviço religioso é celebrado dentro da escola Jōdo Shinshu é encontrado no final deste capítulo sobre a prática.

Capítulo sobre a Fé: Esse capítulo tem um prefácio próprio, o que indica que Shinran o considerou mais importante do que os outros. Ele foi escrito para mostrar que “a mente de fé” é baseada no Voto Causal do Buddha Amida.

Esse capítulo parece ter sido escrito com mais sinceridade do que o usual. Por causa disso, e pelo fato dele ter prefácio próprio, o professor Reimon Yuki concluiu que ele foi escrito primeiro e que os outros capítulos foram escritos mais tarde a fim de prover uma abrangente visão da doutrina da Terra Pura. É

bastante natural escrever primeiro aquilo que é de grande interesse para você e deixar para depois aquilo que será necessário para um leitor entender daquela parte.

Shinran novamente cita extensivamente sūtras, tratados e comentários nesse capítulo, e escreve sobre a dificuldade de adquirir a mente de fé. Ele discute “A tragédia do Castelo Rājagrha” de forma demorada, e a razão para a iluminação de Ajatasatru, mesmo embora tenha assassinado seu pai, torna-se evidente. Citações do *Kegongyō* (Sūtra da Grinalda de Flores) foram também incluídas. Acredito que se Nichiren, que gritou: “Nembutsu estúpido!”, xingou Hōnen e declarou que se o Japão estava sofrendo calamidades era porque o Nembutsu estava atraindo muita atenção, se tivesse lido esse capítulo sobre a fé, teria retirado sua crítica ao Nembutsu. Afinal de contas, ambos Shinran e Nichiren foram homens cuja característica fundamentalmente foi a fé...

A bem conhecida frase de Shinran: “Quão triste que eu, Gutoku Ran, afundado no vasto mar da paixão e perdido na grande montanha do desejo pela fama, não me alegro...” pode ser encontrada nesse capítulo.

Capítulo sobre a Realização: Este capítulo não é tão longo como o capítulo sobre a Fé. Se o capítulo sobre a Fé trata de *ōsō* (ir para a Terra Pura) este capítulo sobre a Realização pode ser dito como tratando de *gensō* (retornar da Terra Pura). A sequência dos capítulos é para mostrar que se o ensinamento é praticado e a fé é mantida nisso, você atingirá o estado de Buddha ou Nirvāna.

O Nirvāna é o mais alto estado atingível no Buddhadharma e pode também ser chamado de a perfeição da sabedoria; é o mesmo estado atingido pelo Buddha. A realização discutida nesse capítulo é a realização do nirvāna por meio do Nembutsu.

Capítulo sobre a Verdadeira Terra do Buddha: A verdadeira Terra do Buddha tratada por Shinran é a verdadeira Terra Pura; ela é um mundo ideal sem cor nem forma. A Terra Pura é o mundo do nirvāna, que surge por causa da prática e da fé. Esse capítulo cita o *Nehangyō* (Sūtra do Nirvāna) e compara o estado do nirvāna como ser um Buddha.

Contudo, esta terra sem cor ou forma foi examinada com o objetivo de contrastar com a Terra Pura Expediente descrita no próximo capítulo. Evidentemente, Shinran desejou realçar a Terra Pura num ousado realce fornecendo um contraste entre esses dois mundos.

Capítulo sobre a Terra Transformada: A Terra transformada é a Terra Pura Expediente. Expediente significa uma representação provisória com o objetivo de revelar a verdade. A Terra Pura Expediente pode ser dita como sendo um meio de convencer, e esta terra transformada é o mundo do *gemankai*, onde mesmo aqueles sem fé no Voto Causal do Buddha Amida nascerão se praticarem austeridades religiosas por tempo suficiente. Se uma imagem pudesse descrever essa terra, ela mostraria a Terra Pura com as flores de lótus ainda fechadas. Ouro e prata estão presentes, mas como esse mundo é ainda aquele de ilusão, ele bem pode ser chamado de uma “Jaula de Ouro”.

É extremamente difícil acreditar no Voto Causal do Buddha Amida. São poucos os que são puros e simples em mente, e que não duvidam do Voto do Buddha Amida. Como Daiei Kaneko disse:

É natural que peçamos sabedoria e virtude somente para nós mesmos. Foi devido a esta nossa tendência egoísta que o Buddha Shakamuni deu o sermão preservado com o nome de *Kammuryōjūkyō*. A Terra Pura descrita nesse sūtra tem cor e forma. Ele é um ensinamento hábil que, enquanto satisfazendo nossa sabedoria e virtude, naturalmente nos leva para a consciência das limitações de nossa sabedoria e virtude. É um método para nos despertar sobre quão impotentes nós somos para alcançar nossa própria iluminação, fazendo-nos perceber nossas limitações. Isso conduz ao *senshu Nembutsu*, que significa exclusiva confiança no Nembutsu. Porém, somente porque você recita o Nembutsu não quer dizer que você tem fé nele, ou verdadeiramente compreende a intenção do Voto Causal do Buddha Amida. Isso é devido à nossa tendência de recitar o Nembutsu com o sentimento de que sou “eu” quem está recitando. O *Amidakyō* foi dado para levar aqueles que têm essa atitude de esforço autocentrado a entenderem o Voto Causal do Buddha Amida. É o “Capítulo sobre a Terra Transformada” que torna claro o

significado da natureza expediente do *Amidakyō*.

Professor Kaneko continua:

É porque a verdade é conhecida que o expediente é considerado uma hipótese. Contudo se não fosse pelo expediente, a verdade não se tornaria aparente. Em tal sentido, expediente pode ser considerado como aquilo que completa a verdade. Levando esta ideia de expediente a uma conclusão lógica, *expediente pode, então, ser considerado a verdade em si mesma* (meu itálico).

Acredito que há um grande significado no fato de que Shinran não parou na Verdadeira Terra do Buddha, mas examinou a Terra Transformada. Se considerarmos o processo para se passar do expediente até a verdade, sem a Terra Transformada, entrar na Verdadeira Terra do Buddha seria extremamente difícil.

O que mais me impressionou no *Kyōgyōshinshō*, ao lê-lo pela primeira vez, foi este “Capítulo sobre a Terra Transformada”. Se esse capítulo não tivesse sido concluído, acho que eu não conseguiria ter compreendido o “Capítulo sobre a Verdadeira Terra do Buddha”.

A data “primeiro ano de Gennin” mencionada anteriormente de modo abrangente, é encontrada nesse “Capítulo sobre a Terra Transformada”. Ele afirma que na idade da decadência da lei, não existe outra maneira de se iluminar a não ser por meio do Nembutsu.

Shinran finaliza esse capítulo rejeitando todas as outras vias, negando crenças supersticiosas, e expressando sua confiança no ensinamento da verdade.

Acima temos um pequeno resumo do conteúdo dos seis capítulos que fazem parte do *Kyōgyōshinshō*. A própria obra termina com um posfácio contendo a famosa frase: “Os vários ensinamentos da Senda dos Sábios já foram ultrapassados há muito tempo; os verdadeiros ensinamentos da Terra Pura agora florescem”. O posfácio também menciona a Perseguição Religiosa Jōgen, e o se tornar um discípulo de Hōnen. Esse é um dos poucos lugares onde Shinran menciona algo sobre si mesmo. Ele expressa a profunda tristeza com a perseguição a Hōnen com as seguintes palavras:

...sem investigação justa de seus crimes, (Hōnen e seus discípulos) foram indiscriminadamente sentenciados à morte, destituídos de seus status como monges, e exilados com nomes de criminosos.

Finalmente, Shinran conclui com a seguinte citação do *Anrakushū* de Dōshaku (*No País da Paz e da Felicidade*):

Possam aqueles que atingiram o nascer (na Terra Pura) guiar aqueles que seguem, e possam aqueles que aspiram por atingir o nascimento seguir seus predecessores. Assim todos infinitamente seguirão uns aos outros até que o mar do nascimento-e-morte seja exaurido.

Não é fácil responder a questão: “Sobre o que trata o *Kyōgyōshinshō*?” Evidentemente haverá diferentes respostas, assim como há vários tipos de pessoas; desta forma, a única resposta para uma pergunta como essa será sugerir que se leia por si mesmo.

(O reverendo Saizo Inagaki foi o pioneiro na tradução do *Kyōgyōshinshō* para o inglês. Seus esforços resultaram em um volume fino contendo um ensaio introdutório e traduções do “Prefácio Geral”, “Capítulo sobre o Verdadeiro Ensino”, e parte do “Capítulo sobre a Verdadeira Prática”. Ele tem valor até hoje. O professor Kōshō Yamamoto foi o primeiro a traduzir a obra inteira. Seu inglês, porém, não é muito bom, por isso só pode ser usado como um guia para o original. A universidade Ryūkyō traduziu o que é conhecido como a versão *Gojishaku* do *Kyōgyōshinshō*: ela consiste somente das palavras escritas por Shinran e é desprovida das citações dos sūtras budistas que formam o principal corpo da obra. A tradução completa do *Kyōgyōshinshō* está em processo de preparação na Universidade Ryūkyō, mas se for como a tradução do *Gojishaku*, provavelmente será de utilidade somente para eruditos. O grande estudioso do Buddhadharma, D.T. Suzuki, traduziu os primeiros quatro capítulos do *Kyōgyōshinshō* alguns

anos antes de sua morte. Depois de um intervalo de dez anos ela foi finalmente publicada em 1972. Infelizmente, visto que os dois últimos capítulos não foram traduzidos ela não pode ser considerado como completa; contudo, deveríamos ser gratos por esse tanto).

A Tradução da Confrontação com o Asceta da Montanha

Que a grande parte da atividade missionária de Shinran foi gasta na região de Kanto pode ser concluído da obra *Shinran Shōnin Monryo Kyōmyōchō (Lista dos Discípulos de Shinran)*. Muitos dos discípulos sêniores de Shinran eram das províncias de Hitachi e Kozuke. Em Hitachi, seu discípulo sênior foi Shōshin; seus outros discípulos naquela região incluíam Annyō, Nyūshin, Nenshin, Yuien, Zenshō, Jōnen e Saigan. Em Kōzuke, seu discípulo sênior foi Shinbutso, que fundou a escola Takada do Shinshu; os outros discípulos em Kōzuke incluíam Kenchi, Kyōshin, Kakushin e Shingan.

Parece que Shinran não foi particularmente vigoroso no seu ensinamento. Alguns lhe criticavam, dizendo que era negativo em sua abordagem. Porém, seus esforços podem não ter sido agradáveis para os monges que continuavam a seguir a Senda dos Sábios. Este ensinamento do Nembutsu para as massas pode ter criado cruéis inimigos quando entrou em contato com práticas locais supersticiosas, tais como curas pela fé e aqueles que praticavam ascetismo nas montanhas. Um confronto entre Shinran e uma pessoa contrária ao seu ensinamento está registrado em *Denne*:

Quando o Mestre (Shinran) propagava o caminho do Nembutsu em Hitachi-no-Kuni, poucos lhe insultavam, enquanto muitos fielmente seguiam seu ensinamento. Havia, contudo, um monge (asceta da montanha) que acalentou uma antipatia contra o Buddhaharma, e sua antipatia amadureceu em uma decisão para ofender o Mestre. Visto que o Mestre frequentemente usava um caminho sobre o Mt. Itariki em suas peregrinações em torno do distrito, o asceta esperou para atacar-lhe aí. Mas o asceta não imaginava que ele fosse usar um atalho; ele, então, decidiu fazer um ataque frontal contra o Mestre em sua própria casa. Logo que o asceta se viu na presença do Mestre, porém, a má intenção que ele acalentava desapareceu. Vencido pelo arrependimento, o asceta começa lamentando e confessa seu motivo em procurar o Mestre, o qual não ficou de modo algum surpreso pelas palavras do asceta e permaneceu tranquilo. O asceta quebrou seu arco e flecha, arremessou a espada longe, retirou seu capuz e manto cor de caqui, e aceitou o ensinamento do Buddha. Que coisa maravilhosa! O asceta não era outro senão Myōhō-bō, cujo nome foi lhe dado pelo Mestre.

Este Myōhō-bō é geralmente conhecido como Bennen, o asceta da montanha. Primeiro, ele tentou matar Shinran, mas como não conseguiu, ele esperou em uma remota via no Mt. Itajiki a fim de emboscá-lo. Mas como Shinran não caiu em sua armadilha, Bennen foi até a residência em Inada e pediu uma entrevista com a intenção de assassiná-lo. Porém, antes da conversa ocorrer entre eles, o desejo de Bennen de matar Shinran dissipou-se e ele, então, tornou-se discípulo de Shinran.

A pessoa que espalhou essa lenda foi Goten Ryōkuin no seu *Shōtōden (História Verdadeira)*. O resumo da história recontada nessa obra é a mesma que a de *Denne*, mas detalhes, tais como o fato de que Shinran tinha 48 anos de idade naquela época, estão incluídos. O nome de Bennen é dado como “Harima-no-Kimi Bennen”. Goten Ryōku foi um zeloso biógrafo de Shinran, tendo viajado até o Mt. Itajiki para investigar a vida de Shinran. Mas, ao invés de basear-se em seguros registros históricos, ele fez uso de documentos sem fazer um esforço para verificar sua veracidade. Ele aceitou como fato relatos em antigos documentos que não seriam aceitos por nós atualmente. Esta excessiva confiança numa declaração somente porque foi escrita no papel por alguém, provavelmente foi a causa de muitas noções erradas sobre a vida de Shinran, pois ninguém questionou a sinceridade de Goten Ryōku.

Já fui até o Mt. Itajiki. Uma pequena trilha não pavimentada naquela montanha passa através da cidade de Ishioka e se junta à estrada para Kajima. Somente por brincadeira, conectei o topo do Mt. Itajiki com Kajima sobre um mapa e descobri que a pequena trilha estava quase sobre a linha que tracei. Não tenho como provar isso, mas sinto que no tempo de Shinran essa trilha continuava diretamente até Kajima, e

que essa foi a rota que Shinran tomou para lá chegar.

O quartel-general de Shinran na região de Kanto parece ter sido a cidade de Inada, na província de Hitachi. Essa conclusão é baseada no fato de que Inada é um local central para todos os lugares na região de Kanto onde Shinran é conhecido como tendo peregrinado para difundir o ensinamento do Nembutsu; porém, não existe outra prova para evidenciar isso.

10. O Mundo do Tannishō

Retorno para Kyōto

Não se pode dizer que os esforços missionários de Shinran na região de Kanto foram mal sucedidos. Embora ele tenha escrito: “Eu não tenho nenhum discípulo próprio”, isto foi somente uma maneira de Shinran expressar o fato de que é o Voto Causal do Buddha Amida que atrai as pessoas para os ensinamentos da Terra Pura, em vez de mestres humanos, tal como ele próprio. Essa declaração não pode ser tida como significando que Shinran não tinha nenhum seguidor. É inquestionável a grandiosidade de Shinran como mestre e o fato de que atraiu muitos seguidores.

Porém, Shinran eventualmente deixou a região de Kanto e retornou para a sua cidade-natal, Kyōto. É provável que ele tenha retornado pela estrada *Tōkaido* (*Rota para o Oceano Oriental*) que ficou famoso por meio do artista Hiroshige séculos mais tarde, mas não existem provas em relação a isso. Shinran estava com 60 anos na época, o que poderia certamente ser considerado como os anos sombrios de sua vida numa época em que a média da expectativa de vida girava em torno dos trinta anos.

Qual foi o motivo do retorno de Shinran para Kyōto? Por quase vinte anos ele tinha disseminado o ensinamento de seu mestre Hōnen e as raízes do Nembutsu já estavam seguramente plantadas na região de Kanto. Mas como os seguidores do Nembutsu aumentavam, a pressão contra o ensinamento cresceu. Em 1235, o Shogunato em Kamakura novamente proibiu o Nembutsu...

Existem várias teorias que tentam explicar porque Shinran deixou a região de Kanto. Uma teoria é a de que Shinran a deixou logo depois da proibição do Nembutsu, porque não queria permanecer numa região onde o governo que publicou a proibição estivesse situado. Essa mesma teoria sustenta que Shinran saiu no mesmo ano da publicação, ou seja, 1235. Outra teoria diz que Shinran retornou a Kyōto com o propósito de ter acesso aos materiais de referência para completar o seu *Kyōgyōshinshō*. Entretanto, há uma teoria de que Shinran retornou para Kyōto por causa de problemas pessoais em sua família.

A respeito da proibição contra o Nembutsu, Shinran evidentemente se lembrou da força opressiva que causou seu exílio para a província de Echigo em 1207. Ele provavelmente não pode esquecer de quando seu querido mestre Hōnen foi exilado. Contudo, não há nada no pensamento de Shinran que afirme que você *precise* fazer alguma coisa. Isso está de acordo com o ensinamento da Terra Pura em geral, e está em flagrante contraste com o pensamento de Nichiren. Embora ambos vivessem no mundo da fé, a fé de Nichiren pode ser caracterizada pela palavra *forte* e a de Shinran pela palavra *profunda*.

É fácil dizer que Shinran retornou a Kyōto porque desejou evitar um atrito desnecessário e por causa da saudade da sua terra-natal. Mas visto que estamos falando de uma magnífica pessoa como Shinran, parece ser um engano dar essas razões mundanas como uma motivação básica para seu regresso.

Entretanto, quando consideramos que estamos falando de um homem que já estava com 60 anos, poderíamos dizer que não havia absolutamente desejo de sua parte por rever a sua cidade natal? Poderíamos negar o sentimento de que se perdesse essa oportunidade ele provavelmente nunca mais seria capaz de rever as montanhas e rios de sua juventude? O número de amigos mais próximos de Shinran que se tornaram discípulos de Hōnen quase na mesma época que ele, foram gradualmente diminuindo. No

fundo do coração de Shinran pode ter havido o desejo de encontrar e conversar com esses amigos uma última vez.

Este sentimento humano de nostalgia que motivou o retorno à sua terra-natal não pode ser menosprezado, todavia, também não podemos negar a importância de completar o *Kyōgyōshinshō* como um motivo. Inada pode ter sido escolhida como uma base de operações por causa da disponibilidade de materiais de referência, porém, não se pode comparar com os recursos que podiam ser encontrados na sede governamental de Kyōto. Muito tempo já tinha se passado desde que Shinran foi para a região de Kanto, e durante esse período, os sūtras, tratados e comentários que ele não tinha conseguido estudar por não terem sido ainda importados da China, agora já se encontravam nos grandes templos dos arredores de Kyōto. De um ponto de vista acadêmico, Kyōto tinha muitas atrações.

O professor Kazuo Kasahara considera a ação do governo Kamakura como a razão básica para que Shinran terminasse com seu esforço missionário na região de Kanto. O professor Enson Miyazaki considera que Shinran retornou a Kyōto para completar o *Kyōgyōshinshō*. Já, o professor Akamatsu rejeita isso, e diz que Shinran tinha praticamente completado essa obra na época em que deixou a região de Kanto. Ao contrário, professor Akamatsu acredita que Shinran retornou para Kyōto por causa de problemas relacionados à compreensão do Nembutsu por parte de seus seguidores.

Nem todos os seguidores de Shinran concordavam com seus pensamentos. O próprio filho de Shinran, foi acusado de heresia e Shinran finalmente teve que renegá-lo para poder preservar a pureza do ensinamento do Nembutsu. Depois da organização Honganji ter sido estabelecida, foram desenvolvidos certos critérios para determinar se a paz na mente (*anjin*) de um devoto era igual a de Shinran. Aqueles cuja mente não fosse a mesma, eram chamados de *ianjin* (paz na mente que não era a mesma de Shinran). Esses critérios não tinham sido desenvolvidos durante a época de Shinran, e foi muito difícil “padronizar” o ensinamento.

Como um exemplo de quão difícil é “padronizar” o ensinamento Shinshu, na província de Echizen (atualmente prefeitura de Fukui) havia três centros de ensinamentos Shinshu que até uns cem anos atrás eram tidos como se engajando numa atividade conhecida como *Hijibōmon* (Caminho da Realização por meio de Práticas Secretas). Embora Shinran tenha feito tudo para mostrar que não existia coisa alguma de secreta em seu ensinamento e de que não deixou nada de fora, esses grupos insistiram que Shinran tinha deixado ensinamentos “secretos”.

Shinran pode muito bem ter considerado como natural a pressão do governo contra o Nembutsu. Os “seguidores do Nembutsu”, os quais foram a causa de Nichiren clamar: “Aqueles que recitam o Nembutsu cairão no inferno abismal”, podem não ter tido os mesmos sentimentos como o de Shinran. Se for verdade o que Akamatsu diz: “O problema básico era a conduta daqueles que diziam ter fé”, então, eles podem ter sido aqueles com *ianjin*. O número dos intratáveis “seguidores do Nembutsu” podem ter aumentado tanto a ponto de Shinran não poder controlá-los e conceber como único recurso separar-se deles.

Provavelmente foram muitas as razões que fizeram Shinran retornar a Kyōto, mas uma vez que nunca indicou nada a respeito, então, tudo o que se diz é pura especulação. A maioria das especulações sobre as razões para o regresso de Shinran a Kyōto desenvolveram-se somente nos últimos cinquenta ou sessenta anos.

Também não podemos encontrar nada em *Denne* que mesmo surgira uma razão para Shinran retornar a Kyōto. No quarto capítulo do segundo volume, está escrito: “O Mestre deixou para trás sua residência na

fronteira oriental e seguiu seu caminho para a capital”, e não fornece nem a razão nem a data de seu retorno. Mas pode isso ser entendido que na época em que *Denne* foi escrito não havia grande curiosidade sobre tais assuntos, e também que a mente religiosa não está preocupada com assuntos que são de interesse dos historiadores.

Durante o período Edo (1600-1868) Goten Ryōku se permitiu grande liberdade para escrever a biografia de Shinran. Ele não dá a razão para o retorno de Shinran a Kyōto em seu *Shōtōden*, mas fornece a data e o lugar de sua saída, que ele diz ter sido no sétimo dia do oitavo mês no primeiro ano do Jōei (1232), partindo da cidade de Takada, na província de Shimotsuke (atualmente prefeitura de Tochigi). Goten Ryōku não diz de onde ele conseguiu essa data e lugar e, por isso, não pode ser considerado muito confiável.

A opinião de Kemmyō Nakazawa referente às razões que levaram Shinran de volta a Kyōto está expresso em seu *The Historical Shinran*:

O motivo que fez Shinran retornar a Kyōto seria: 1) o problema de estabelecer uma forma de viver; 2) algum problema relacionado com sua filha; ou 3) um assunto relacionado com sua fé. (O primeiro não faz sentido) porque, ao contrário da cidade de Kyōto que ele não via por trinta anos, teria sido muito mais vantajoso para Shinran continuar em Hitachi-no-Kuni onde estava rodeado de discípulos que o adoravam.

(A segunda razão é muito mais provável). Iyaonna, a jovem filha de Shinran viveu em Kyōto desde criança. (Embora os detalhes não sejam conhecidos, Shinran escreve): “Não há nada que eu possa fazer a respeito de (Iyaonna)”. Entretanto, devido a intimidade do relacionamento pai-filho, Shinran não poderia olhar com indiferença a condição de sua filha. Se sua declaração: “Quão triste que eu, Gutoku Shinran, continuo a afundar no oceano do amor e da paixão...” é uma expressão exata de seus sentimentos, é bem provável que o problema com Iyaonna fosse a causa de seu retorno a Kyōto...

Que Shinran retornasse a Kyōto para ajudar sua filha mais jovem é justamente o tipo de coisa que se poderia esperar dele. Contudo, embora Nakazawa tenha avançado muito os estudos sobre a vida de Shinran, são poucos os historiadores hoje que acreditam que Iyaonna fosse filha de Shinran. O consenso de opiniões é a de que ela tenha sido uma criada. Os poucos historiadores que acreditam que Iyaonna fosse filha de Shinran seguem a iniciativa de Shisō Hattori.

Como mencionado anteriormente, Shisō Hattori se baseou no *The Historical Shinran* de Nakazawa e desenvolveu sua concepção materialista da história no *Notes on Shinran* e *Further Notes on Shinran*. Neste último ele afirmou que Iyaonna era filha de Shinran e, com grande entusiasmo, investigou cada aspecto que poderia ser descoberto ou deduzido sobre ela. Hattori concluiu que, por causa da pobreza a que Shinran foi submetido durante seus últimos anos de vida, teve que vender sua filha Iyaonna. Mas isso é claramente uma dedução feita por Hattori a respeito dos sentimentos de Shinran em relação à pessoa cujo nome é Iyaonna. O relacionamento de Shinran com Iyaonna é expresso em um documento que diz o seguinte:

Documento libertando Iyaonna de Amagozen (Eshinni):

Em troca de certas considerações financeiras, esta mulher (Iyaonna) serve atualmente Shōamidabutsu. Iyaonna agora será transferida para a esposa de Hingashi. Sem objeções. Fique assegurada a honestidade desta transação..

21º dia do décimo segundo mês do primeiro ano do Kangen (1243).

Essa carta é aceita como tendo sido escrita pelo próprio Shinran. Na data em que foi escrita sabemos que Shinran estava com 70 anos, e não há dúvida de que vivia em Kyōto nessa época.

Esse problema pode ser discutido longamente, mas não há espaço para isso. Tudo o que gostaria de fazer agora é apresentar a atitude de Akamatsu com respeito a essa teoria de Hattori. Akamatsu escreveu:

Hattori somente usou Shinran com o objetivo de insistir em sua visão rebelde da história. Não posso conter o sentimento de que... ele meramente usou Shinran como o veículo para promover sua visão particular da história.

O Tannishō

Aqui finalizo a discussão referente às diferentes teorias sobre os motivos de Shinran para retornar a Kyōto. A coisa importante que se deve ter em mente é que Shinran retornou a Kyōto tranquilamente. Ele viveu lá por quase vinte anos, porém não fez mesmo nenhum esforço para fundar um templo. Pelo contrário, parece que andou de lugar a lugar até sua morte. Usando os aposentos do templo de seu irmão mais jovem, Jin'u, como sua base, ele trabalhou em seus escritos e cartas para os fiéis na região de Kanto até sua morte. Ele, desta forma, mudou seu método de ensinamento, impossibilitado de falar diretamente aos seus discípulos por causa da distância, passou a se dirigir a eles um pouco mais formalmente por meio de cartas. Pode-se dizer que manteve uma escola por correspondência.

Como já foi mencionado, mesmo antes de Shinran deixar a região de Kanto, atitudes heréticas começaram a se desenvolver com relação ao que ele pensava. Há um limite naquilo que pode ensinado por meio de cartas. Não importa quão clara e objetivamente uma carta tenha sido escrita, ela não pode ser comparada a um ensinamento dado pessoalmente. Desta forma, como está registrado no *Tannishō*, os discípulos da região de Kanto vieram a Kyōto, “depois de cruzar as fronteiras de mais de dez províncias, arriscando suas vidas...” para instrução pessoal.

O *Tannishō* foi escrito por causa desses que foram até Shinran lamentando que seu ensinamento estava sendo distorcido. Esse livro é muitosignificativo até hoje e, no Japão, é um contínuo *best-seller*. Mas, embora a intenção em escrever o *Tannishō* fosse indicar as diferenças entre o entendimento de Shinran e o de certos seguidores, estranhamente, ele descreve o pensamento de Shinran muito claramente. Ele é, portanto, extremamente importante para que se possa compreender o pensamento de Shinran. O *Tannishō* foi escrito para suprir qualquer deficiência que houvesse no modo de ensinamento da escola por correspondência que Shinran adotou nos seus últimos anos de vida; ele não teve a intenção de ser relevante a ponto de chegar a ser o suporte espiritual dos leitores atuais. Ainda assim, devido a mostrar claramente a atitude mental de Shinran, ele assim se tornou.

Outra razão para o grande interesse no *Tannishō* é seu estilo fluente. O que me impressiona particularmente é o modo notável em que as próprias palavras de Shinran são combinadas com os comentários do autor a respeito das palavras de Shinran. Os comentários são tão claros legendas em fotografias. Comparada com uma típica obra-prima da literatura japonesa tal como o *Heike Monogatari* que é ornado com expressões floridas, o *Tannishō* foi escrito com uma simplicidade que, em sua naturalidade, é a personificação de um modo puro e genuíno. Nenhuma tradução para o inglês do *Tannishō* se aproxima ao original em pureza de linguagem e profundidade de *insight*.

De um ponto de vista, o *Tannishō* pode ser dito expressar o pensamento de Shinran até mais francamente que as suas próprias palavras; uma avaliação objetiva por uma terceira pessoa pode frequentemente parecer mais “real” do que uma avaliação subjetiva.

Não se conhece com certeza o autor do *Tannishō*. Ele não foi assinado, como era a característica de obras escritas durante aquele período; contudo, Yuien, um discípulo de Shinran, é agora geralmente considerado tê-lo escrito. Depois do retorno de Shinran a Kyōto, muitos seguidores foram atraídos a

Yuien. Porém, muitos desses seguidores tinham suas próprias interpretações do Voto Causal do Buddha Amida, e começaram a questionar a compreensão de Shinran. Yuien, portanto, fez uma jornada até Kyōto procurando respostas para as dúvidas levantadas por esses seguidores.

Uma das primeiras perguntas que Yuien fez a Shinran foi se a recitação do Nembutsu era o verdadeiro caminho para a Terra Pura. Em resposta a essa importante e certamente sensível questão, Shinran responde que ele não sabia e que se Yuien desejasse conhecer a resposta doutrinal ele, então, deveria procurá-la entre os eruditos monges que viviam no Mt. Hiei e nos templos próximos de Nara. Mas, quanto a ele próprio, tudo o que sabia foi o que seu mestre Hōnen lhe ensinou, ou seja, não havia outra maneira para nascer na Terra Pura a não ser recitar o Nembutsu e confiar no Voto do Buddha Amida.

Na realidade, Shinran continuou, eu na verdade não sei se a recitação do Nembutsu será a causa de meu nascimento no paraíso da Terra Pura, ou se será a causa de minha queda no inferno. Mas, se por alguma razão, Hōnen me iludiu e eu venha a cair no inferno por causa da recitação do Nembutsu, eu não teria arrependimento. Essa confiança expressa por Shinran é tão simples e pura como a de uma criança para com sua mãe.

Shinran concluiu dizendo que, se fosse possível para ele se tornar um Buddha por meio de práticas ascéticas, então, ele poderia ter motivo de arrependimento se viesse a cair no inferno por ter recitado o Nembutsu. Mas, “por ser eu uma pessoa que é absolutamente incapaz de qualquer prática espiritual que seja”, é natural que ele caísse no inferno. Em outras palavras, Shinran percebeu que não havia razão para uma pessoa má como ele nascer na Terra Pura. Em termos modernos, isso pode ser chamado de consciência da maldade e, exteriormente, parece ser similar à noção cristã de Pecado Original; contudo, Shinran não se considerava ter *nascido* em pecado, como o dogma cristão poderia afirmar.

Aqui uma analogia pode ser útil. Vamos supor que você deseje tocar piano bem. Uma pessoa sem um ouvido para música pode não ser capaz de perceber a diferença entre um solo tocado por você e o mesmo solo tocado por um pianista famoso como, por exemplo, Arthur Rubinstein. Contudo, do seu ponto de vista (não o ponto de vista de um crítico musical), há certamente uma grande diferença. E, por mais que você pratique e se torne um perito, o máximo que conseguirá é perceber a imensa lacuna entre você e Rubinstein. Isso é porque se sua habilidade aumenta, digamos em um grau, o ideal que você almeja aumentará por dois. Se sua habilidade multiplica por dois, seu ideal aumentará por quatro. A diferença entre sua capacidade e o ideal almejado aumentará à medida que você progride. Assim, você tem o paradoxo de que mesmo que a opinião de uma pessoa ouvindo seu desempenho note seu progresso, você próprio sentirá que seu desempenho (comparado com o ideal continuamente aumentando em sua própria mente) irá piorar. Essa era a consciência com que Shinran lutou toda a sua vida.

Somente depois de resolver se tornar uma pessoa mais espiritualmente iluminada e praticar austeridades para conseguir atingir essa meta você poderá compreender a situação em que Shinran se encontrava. Desnecessário dizer, contudo, que embora Shinran fosse constantemente cōnscio da crescente brecha entre sua realização e seu ideal, seus seguidores o consideravam ser o ideal.

Há uma frase no *Tannishō* que se tornou demasiadamente conhecida. Esta frase é: “se mesmo um homem bom nascerá na Terra Pura, quanto mais um homem mau conseguirá”. Essa frase parece ser justamente o oposto do que Hōnen disse que, como seria de se esperar, é que uma vez que mesmo um homem mau nascerá na Terra Pura, quanto mais um homem bom”. A afirmação de Hōnen é o modo lógico de conceber o nascimento na Terra Pura, que é geralmente concebida como um lugar onde você vai como resultado das boas ações, tal como os cristãos concebem o céu. Quando o Voto Causal do Buddha Amida é cuidadosamente considerado, contudo, a frase “mesmo um homem bom” torna-se plena de significado. A

Terra Pura não teria sido estabelecida se um homem mau não pudesse se iluminar lá. Durante a época de Shinran, o “homem bom” se referia àqueles monges e estudiosos que seguiam a Senda dos Sábios e aqueles que estavam em posições de poder; e o “homem mau” se referia àqueles que não conseguiam viver sem matar, tais como caçadores e pescadores. Em nossos dias, o homem bom é simplesmente a pessoa que não tem ânsia espiritual e é indiferente em relação à sua vida espiritual, enquanto que o “homem mau” é a pessoa que tenta ser boa, mas vendo a distância entre o ideal almejado e sua realização de tal bem aumentar quanto mais ela tenta, se enche de uma sensação de fracasso e maldade.

Eu não acredito que essa frase seja realmente o oposto daquela que Hōnen tinha em mente.

A passagem seguinte referente ao Nembutsu é encontrada no quinto capítulo: “Eu, Shinran, nunca recitei o Nembutsu para cumprir a piedade filial”. O objetivo de Shinran ao fazer essa declaração é baseado na visão de mundo do Buddhadharma, que é a de que todas as coisas vivas se relacionam umas com as outras, e de que todos os seres sencientes já foram ou serão, em algum tempo, nossos pais, mães, irmãos ou irmãs. Desta forma, depois de se tornar um Buddha no próximo mundo, eles retornarão para este mundo e trabalharão para propiciar nossa iluminação.

Se o Nembutsu fosse um bem praticado por meio de nosso próprio poder, então, poderíamos transferir seus bons frutos para nossos pais; contudo, visto que ele é um bem que é significativo somente quando rejeitamos o esforço autocentrado, nós não podemos ajudar nossos pais com por meio dele, mesmo se o desejássemos.

No sexto capítulo, há uma advertência contra aqueles que ensinam o Nembutsu dizendo: “meus discípulos” e “estes discípulos”. Shinran é citado como tendo dito: “Eu não tenho nem um discípulo próprio”. A razão para isso é que “se fosse possível para mim levar os outros a aceitarem o Nembutsu por meio dos meus próprios esforços, então, eu poderia chamá-los de meus discípulos. Mas visto que sua aceitação é devido aos esforços do Buddha Amida, eles são seus discípulos, não meus”.

Yuien, então, fez a pergunta que mais lhe incomodava. “Por que”, disse a Shinran, “mesmo quando eu recito o Nembutsu, raramente tenho a mente inundada por êxtase e alegria e nem sinto um grande desejo de nascer na Terra Pura? Por que é assim?”

Yuien representou todos nós quando fez essa pergunta, particularmente aqueles dentre nós que vivem em uma sociedade orientada cientificamente e que parece colocar pouca confiança naquilo que não pode ser visto, ouvido, tocado, saboreado ou cheirado. Shinran respondeu sem hesitação: “Eu também fiz a mesma pergunta. Agora você, Yuienbō, também tem o mesmo estado de mente”.

Shinran continuou: “... deveríamos compreender que nosso nascimento na Terra Pura é ainda mais assegurado porque não ficamos exaltados, pulamos para cima e dançamos sobre a terra. É o funcionamento das más paixões nos impede de nos alegrarmos quando deveríamos fazê-lo”.

O desejo de nascer na Terra Pura o mais rápido quando possível é também o desejo de morrer sem demora. “...Quando ficamos doentes um pouco que seja, sentimo-nos desamparados, receando que possamos morrer. Isso é devido às nossas más paixões. É difícil deixar esta terra de sofrimento por onde temos transmigrado por inumeráveis éons... assim, não sentimos qualquer anseio pela Terra Pura. Como são fortes nossas paixões!”

“Mas”, continuou Shinran, “embora estejamos relutantes em deixar este mundo *shaba*, quando nossas relações com ele estiverem exauridas, nasceremos naquela Terra. Buddha Amida é especialmente misericordioso com aqueles que não querem ir com toda pressa para a Terra Pura. Por isso mesmo é que sentimos ainda mais sua Grande Compaixão e podemos confiar em seu Grande Voto que assegura nosso nascimento. O fato de que não estamos desejosos de morrer é prova de nossas más paixões e, sem isso, não poderíamos nascer no Puro Reino”.

Uma vez Shinran virou-se para Yuien e perguntou: “Você confia em mim?” Yuien respondeu que sim. Para certificar-se da resposta de Yuien, Shinran repetiu a mesma pergunta. Quando Yuien replicou que nada havia que não fizesse se seu mestre Shirnan mandasse fazer, Shinran disse: “Então, vá agora e mate mil pessoas. Se fizer isto, você estará assegurado de nascer na Terra Pura”.

Yuien ficou abalado. “Mas sou incapaz de matar mesmo uma só pessoa”.

“Então, por que você falou que faria qualquer coisa que eu mandasse?”, Shinran disse. “Espero que agora você compreenda. Se você pudesse fazer qualquer coisa que quisesse, então, se lhe mandassem matar, você poderia matar mil pessoas para que pudesse nascer na Terra Pura. Você não mata porque não tem nenhuma condição kármica para matar, e não porque é uma boa pessoa. Ainda assim, mesmo que não tivesse nenhum pensamento de ferir os outros, poderia acabar matando cem ou mil pessoas...” Como isso soa moderno, quando pensamos em My Lai...

[Nota do tradutor: O Massacre de My Lai foi o maior massacre de civis durante a Guerra do Vietnã].

Acredito, contudo, que a parte mais importante do *Tannishō* seja o 18º capítulo, que expressa o pensamento de Shinran de que o esplendor de seu nascimento na Terra Pura não depende da importância de sua contribuição para a causa budhista. A principal parte desse capítulo é a passagem na qual Shinran diz que o ensinamento da Terra Pura é baseado no Voto Causal do Buddha Amida, mas que Ele é “o corpo expediente da lei (*hōben hōshin*)”. Ele continua: “Este corpo é sem comprimento ou largura, sem forma de nenhuma espécie, não é azul, amarelo, branco, preto ou de algum tipo de cor”.

Shinran, dessa forma, afirma que o Buddha Amida descrito no *Amidakyō* é um corpo expediente. Em outras palavras, o Buddha Amida descrito do ponto de vista do *ethos* é agora aceito como sendo expresso como *logos*. Aqui vemos a figura de Shinran ainda em busca da Verdadeira Terra Pura em sua velhice.

Organizacionalmente, a primeira parte do *Tannishō* consiste das palavras de Shinran, e a última parte da compreensão de Yuien do que Shinran disse. Contudo, acredito que o trabalho inteiro é dedicado a responder a questão do que é a fé, e o que significa ter fé. Acredito que esse é um trabalho prático que descreve como viver num mundo repleto de pessoas egoístas dedicadas aos seus próprios desejos.

Acredito que o apelo do *Tannishō* para o japonês moderno seja sua forte expressão de fé. Se trocarmos a palavra “fé” pela palavra “amor”, então, o *Tannishō* pode ser considerado uma obra que expressa o verdadeiro amor. Acredito também que esse aspecto do pensamento Terra Pura é absolutamente essencial para o homem moderno.

De modo simples, alguns podem dizer naturalmente, Yuien interpretou as palavras de Shinran com o coração e lamentou as diferenças entre ele e as opiniões de outros. Acredito que aquilo que tocou

gerações de leitores é a extrema simplicidade com que Yuien expressa sua confiança em Shinran. Mesmo se essa obra não tivesse tido como seu assunto principal a fé, acredito que não seria tão errado se ela tivesse como subtítulo “uma autobiografia em que Yuien expressa seu amor a Shinran”. Não há uma biografia que nos dê um vislumbre tão direto de Shinran enquanto homem, e nem tanto insight em relação ao seu pensamento.

Já havia sugerido anteriormente que depois de retornar a Kyōto, Shinran conduziu um tipo de curso por correspondência no Shinshu para aqueles que permaneciam na região de Kanto. Se não fosse por essas cartas e o *Tannishō*, que foi compilado como um resultado direto da perigosa jornada que fizeram até Kyōto, nós não saberíamos quase nada à respeito do homem Shinran. Muito provavelmente, como Shisō Hattori disse, teríamos somente uma imagem ornada de Shinran, idealizada a tal ponto que todos os traços de sua humanidade teriam se perdido.

Retorno para Kyōto

O retorno de Shinran para Kyōto é muito importante para compreendermos sua vida e seu pensamento. Vamos deixar para trás as especulações sobre os motivos que podem ter levado Shinran a retornar e buscar os fatos estritamente históricos que podem ser conclusivos sobre esse evento.

Não sabemos a data de seu regresso a Kyōto. Visto que nada disse sobre quando deixou a região de Kanto, parece que tudo o que podemos fazer é deduções de quando isso se deu. Entretanto, parece que não podemos dizer exatamente que ninguém mencionou antes essa data. Esta é minha própria opinião, mas acredito que Eshinni, a esposa de Shinran, tinha um diário. A data da febre de Shinran é um exemplo de que a existência de um diário é indicada.

Como relato no capítulo 8, Eshinni escreveu que “a partir do dia 14 do quarto mês”, Shinran mostrou indícios de um resfriado. Isso foi escrito na quinta das dez cartas de Eshinni descobertas em 1921. A sexta carta, contudo, é uma correção da data mencionada na quinta carta: “Na carta que enviei a você anteriormente, escrevi que o senhor (Shinran) ficou doente no dia 14 do quarto mês no terceiro ano do Kangi. Depois, eu consultei o meu diário, e descobri que a data de sua declaração ‘eu desisto’, foi feita no amanhecer do décimo primeiro dia do quarto mês”. Assim, invés do dia 14 do quarto mês, o início da doença de Shinran se deu no oitavo dia do quarto mês. A existência do diário de Eshinni está claramente indicado nessa carta.

Não há, contudo, nenhum vestígio de tal diário hoje. Se esse diário tivesse sido herdado por Kakushinni, ele evidentemente estaria preservado em algum lugar no Honganji. Mas, infelizmente, parece que Shinran e sua esposa viveram separados durante seus últimos anos, e o diário de Eshinni foi provavelmente perdido com sua morte.

Quando Kakunyo escreveu o *Denne*, o diário de Eshinni evidentemente já estava perdido, pois esse trabalho também não menciona a data da partida de Shinran para Kyōto. Se Kakunyo estivesse ciente da data, ele com certeza a teria incluído, já que havia fornecido todas as outras datas importantes. Por exemplo, Kakunyo escreveu que Shinran foi iniciado dentro do monasticismo “na primavera de seu oitavo ano”, que ele teve sua visão no templo Rokakku “no quinto dia do quarto mês do terceiro ano de Kennin (1203)” e que ele faleceu “no vigésimo oitavo dia do décimo primeiro mês no segundo ano de Kōchō (1262)”. Sempre que Kakunyo estava seguro sobre uma data, parece que ele a incluía. Assim, o fato de que não fez esforço para determinar a data do retorno de Shinran indica que ele não foi capaz de descobrir quando isso aconteceu e que ninguém vivendo naquela época se lembrava.

Embora não haja acordo a respeito da data do retorno de Shinran para Kyōto, parece justo supor que Shinran retornou algum tempo depois de 1231. Isso se liga à teoria de que Eshinni não acompanhou Shinran em seu retorno. Como você se lembra, foi no terceiro ano de Kangi (1231) que Shinran pegou uma febre. A descrição de Eshinni desse evento é a de uma pessoa que foi uma testemunha ocular. Além disso, ela usa a frase “não consentiu que ninguém se aproximasse e cuidasse (dele)”, dá a impressão de que Shinran estava rodeado pelos seus discípulos naquele tempo.

Shinran tinha muitos discípulos devotados na região de Kanto, mas muito poucos em Kyōto, e essa é a base para se acreditar que o ataque de febre se deu na região de Kanto. Se o raciocínio acima é correto, se pode afirmar, então, que Shinran estava em Hitachi por volta de 1231. Ele tinha, então, 58 anos de idade. Quando o Nembutsu foi proibido em 1235, ele teria 62 anos, e é impossível que se decidisse aposentar, decidindo arbitrariamente que o período de sua vida em Kanto já tinha terminado. Pessoalmente, acredito que o retorno de Shinran para Kyōto se deu algum tempo depois de 1235.

Professor Umehara, contudo, em seu *Shinran Den no Shomondai (Vários Problemas Referentes à Biografia de Shinran)*, diz que Shinran tinha retornado para Kyōto em 1230. O motivo para afirmar isso é baseado numa cópia do *Yuishinshō Mon’i*, que é uma simplificação feita por Shinran do *Yuishinshō* de Seigaku, destinado àqueles sem erudição para que pudessem compreendê-lo. Uma cópia deste trabalho escrita pelas próprias mãos de Shinran ainda existe. A data “vigésimo quinto dia do quinto mês do segundo ano de Kangi (1230)” acha-se na obra. Seigaku provavelmente estava em Kyōto no ano em que Shinran pode ter pego emprestado sua cópia do *Yuishinshō* para simplificá-la para os leitores, desse modo confirmando a presença de Shinran em Kyōto naquela época.

Se Shinran tivesse usado a cópia original de Seigaku para produzir o *Yuishinshō Mon’i*, então seria justo acreditar que Shinran a teria pego emprestado diretamente de Seigaku, o qual naturalmente precisaria guardá-lo. Mas não há razão para se acreditar que Shinran fizesse uma viagem especial até Kyōto com o objetivo de usar a cópia de Seigaku. Não é impossível que cópias do trabalho de Seigaku não tivessem alcançado a região de Kanto. Seigaku foi um discípulo sênior e altamente estimado por Shinran, de modo que poderiam muito bem terem se correspondido.

Alguns estudiosos acreditam que Eshinni acompanhou Shinran de volta a Kyōto. De fato, não somente Eshinni, mas a família inteira de Shinran pode tê-lo acompanhado em seu regresso ao mesmo tempo. De acordo com essa teoria, embora Eshinni possa não ter estado com Shinran no momento de sua morte, ela teria ficado com ele durante um breve período antes de seu falecimento. A base para essa teoria é a de que Shinran desceu o Mt. Hiei e meditou por 95 dias no Templo Rokkaku. Ela expressou isto em escrita: “Depois de deixar a montanha...”. Por “montanha”, Eshinni quer dizer Mt. Hiei, porém esse modo de se referir ao Mt. Hiei é usado somente por aqueles que vivem em Kyōto. Desta forma, surge uma questão, como é que Eshinni usaria essa maneira de designar o Mt. Hiei se ela nunca viveu em Kyōto?

Novamente, na quarta carta de Eshinni ela faz referência a uma imagem de Shinran de uma maneira que normalmente não seria usada para se referir a uma pessoa, mesmo seu próprio marido, se você tiver se separado dele 20 anos antes.

Baseados sobre evidências tal como esta acima, alguns estudiosos sentem que Eshinni acompanhou Shinran de volta a Kyōto. Não há, contudo, dúvida de que na época da morte de Shinran em 1262, ela não estava, havia muito tempo, vivendo ali. Parece estranho que Eshinni pudesse ter vivido por longo tempo com Shinran em Kyōto e não estivesse ao seu lado nos últimos momentos. Se houvesse tido alguma

discórdia entre eles seria compreensível, porém, em todas as suas cartas, Eshinni mostra um grande respeito para com Shinran, até mesmo ao ponto de dizer que ele era a encarnação de Kannon Bosatsu.

A maior parte dos acadêmicos estudiosos admite que Eshinni passou seus últimos anos em Echigo. Parece que sua família tinha terras naquela área. Não há acordo sobre quando ela morreu, mas Tatsuro Fujiwara, em seu *Eshinnikō (Honorable Eshinni)* afirma que ela morreu em 1268, aos 87 anos. Ele, além disso, declara que “(Ela) teve dificuldades em conseguir roupas para usar, teve que tomar emprestado tecido e agulha (para fazer coisas para vestir), e de tempos em tempos, quando recebia uma doação de tecido, dizia que isso ficaria reservado para minhas ‘horas finais’”. Os últimos dias de Eshinni parecem não terem sido particularmente confortáveis.

Mas voltemos a Shinran. Onde ele viveu em Kyōto? Em *Denne*, se afirma que:

Depois de retornar a sua cidade natal, o Mestre refletiu sobre o passado, e percebendo como os anos vão e vem como um sonho, ele considerou sua permanência terrestre na metrópole como um assunto que não merecia agitar sua mente. Desta forma, ele se mudava de algum lugar para lugar. Contudo, havia uma casa perto de Gojō e Nishi-no-Tōin que ele apreciou durante um tempo, pois achou que era um bom lugar.

Em 1258, Kenchi de Takada fez uma viagem até Kyōto e visitou Shinran. Ele escreveu: “Visitei o Mestre (Shinran) em sua residência (localizada na esquina da) rua Sanjo com a estrada Tomi”. Rua Sanjo com estrada Tomi, em Kyōto, corresponde ao local ao “sul da estrada Oshi e leste da estrada Mari” mencionado no *Denne*. Esse é o lugar da residência dos monges onde viveu Jin’u, o irmão mais novo de Shinran, e parece indicar que Shinran não teve condições de adquirir uma casa em que pudesse viver tranquilamente em conforto. É impossível acreditar, contudo, na teoria de Shisō Hattori, de que sua vida foi de uma pobreza espantosa, a ponto de Shinran ter de “negociar sua querida filha”. É claro que sua “querida filha” não é Iyaonna; contudo, parece que, na verdade, quem foi “negociada” foi uma empregada.

Shinran era provavelmente sustentado em Kyōto pelo dinheiro que lhe era dado por seus seguidores que permaneciam na região de Kanto. Isso é revelado em suas cartas que ele enviou agradecendo-lhes pela ajuda.

Em resposta a seu filho Zenran, Shinran escreveu: “Sua doação de cinco *kan mon* é grandemente apreciada”.

Existe um registro indicando que Shinbutsu, o fundador da escola Takada do Jōdo Shinshu, enviou a Shinran vinte *kan mon*, uma soma de dinheiro que poderia comprar 20 *koku* de arroz naquele tempo. Um *koku* equivale à 4.96 *bushels* [Nota do tradutor: unidade variável de medida entre 15 e 30 quilos]. O preço de um *koku* de arroz atualmente no Japão é aproximadamente cinquenta dólares, assim, a doação de Shinbutsu foi de um valor de quase mil dólares em nosso dinheiro. Contudo, não podemos supor dessas doações que Shinran viveu em conforto durante seus últimos anos. Visto que não estava propagando os ensinamentos do Nembutsu ativamente, seus seguidores provavelmente não tiveram um forte sentimento de estarem recebendo alguma coisa dele a ponto de sentirem uma obrigação para fazer uma contribuição.

A residência de monges de seu irmão mais novo, Jin’u, em que Shinran esteve tinha somente 180 *tsubo* em tamanho. Um *tsubo* é aproximadamente 3,34 metros quadrados; assim, deve ter havido cerca de 602 metros quadrados de espaço. Não se sabe quantos outros monges dividiam essa residência, mas provavelmente era no mínimo levemente cheia. No final de seus dias, Shinran viveu uma vida de “nem monge, nem leigo” e não pode ser considerado que teve uma vida fácil.

Renegando Zenran

Vamos voltar agora a um assunto que parece ter causado a Shinran muita preocupação em seus últimos anos. Zenran, o filho de Shinran, permaneceu na região de Kanto para difundir os ensinamentos do Nembutsu. Parece que teve muitos seguidores. Podemos deduzir que estava indo muito bem do fato de que foi capaz de enviar Shinran cinco *kan mon*. Contudo, à medida que o número de seus seguidores aumentava, parece que sua compreensão do Nembutsu se desviava até ao ponto dele não mais ensinar a mesma coisa que Shinran ensinava. Entretanto, havia outros seguidores de Shinran na região de Kanto, os quais tentavam seguir os ensinamentos de Shinran. Cada vez que conflitos eram notados entre os ensinamentos de Zenran e o que os outros ensinavam, Zenran recorria ao seu relacionamento como filho de Shinran, e afirmava que o que ele ensinava foi autenticamente recebido de Shinran. Zenran dizia haver recebido um ensinamento secreto de Shinran, na escuridão da noite, o qual Shinran não transmitiu a ninguém mais. É relatado que Zenran chegou ao ponto de dizer que o Voto Causal do Buddha Amida era como uma flor murcha. Das indicações iguais a essa é fácil imaginar Zenran e os outros discípulos de Shinran sempre envolvidos em rixas.

Quando informado por carta das atividades de Zenran, Shiran firmemente renegou-o. A carta que informava Shinran sobre as atividades de seu filho foi perdida, porém a carta de Shinran renegando-o é preservada em uma coleção conhecida como *Shinran Shōnin Ketsumyakumonshū (Cartas de Shinran aos seus Parentes)*. A carta foi endereçada a Shōshin, um dos discípulos sêniores de Shinran; provavelmente, foi ele quem informou Shinran a respeito de Zenran. A seguir está um resumo da carta-resposta de Shinran para Shōshin:

Li sua carta. Estou triste para além das palavras ao ver que devido à influência de Zenran os seguidores do Nembutsu em Hitachi-no-Kuni e Shimo-osa-no-Kuni se transformaram.

Que eles, juntos com Zenran, confiem em um falso ensinamento é realmente lamentável. Nunca ensinei Zenran em segredo, e quer seja na noite ou ao meio dia, nunca o ensinei separadamente dos outros. Se eu tivesse ensinado Zenran a verdade e os outros a falsidade, eu seria evidentemente punido pelos deuses e Buddhas. Deste dia em diante, portanto, não considero mais Zenran como meu filho.

Nunca me encontrei com este tal de Aiminbō sobre o qual Zenran comenta; nem me correspondi com ele. Que terrível coisa dizer que ele recebeu uma carta minha. Por favor, mostre esta carta àqueles na região de Kanto.

Esta carta foi escrita no dia 29 do quinto mês de 1256. Shinran estava, então, com 83 anos de idade. Quando ele teve que escolher entre seu filho e preservar o verdadeiro ensinamento, Shinran não teve escolha; Zenran teve de ser renegado.

Zenran mais tarde apelou ao Shogunato em Kamakura para ser reconhecido como o legítimo herdeiro do ensinamento de Shinran, mas perdeu sua causa.

Evidentemente, ter que renegar seu próprio filho, cobriu com uma sombra escura os últimos anos de Shinran. Até sua morte, Shinran agonizou com problemas pessoais, os quais todos nós somos submetidos por sermos seres humanos. E, apesar de perceber a dificuldade de seguir o caminho do Nembutsu, ele ainda assim o seguiu até sua morte. Deixe-me citar o que Shinran escreveu aos 87 anos em uma de suas obras chamada *Shōzōmatsuwasan*:

Embora eu confie no verdadeiro ensinamento da Terra Pura,

A Mente Verdadeira é difícil de adquirir.

Tenho um ignorante e insincero corpo,

E absolutamente não tenho uma Mente Pura.

Aqui, o velho Shinran lamenta sua angústia da qual nem mesmo sua forte fé no Voto Causal do Buddha Amida conseguiu libertá-lo. Para aqueles que não são capazes de atingir a iluminação por meio da meditação, há a crescente compreensão de que exceto o Nembutsu, não há absolutamente outro caminho.

Shinran também escreveu:

*Não sei diferenciar certo de errado,
nem verdade de erro.*

*Com pouca compaixão (para com os outros),
Desejo ser um professor (para ganhar) fama e honra.
Tal homem eu sou.*

Existem muito poucas confissões que são tão honestas e baseadas numa forte reflexão como essas que foram escritas quando Shinran estava com 87 anos, exatamente dois anos antes de sua morte. Ele se encontrava em uma idade em que se poderia pensar que a riqueza de seu insight teria enfraquecido, mas a profundidade e a honestidade de sua confissão pode quase ser dita ser maravilhosa. Existe alguém que não tenha desejado honra e benefícios para si mesmo? São muito poucos os que não têm a necessidade de serem reconhecidos como um mestre pelos outros. O próprio Shinran, em sua velhice, deve ter compreendido que ele ainda não tinha deixado para trás esses muitos desejos humanos.

Datas de suas obras literárias

Parece que depois de retornar a Kyōto, quando passado dos 60 anos de idade, Shinran dedicou-se a escrever. O problema de quando o *Kyōgyōshinshō* foi escrito já foi discutido no capítulo 9. As datas das outras principais obras de Shinran estão listadas abaixo. Em geral, não há acordo a respeito das datas exatas e, por isso, darei as datas que parecem mais prováveis para mim:

1. Jōdo Wasan (Poemas sobre a Terra Pura), 1248
2. Kōsō Wasan (Poemas sobre Monges Eminentes), 1248
3. Yuishinshō Mon'i (A Essência das Notas sobre a Fé Apenas), 1250
4. Jōdo Monruijushō (Uma Coleção de Passagens sobre a Terra Pura), 1252
5. Shongo Shinzo Meimon (Notas sobre as Verdadeiras Passagens e Sagrados Nomes), 1255
6. Gutokushō (Notas de um Ignorante Tonsurado), 1255
7. Nyushutsu Nimonge (Um Ghata sobre os Portões de Entrada e Saída), 1256
8. Nyorai Nishuekōmon (Notas sobre os Dois Tipos de Transferência de Mérito do Nyorai), 1256
9. Ichinen Tannen Mon'i (Notas sobre o Chamado Único e os Muitos Chamados), 1257
10. Shōzōmatsu Wasan (Poemas sobre os Três Períodos), 1258

Não há evidência de que Shinran permaneceu em “Gōjō Nishi-no-Tōin”, como Kakunyo relata em *Denne*. Contudo, é afirmado que o clã Kujō tinha uma vila muito próxima a esse lugar. A tradição de que Shinran se casou com Tamahime, a filha de Kujō Kanezane, pode não ter se desenvolvido até depois da época de Kakunyo, mas é possível que isso se originou por causa da proximidade desses dois bairros.

Além disso, parece que o edifício em “Gojō Nishi-no-Tōin” incendiou-se e acabou por vir abaixo no décimo dia do décimo segundo mês no sétimo ano do Kenchō (1255), e parece que Shinran teve de se

mudar para um templo localizado na rua Sanjo com a estrada Tomi.

Se a intenção de Shinran em retornar a Kyōto era para colocar os ensinamentos do Jōdo Shinshu em forma de livro, ele realizou seu propósito muito bem. Em vinte anos, ele completou vários trabalhos literários e cristalizou os ensinamentos da Terra Pura definitivamente. Ele não somente fixou as bases do ensinamento para o benefício das massas de sua época, mas deixou um legado que tem sido o suporte espiritual de milhões de japoneses e um número crescente daqueles fora do Japão.

11. Nascer na Terra Pura

A morte de Shinran

Shinran morreu no vigésimo oitavo dia do décimo primeiro mês do segundo ano de Kochō (1262), com a idade de 89 anos. Em *Denne* está reproduzido este fato de modo simples:

... mostrou sintomas de uma ligeira indisposição e, desde então, parou de falar a respeito de assuntos mundanos, mas só de quão profundamente ele era grato ao Buddha. Ele constantemente repetia o sagrado nome (Namuamidabutsu). Quase ao meio-dia do 28º dia, ele se virou para o seu lado direito com sua cabeça voltada para o norte e sua face para o oeste, e quando não podia ser mais ouvido recitando o nome de Amida, significou que ele morreu.

Comparado com os muitos milagres que são registrados como tendo acontecido no momento da morte de vários monges venerados, a morte de Shinran parece ter sido bastante tranquila. As figuras de Buddha Amida, Kannon e Seishi Bosatsu não apareceram para guiar Shinran até a Terra Pura, como é registrado nas mortes de respeitados monges. Essa descrição parece ter sido escrita com o sentimento de que, embora não houvesse nada de extraordinário para recordar sobre a morte de Shinran, uma biografia seria incompleta sem alguma menção a respeito.

Existem muitas lendas sobre a morte de Hōnen. No epílogo do *Kyōgyōshinhō*, Shinran escreveu: “Muitos sinais miraculosos foram notados na hora de sua morte”. Novamente, no seu *Kōsō Wasan* (Hinos sobre Monges Eminentes), ele escreveu:

No momento da morte de Hōnen

Uma nuvem brilhante e púrpura foi vista.

O som de música da Terra Pura foi ouvido.

E uma doce fragrância de um jardim (permeou o ar).

Milagres, na realidade, não ocorreram no momento de sua morte; contudo, é natural ficarmos profundamente comovidos com a morte daqueles próximos a nós. Shinran, naturalmente, não estava presente no momento da morte de Hōnen, porém, só registrou aquilo que lhe contaram sobre esse fato.

Na realidade, contudo, como Jien relatou no *Gukanshō* (Notas de um Observador Ignorante):

Muitos se reuniram ao lado da cama de Hōnen na expectativa de verem Amida chegar para lhe dar boas-vindas na hora de sua morte; contudo, isso não aconteceu.

Não é um inesperado que a morte de grandes mestres sejam decoradas com histórias fictícias, mas, no caso de Shinran, isso não ocorreu. Por exemplo, num livro escrito em 1916, os últimos momentos de Shinran são descritos da seguinte maneira:

Quando os sons de patos retornando aos seus ninhos desapareceram na névoa do entardecer, a hora de sua morte aproximava-se. Aqueles que duvidavam da certeza de seu nascimento na Terra Pura apressaram-se e fizeram perguntas... Os tristes discípulos abriram o biombo para verem o seu querido mestre deitado. “Se eu não tiver mais ligações kármicas nesta terra, eu retornarei para a Terra Pura. Não tenho palavras para deixar. Não duvidem do sabor único da mente sincera que confia no Voto Causal do Buddha Amida e vai para a Terra Pura. Eu me sentarei sobre o lótus de sete-joias (na Terra Pura) e reservarei um lugar para vocês lá. Igual as ondas da baía de Waka, se houver um que se alegre com o Nembutsu considere que há dois. Se houver dois, saiba que há três, e que essa terceira será Shinran. Mesmo se eu desaparecesse deste mundo, o ensinamento do Nembutsu permanecerá...”

No 28º dia, durante a hora do cavalo (aproximadamente 12 horas), com sua cabeça virada para o norte e sua face para o oeste, e seguindo o exemplo do Nyorai entrando no nirvāna, ele exalou sua última respiração recitando o Nembutsu.

Como estou feliz! Se a morte do Mestre foi acompanhada por uma nuvem púrpura e fragrância de quatro quarteirões flutuou com brilhante luz e bela música, e outros inconcebíveis milagres, eu nunca seria capaz de seguir seu exemplo nesta idade da decadência da lei...

Isto acima foi escrito na métrica em que antigas narrativas eram recitadas, e eram dirigidas para os ministros do Honganji para usarem como base para seus sermões. Embora pudesse ser muito fácil fazê-lo, nenhum evento milagroso foi inventado para glorificar a morte de Shinran. Esta descrição conclui com as seguintes palavras:

Mais do que nuvens púrpuras enaltecidas, mais do que música do céu, ou mesmo luz brilhante, não existe milagre que supere as seis letras Na Mu A Mi Da Butsu.

Quando vejo como a atitude de Shinran foi preservada por seus seguidores, tal como o desconhecido escritor acima, o qual está separado dele por 700 anos, eu me sinto renovado. Tive que citar essa passagem por ser ela uma forma incomum usada por seus seguidores para relatar a morte de Shinran, e porque sinto que há mais nela que é “real” do que estudos doutrinários entendidos escritos por acadêmicos em suas torres de marfim.

Shinran obteve o nascimento na Terra Pura. Nos ensinamentos da Terra Pura, o termo “tornar-se um buddha” (*jōbutsu*) não é usado para designar morte, como é o caso em outras denominações budistas. Naturalmente, de um modo geral, os termos “nascer na Terra Pura” (*ōjō*), “tornar-se um buddha” (*jōbutsu*) e morte, têm realmente significado similar, mas como Hōnen disse: “Nascer na Terra Pura é fácil, tornar-se um buddha é difícil”. O grande erudito moderno do Shinshu, Ryōshin Soga, diz que nascer na Terra Pura significa “... nascer para a realidade (*shinjitsu ni ikiru*); desta forma, “é possível conseguir nascer na Terra Pura (enquanto ainda vivendo neste mundo), porém é impossível tornar-se um buddha” enquanto ainda vivo. Tornar-se um buddha é o extremo para o qual se esforçam aqueles que seguem a Senda dos Sábios. Entretanto, “embora o termo Senda dos Sábios seja usado, neste mundo de ilusão (este mundo de impurezas), é possível tornar-se um buddha por meio de práticas religiosas?” Até que o corpo físico seja consumido, não podemos nos tornarmos um buddha.

Na visão de Daiei Kaneko, nascer na Terra Pura é a esfera do sentimento realizado através do Nembutsu pela grande maioria de nós que não pode escapar de nossos desejos carnis, e tornar-se um buddha é o objetivo final daqueles poucos que têm a capacidade de seguir a Senda dos Sábios.

De qualquer forma, o termo “nascer na Terra Pura” é usado nos ensinamentos da Terra Pura. Atualmente, ao contrário da interpretação de Ryōshin Soga de “ir para a Terra Pura e despertar para a vida”, a interpretação comum é “ir para a Terra Pura e nascer”. Contudo, o ensinamento da Terra Pura não pode permanecer se o sentimento de desejar nascer no “outro mundo” é desprezado. Neste ponto, os ensinamentos da Terra Pura e os da Senda dos Sábios diferem.

Embora sua esposa Eshinni não estivesse ao lado de sua cama, se supõe que Kakushinni, a filha de Shinran, e seu filho Masukata, e vários de seus discípulos estavam. Professor Akamatsu escreveu:

De Echigo, Masukata, um dos filhos de Shinran, vai até Kyōto representando Eshinni, a esposa de Shinran, e seus outros irmãos. Outros, tais como Kenchi de Takada de Shimotsuke-no-kuni (atualmente prefeitura de Tochigi) e Senkai de Tōtōmi-no-kuni (atualmente prefeitura de Shizuoka) também vão para estarem ao lado do leito de morte de Shinran...

mas há pouca evidência para se afirmar isso.

Não parece provável que muitos monges e leigos estivessem presentes como aconteceu no caso da morte

de Hōnen.

Pouco antes de sua morte, no 12º dia do décimo primeiro mês de 1262, Shinran escreveu uma carta endereçada para “aqueles de vocês em Hitachi”, que é o termo coletivo usado por Shinran para se referir aos seus discípulos naquela região. Essa carta pode ser considerada seu testamento.

A respeito da “mãe de Imagozen”, que é conhecida por ser sua filha, Kakishinni, Shinran escreveu que se ele tivesse terra, ele a transferiria para ela como uma herança, mas visto que ele nada tinha de valor para deixar, ele pediu que tivessem pena dele. Shinran também lhes pediu para cuidarem de “Sokushō”, que se acredita ser seu filho Han’i ou Masukata, “porque Sokushō não tem como se manter sozinho”.

Como essa carta indica, Shinran agonizou e preocupou-se com seus filhos até o momento de sua morte. As identidades de “a mãe de Imagozen” e “Sokushō” mencionadas na carta não foram confirmadas além de qualquer dúvida. Historiadores ainda discutem sobre os méritos de vários fragmentos de evidência, e atualmente é impossível tirar alguma conclusão.

O local da morte de Shinran

Como mencionado anteriormente, o local onde Shinran passou suas últimas horas foi o templo Jin’u’s Zempō. O local dado por Kakunyo em *Denne* é “sul de Oshi-no-Kōji (estrada Oshi) e leste de Mari-no-Kōji (estrada Mari)”.

Kakunyo pode ter incluído a informação de que Shinran morreu no templo Zempō por tê-la ouvido de fontes seguras; há poucas razões para se duvidar de que Shinran tenha morrido lá. A questão de onde o Templo Zempō estava exatamente localizado em termos da atual Kyōto, contudo, é um assunto de alguma controvérsia. Isso é devido ao fato de que a única coisa que todos os estudiosos concordam é que o local ao “sul de Oshi-no-Kōji e leste de Mari-no-Kōji” na moderna Kyōto não é o mesmo que na época de Shinran. Já ocorreram muitos incêndios e desastres naturais na longa história de Kyōto, e a localização das ruas mudou muito, embora muitos dos nomes das ruas continuem os mesmos.

Além desse problema há o fato de que Kyōto era dividida em duas partes com os mesmos nomes de ruas em ambas as partes. Desta maneira, existiam dois lugares que poderiam ser o local dado indicado como ao “sul de Oshi-no-Kōji e leste de Mari-no-Kōji”. Na época de Shinran, a designação “à esquerda da metrópole” (*sakyō*) ou “lado direito da metrópole” (*ukyō*) teria sido adicionado para indicar o que seria “sul de Oshi-no-Kōji e leste de Mari-no-Kōji”. Infelizmente, Kakunyo não fez essa distinção.

Devido a essas razões acima, existem vários lugares na atual Kyōto que são declaradas como sendo o local exato onde Shinran morreu. Ambos os ramos Nishi e Higashi Honganji sugerem seus locais favoritos. Embora não exista *nishi* nem *higashi* no Nembutsu ensinado por Shinran, não se pode negar que haja rivalidade entre esses dois com relação ao local em que ocorreu a morte de Shinran. Se você pertence a um ou a outro desses dois ramos principais, você não pode desprezar a posição tradicional que cada ramo dá referente a esse assunto. Oficialmente, os ramos Nishi e Higashi Honganji não reconhecem os argumentos em relação ao local propostos pelo outro.

Os dois principais locais que são declarados como o terreno sobre o qual se erguia o Templo Zempō, são o Templo Sumi-no-bō localizado em Yama-no-Uchi, na parte esquerda de Kyōto e mantido pelo ramo Nishi Honganji, e a Ryūchi Junior High School localizada entre as ruas Nijō e Oike, na parte direita e mantida pelo ramo Higashi Honganji.

Vamos deixar de lado atitudes sectárias e seguir esse assunto tão objetivamente quanto possível.

Professor Kakuei Miyaji defende a seguinte opinião a respeito do assunto:

No capítulo seis de *Denne*, Kakunyo disse que Shinran estava vivendo em “Chōan Fuyoku” quando morreu. Chōan foi a antiga capital da China e Fuyoku era um distrito na parte oriental daquela cidade. Na época de Kakunyo, como consideravelmente durante a maior parte da história japonesa, muitos lugares eram designados por nomes chineses, a partir da ideia de que o Japão poderia de certo modo participar da tradição clássica chinesa se tais referências fossem usadas. Assim todos naquela época sabiam que Kakunyo se referia a Kyōto quando escreveu “Chōan Fuyoku”.

Por causa da referência a Fuyoku, a qual tínhamos dito estar na parte oriental da antiga capital chinesa de Chōan, professor Miyaji concluiu que Kakunyo tinha em mente a “sul de Oshi-no-Kōji e a leste de Mari-no-Kōji” localizado no lado direito ou oriental de Kyōto. Ele acha que o Templo Sumi-no-bō não pode ser o local em que Shinran morreu, como o ramo Nishi Honganji diz ser, porque ele está no ocidente ou à esquerda da atual Kyōto. Baseado em suas indagações, professor Miyaji acredita que a antiga localização do templo Zempō seja no atual cruzamento entre as ruas Sanjo e Yanagi-no-bamba. Isso tende a apoiar a declaração do ramo Higashi Honganji devido a esse local estar somente a duas quadras ao sul da Ryūchi Junior High School.

Além da afirmação de Kakunyo de que Shinran morreu no templo Zempō localizado “ao sul de Oshi-no-Kōji e a leste de Mari-no-Koji” há outro ponto de evidência que deve ser levado em conta. Como já foi mencionado, no 14º dia do 12º mês de 1258, Kenchi, um discípulo de Shinran, visitou-o no templo Zempō. Uma carta escrita de próprio punho por Kenchi mencionando essa visita está preservada no Templo Senshu do ramo Takada, de modo que não há dúvida sobre essa visita. Nessa carta Kenchi escreveu que Shinran estava vivendo no Templo Zempō localizado na “Sanjō Tomi-no-Koji”(rua Sanjō e estrada Tomi), que é precisamente ao “sul de Oshi-no-Kōji e oeste de Mari-no-Kōji” na atual Kyōto.

Por causa dessa antiga evidência fornecida pela carta de Kenchi, não deveria haver dúvida de onde o Templo Zempō se erguia; contudo, permanece o problema de que Oshi-no-Kōji, Mari-no-Kōji, Sanjō e Tomi-no-Kōji na moderna Kyōto não estão no mesmo lugar que na época de Shinran. Kyōto foi destruída várias vezes e os locais das ruas foram mudados. Ainda que os locais “sul de Oshi-no-Kōji e leste de Mari-no-Kōji” e “Sanjō Tomi-no-Kōji” coincidam na Kyōto atual, não é possível dizer com absoluta certeza que isso nada mais é do que coincidência.

Complementando a incerteza está o fato de que a rua central que dividiu Kyōto em partes direita e esquerda na época de Shinran, não era a rua Karasuma como é hoje; ela era o que agora é a rua Ōmiya, que fica a várias quadras a oeste. O local do Templo Zempō como sendo ao “sul de Oshi-no-Kōji e leste de Mari-no-Kōji”, portanto, poderia estar mais a oeste do que imaginamos ser hoje.

Seguindo a linha de raciocínio dada pelo professor Miyaji, eu usei a mesma fonte que ele e cheguei à conclusão de que “sul de Oshi-no-Kōji e leste de Mari-no-Kōji”, mencionado por Kakunyo, deve estar no lado esquerdo de Kyōto. Para isso, considere a passagem em que kakunyo descreve o cortejo que carregou os restos mortais de Shinran até o seu local de enterro. Kakunyo escreveu:

...seus restos mortais foram carregados (do Templo Zempō) ao longo da trilha leste do rio até o Templo Ennin, na rampa ocidental do Mt. Higashi e ao sul da planície Toribe.

A tradução acima da passagem de Kakunyo não é completamente correta. A parte traduzida como “... ao

longo da trilha leste do rio...” em japonês é “*Harukani katō no michi wo ete...*”. A frase inteira começa com a palavra *haruka*, que significa “a grande distância”, e sua posição no começo implica que se deveria dar ênfase nisso. O sentido da frase é de que havia uma grande distância do Tempo Zempō, onde Shinran morreu, até onde seus restos mortais foram transportados. Se o “Sanjō Tomi-no-Kōji”, mencionado na carta de Kenchi, era na parte oriental direita de Kyōto, ele não seria muito longe onde Shinran foi enterrado, e a palavra *haruka* não faria muito sentido. Por outro lado, se “Sanjō Tomi-no-Kōji” é considerado estar na parte ocidental ou esquerda de Kyōto, a descrição de Kakunyo seria bem razoável. Porém, isso negaria a conclusão do professor Miyaji, e apontaria o Templo Sumi-no-bō como o local onde Shinran morreu.

Claro, se Kakunyo usou a palavra *haruka* em um sentido literário, então, a perspectiva que acabou de ser expressa não teria nenhum significado. Mas, então, a posição do professor Miyaji não seria melhor baseada também... o que é meramente dizer que ainda não podemos apontar com absoluta certeza o local onde Shinran passou suas últimas horas.

Shinran foi cremado no Templo Ennin e suas cinzas foram enterradas em Ōtani, localizado ao norte da planície Toribe. O Templo Ennin não existe mais; contudo, há um monumento de pedra com a inscrição: “O local da cremação de Shinran”, no lugar onde se acredita que o Templo Ennin se erguia.

De acordo com *Denne*, no inverno de 1272, a tumba de Shinran:

...foi levado de Ōtani, localizado a oeste do Mt. Higashi e ao norte da planície Toribe, até um local mais a oeste do Mt. Higashi e ao norte de Yoshimizu. Uma estrutura simples foi erigida ali e um retrato de Shinran foi colocado dentro.

O guardião desse edifício era chamado *Rusushiki* e a primeira pessoa a ocupar essa posição foi Kakushinni, a filha mais nova de Shinran.

Se diz que o edifício contendo o retrato de Shinran estava localizado onde o Templo do ramo Sutai do Templo Geral Chion da escola Jōdo está atualmente localizado.

A grande organização Honganji começou dessa simples estrutura localizada a “oeste do Mt. Higashi e ao norte de Yoshimizu”. Contudo, a história dessa organização é bastante diferente da história do próprio Shinran e, assim, agora parece um bom momento para descansar minha pena.

BREVE CRONOLOGIA

Ano	Eventos na vida de Shinran	Eventos relacionados
1173	Nascimento	
1175		Hōnen inicia o ensinamento do Caminho do Nembutsu
1180		O clã Minamoto ataca o clã Heike
1181	Entrada no monasticismo	O líder do clã Heike morre
1182		Nascimento de Eshinni?
1185		Clã Heike derrotado
1198		Hōnen escreve o Senjakushū
1201	A vigília no templo Rokkaku. Torna-se discípulo de Hōnen	
1205	Recebe permissão para copiar o Senjakushū de Hōnen	
1207	O Ensinamento do Nembutsu de Hōnen é proibido pela corte imperial. Exilado para Echigo	Hōnen exilado. Juren e Anraku são executados. Kujō Yoshitsune morre
1211	Perdoado	
1212		Hōnen morre. Zaijarin ataca o Senjakushū escrito por Myōe
1214	Muda-se para região de Kanto, passando através da cidade de Sanuki	
1224	Kyōgyōshinshō completado? Em Inada?	Kakushini nasce? Hōjo Yoshitoki morre
1231	Recita o Jōdo Sambukyō em delírio	
1235	Retorna a Kyōto?	O Shogunato Kamakura proíbe o ensinamento do Nembutsu
1243	Escreve carta transferindo Iyaonna	
1258	Kenchi visita Shinran em Kyōto	
1262	Morre no dia 28 do 11º mês no templo Zempō. É cremado no Templo Ennin no dia seguinte	

Agradecimentos do Autor

Gostaria de agradecer o Reverendo Keizo Norimoto da Sangha Budhista da América: Reverendo Tsuyoshi Hirosumi do Higashi Honganji; Reverendo Gisho Himeiji do Myoenji, Shimonoseki, Japão; e Mr. Ken'ichi Yokogawa por seu incentivo e ajuda na produção deste trabalho.

Somente lágrimas de gratidão podem expressar meu apreço ao professor Daiei Kaneko que tão gentilmente consentiu em escrever o ensaio introdutório.

Especiais agradecimentos são dirigidos ao Reverendo Norimoto que não somente ajudou com o texto, mas também pintou as letras no começo de cada capítulo [*do livro original*]. As letras são *hiragana*, o alfabeto da língua japonesa, pintadas no antigo estilo chamado de *hentai*; são dispostos na ordem *i-ro-ha* atribuída ao grande mestre budhista Kobo Daishi.

Nota do Tradutor

Em meados da década de 90, José Carlos Reis, um aluno do Centro de Estudos Budistas Nalanda, me apresentou um esboço de tradução do livro que você tem em suas mãos. Eu havia dado a ele uma cópia do livro em inglês para ele treinar a prática da língua inglesa, ao mesmo tempo em que se dedicava ao estudo da doutrina budista da Terra Pura, que começava a lhe interessar. Para minha grata surpresa, ele não apenas começou a estudar o livro, mas também se dedicou a fazer uma tradução inicial para a língua portuguesa.

Pelos próximos quase vinte anos esse rascunho esteve comigo, período no qual recebeu diversas revisões, modificações e comparações com o original. Finalmente chegou o momento de ver a luz do dia. Acredito que esta seja a mais completa biografia do ilustre fundador da Verdadeira Escola da Terra Pura (*Jōdo Shinshū*), o mestre Shinran, a aparecer até agora em língua portuguesa, e fico muito feliz em colaborar para que essa ramificação da tradição budista seja melhor conhecida em terras brasileiras.

Meu agradecimento especial vai para o Professor Norihiko Kikumura que muito gentilmente, ainda na década de 90, permitiu a tradução deste livro em nossa língua. Que seu trabalho metuculoso sirva para o bem de muitos seres.

Ricardo Sasaki
dhammacariya dhanapala
mahasadhammajotikadhaja

Centro de Estudos Budistas Nalanda
<http://nalanda.org.br>

Edições Nalanda

É o braço editorial do Centro de Estudos Budistas Nalanda, que se dedica à publicação de livros sobre a tradição budista, a experiência contemplativa e temas relacionados ao Oriente-Occidente. Nosso objetivo primário é fornecer um material literário relevante para o leitor moderno e para esse fim nos dedicamos à publicação de obras clássicas e fundamentais, bem como comentários contemporâneos, devotando especial atenção à preservação e transmissão fidedignas das linhagens espirituais dos textos em questão.

Se você quiser receber nosso catálogo completo ou ficar informado sobre futuras publicações e receber semanalmente trechos de livros, notícias de eventos e cursos, por favor, entre em contato com o email: nalanda@nalanda.org

Edições Nalanda
R. Albita 194/701
30310-160 Cruzeiro
Belo Horizonte MG
telefone: (031) 9651.6369
<http://nalanda.org.br/>
email: nalanda@nalanda.org

Este é um livro que veicula os ensinamentos espirituais do Buddha, os quais abrem a todos os seres do mundo uma via de libertação em relação ao sofrimento. Por favor, trate-o com respeito e cuidado.

Outros Títulos de Edições Nalanda

Revista Sati: volume 1
(*Integrando Estudo e Prática*)

Vários Autores

A Revista Sati é uma publicação do Sati Center for Buddhist Studies dos Estados Unidos. Esta é a tradução em língua portuguesa realizada pelo Grupo de Tradução do Centro de Estudos Budistas Nalanda / Brasil, com a autorização da equipe da Revista Sati.

Esta edição inaugural com 120 páginas trata do tema da integração do estudo e da prática no caminho espiritual budista. Eminentemente professores refletem sobre assuntos fundamentais tanto para aqueles que desejam começar seu estudo e prática do Budismo quanto para aqueles que já estão há muito tempo neste caminho.

Qual o equilíbrio que deve haver entre estudo e prática? É possível a prática da meditação sem o estudo? E apenas estudar, sem a prática? Discussões maduras ocorrem sobre o modo de o Buddha ensinar; o lugar das mulheres no ensino; os perigos do excesso; a visão filtrada que desenvolvemos a respeito do Budismo a partir de nossas premissas ocidentais; qual a melhor forma de estudar; e diversas sugestões de o quê estudar e como integrar a meditação nesse programa.

Uma coletânea essencial para a correta apreciação do caminho espiritual budista.

Conteúdo:

Editorial por Gil Fronsdal

Aprendendo com o Buddha por Ven. Bhikkhu Bodhi

Aprendendo com o Therigatha por Nona (Sarana) Olivia

O Buddha através da Bíblia por Ven. Thanissaro Bhikkhu

Começando com os Suttas por Ven. Thanissaro Bhikkhu

Estudar para ir além do Budismo por Gil Fronsdal

Três Tipos de Sabedoria: Estudo, Reflexão & Meditação, uma entrevista com Stephen Batchelor

Aprimorando a Prática com o Estudo por Richard Shankman

Resenha de Livro: 'What the Buddha Thought' por Richard Gombrich

ADQUIRA AGORA SE ESTIVER CONECTADO

Pensando o Buddhismo

Ven. Bhikkhu Bodhi

Nosso primeiro encontro com o Buddhismo nos confronta com um paradoxo.

Intelectualmente, ele parece ser o deleite do livre pensador: sóbrio, realista, não dogmático, quase científico, em sua estrutura e em seu método.

Mas, se entramos em contato íntimo com o Buddhismo vivo, descobrimos logo que ele tem outro lado que parece ser a antítese de todos os nossos pressupostos racionalistas.

Ainda aqui não encontramos credos rígidos ou especulações aleatórias, mas não deixamos de encontrar ideais religiosos de renúncia, contemplação e devoção; um corpo de doutrinas lidando com temas que transcendem percepção sensorial e o pensamento; e - talvez o que seja mais desconcertante:

Um programa de treinamento no qual a fé aparece como uma virtude cardeal e a dúvida como um obstáculo, barreira e grilhão.

"Pensando o Buddhismo" é uma coletânea de 30 ensaios do Venerável Bhikkhu Bodhi, o bem conhecido expositor moderno das doutrinas budistas, tradutor emérito das escrituras budistas e ex-Presidente da Buddhist Publication Society (BPS). Eles apresentam um diversificado panorama do Buddhismo em suas várias facetas, com profundas e claras reflexões sobre a aplicação dos princípios budistas às questões do mundo moderno. Tradução: Equipe Nalanda

ADQUIRA AGORA SE ESTIVER CONECTADO

Céu Azul Verde Mar:
Noções sobre o Budhismo Coreano

Ricardo Sasaki

O Budhismo Coreano é uma das formas mais interessantes que tomou o ensinamento do Buddha nas terras asiáticas. Tendo em sua milenar história eruditos notáveis, monges dedicados e fiéis devotos, o Budhismo que floresceu na Coréia possui características únicas. O compromisso de seus representantes em compreender profundamente a herança chinesa que receberam e resolver as dificuldades filosóficas que se evidenciaram durante o processo de transmissão dotou o Budhismo Coreano de uma tonalidade conciliatória e sintética, disposta a levar às últimas consequências a análise detalhada dos textos e doutrinas herdadas a fim de encontrar o ponto em comum entre elas.

Conhecida como t'ong pulgyo (“Budhismo Interpenetrado”), essa é uma das características marcantes desse Budhismo que se desenvolveu entre duas poderosas forças, o Budhismo Chinês e o Japonês. A constante busca de conciliação doutrinal entre todas as formas de Budhismo desenvolvidas na Índia e na China, torna o Budhismo Coreano especialmente interessante na época multiculturalista em que vivemos.

Neste livro, Ricardo Sasaki alinha, em quinze capítulos, sua experiência pessoal com o Budhismo Coreano com a descrição histórica de seu desenvolvimento. Um poema inicial se torna o fio condutor que levará o leitor a descobrir um novo mundo de significado:

“O Céu Azul e o Verde Mar
São a Face Original do Buddha.
O som da cachoeira e o canto do pássaro
São as grandes escrituras.
Onde você está indo?
Olhe os seus passos.
A água flui para o mar
As nuvens flutuam em direção aos céus”.

ADQUIRA AGORA SE ESTIVER CONECTADO

Passo a Passo:
Meditações sobre a sabedoria e a compaixão

Venerável Phra Maha Ghosananda

O autor foi o Supremo Patriarca do Budismo do Camboja, quatro vezes indicado ao Prêmio Nobel da Paz, fundador e membro honorário de inúmeras instituições pela paz. O livro é um relato comovente da história do Camboja e uma coleção de meditações sobre a sabedoria e a compaixão tiradas da experiência de Maha Ghosananda como mestre de meditação e trabalhador internacional pela paz.

O prefácio é de Jack Kornfield, um professor internacionalmente reconhecido de meditação do insight (vipassanā). Seu prefácio começa assim:

“Desde que o encontrei há mais de vinte anos, Maha Ghosananda representou para mim a essência da doce generosidade e a coragem imbatível do coração. Apenas estar em sua presença, experienciar seu sorriso e a contaminante bondade amorosa que flui de si, é curar o espírito. Vi Maha Ghosananda em muitas circunstâncias: praticando como monge da floresta, como uma figura paterna para as crianças cambojanas, como um tradutor e erudito de quinze línguas, como um mestre de meditação para estudantes ocidentais, como um ativista da paz nas Nações Unidas e como um dos tesouros-vivos do Camboja liderando as comunidades de refugiados khmer pelo mundo. Nestas situações, seu coração tem permanecido infalivelmente cheio de compaixão e alegria, emanando os ensinamentos de simplicidade e amor. Ele ofereceria e ofereceu o manto de seus ombros e a comida de sua tigela para qualquer um que necessite...”

ADQUIRA AGORA SE ESTIVER CONECTADO

Jóias Raras do Ensino Budista

Vários Autores

“Jóias Raras do Ensino Budista” é uma coletânea de artigos de autores contemporâneos da tradição budista. Seu objetivo é introduzir o leitor a um novo mundo de significado por meio do olhar de pessoas que buscaram compreender e seguir aquilo que o Buddha ensinou.

Autores presentes no livro: Leonard A. Bullen, Khammai Dhammasami, Ayya Khema, Maha Ghosananda, Gyomay Kubose, Koyo Kubose, Bhikkhu Bodhi, Rewata Dhamma Sayadaw, Francis Story, Godwin Samararatne, Ajahn Payutto, Ajahn Chah, Ajahn Buddhadasa.

Numa combinação de autores monásticos e praticantes leigos, este livro aborda temas variados desde o Budismo enquanto treinamento da mente, práticas meditativas, aplicação na vida diária, até sua visão de justiça social, o lugar do amor e da compaixão, e dicas importantes sobre como lidar com o envelhecimento, sofrimento e o processo de morrer. A essência dos ensinamentos é destilada nas palavras de quem realmente estudou e praticou.

ADQUIRA AGORA SE ESTIVER CONECTADO